



IPL

escola superior de educação
e ciências sociais
instituto politécnico de leiria

AS RELAÇÕES PARENTAIS EM CONTEXTO FAMILIAR VISTAS À LUZ DE TEORIAS EDUCACIONAIS

MÔNICA FERREIRA DE SOUZA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Trabalho realizado sob orientação
da Professora Doutora Antónia Belchior Ferreira Barreto

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

LEIRIA, DEZEMBRO DE 2020

AS RELAÇÕES PARENTAIS EM CONTEXTO FAMILIAR VISTAS À LUZ DE TEORIAS EDUCACIONAIS

MÔNICA FERREIRA DE SOUZA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Trabalho realizado sob orientação
da Professora Doutora Antónia Belchior Ferreira Barreto

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

LEIRIA, DEZEMBRO DE 2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, ao meu esposo, Rodrigo Laureano, que sempre esteve ao meu lado, grande colaborador e incentivador e ao meu querido filho, João Pedro Laureano, que foi uma das fontes de minhas expirações, luz da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Esta tese é o resultado de bem mais que dois anos do curso de Mestrado, dado a minha paixão por educação e desenvolvimento social, mas que coincidiu com o momento de pandemia do coronavírus, e que infelizmente nos limitou em muitos itens importantes para o desenvolvimento da tese como o contato físico, acesso às bibliotecas, escolas, entre outros e que por isso, mais do que nunca não posso deixar de agradecer:

A Deus que sempre coloca no meu caminho pessoas especiais. Aquele que me concede forças para vencer os obstáculos da vida e que nos ensina a amar o próximo. Educar é amar!

À Professora Doutora Antónia Belchior Ferreira Barreto por me orientar neste trabalho com tanta maestria, dedicação, motivação e também por ter estado sempre presente, pronta a ajudar-nos, durante todo o mestrado.

A todos os meus professores do Mestrado em Ciências da Educação e Desenvolvimento Comunitário - Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

A todos os professores que passaram por minha trajetória académica e despertaram em mim grande paixão pela educação, em especial de crianças.

Ao Politécnico de Leiria pela oportunidade de acesso e pela estrutura eficaz.

Ao Mestrado em Ciências da Educação e Desenvolvimento Comunitário - Escola Superior de Educação e Ciências Sociais pelo curso ministrado com louvor.

À todas as mães voluntárias que participaram da entrevista para este trabalho.

RESUMO

Durante milhares de anos, pais aprenderam a criar os seus filhos com avós, tios e vizinhos em circunstâncias relativamente estáveis, juntavam-se ao redor da fogueira para partilhar as suas experiências e conhecimentos que eram passados de geração em geração. Com a migração das famílias para as grandes cidades, a sabedoria e o apoio de parentes e amigos perderam-se, comprometendo os recursos da arte de criar filhos.

Os profissionais de diversas áreas precisam de estudar durante anos ininterruptos para se tornarem aptos a exercer uma profissão; para os pais só é necessário ter os filhos, e de certa forma os filhos são “entregues ao acaso”. No entanto no mundo ocidental a escolaridade obrigatória faz com que todos estejam mais informados sobre o que é ser criança e como esta deve ser educada. Os direitos da criança são constantemente referidos. As famílias educam os seus filhos como acreditam ser o melhor. Há um senso comum sobre o assunto que muitas vezes é incompleto e/ou assenta em bases deturpadas quanto ao conhecimento sobre o desenvolvimento da criança.

Neste trabalho quisemos conhecer como são educadas algumas crianças brasileiras e relacionar os procedimentos educativos das suas educadoras(mães) com as teorias e métodos educacionais mais conhecidos no Brasil(Montessori, Piaget e Vigostki) afim de perceber se intuitivamente os procedimentos educativos usados são concordantes com as teorias e métodos. Apresentamos a evolução do desenvolvimento educacional da criança no Brasil e as teorias educacionais mais relevantes no contexto brasileiro. Como trabalho empirico analisamos aspetos das relações parentais em contexto familiar que enquadrámos nas teorias e métodos educacionais. A pesquisa qualitativa foi de natureza exploratória.

Em relação às mães entrevistadas podemos concluir que os procedimentos mais importantes das relações parentais se enquadram nos pensamentos dos teóricos mais presentes na educação no Brasil, o que nos permite dizer que para estes casos se verifica uma grande evolução do pensamento e da ação sobre a criança.

PALAVRAS-CHAVE – EDUCAÇÃO, PARENTALIDADE, VALORES, EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

ABSTRACT

For thousands of years, parents learned to raise their children with grandparents, uncles and neighbors in relatively stable circumstances, gathered around the campfire to share their experiences and knowledge that were passed down from generation to generation. With the migration of families to large cities, the wisdom and support of relatives and friends were lost, compromising the resources of the art of raising children.

Professionals in different fields need to study for years without interruption to become able to practice a profession; for parents it is only necessary to have children, and in a way the children are “left to chance”. However, in the Western world, compulsory education makes everyone more informed about what it is to be a child and how it should be educated. The rights of the child are constantly referred to. Families educate their children as they believe to be the best. There is a common sense on the subject that is often incomplete and / or based on misrepresentation regarding knowledge about the child's development.

In this work we wanted to know how some Brazilian children are educated and to relate the educational procedures of their educators (mothers) with the most well-known theories and educational methods in Brazil (Montessori, Piaget and Vigostki) in order to intuitively understand whether the educational procedures used are in agreement with the theories and methods. We present the evolution of children's educational development in Brazil and the most relevant educational theories in the Brazilian context. As empirical work, we analyze aspects of parental relationships in a family context that we fit into educational theories and methods. The qualitative research was exploratory in nature.

In relation to the interviewed mothers, we can conclude that the most important procedures of parental relationships fit the thoughts of theorists most present in education in Brazil, which allows us to say that for these cases there is a great evolution of thinking and action on the child.

KEYWORDS - EDUCATION, PARENTALITY, VALUES, EDUCATION FOR DEVELOPMENT

ÍNDICE GERAL

DEDIATÓRIA.....	iii
AGRADECIMENTOS.....	iv
RESUMO.....	v
ABSTRACT.....	vi
ÍNDICE GERAL.....	vii
INTRODUÇÃO	1
1 - EVOLUÇÃO DA PERSPETIVA EDUCACIONAL SOBRE A CRIANÇA	3
1.1 – NASCIMENTO DA IDEIA DE CRIANÇA.....	3
1.2 – HISTÓRIA DA INFÂNCIA NO BRASIL.....	6
1.2.1 – NOS PRIMEIROS ANOS DA COLÔNIA.....	6
1.2.2 – PAPEL DOS JESUÍTAS NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA	8
1.2.3 – FINALMENTE A IDEIA DE CRIANÇA!.....	12
1.2.4 – O PERÍODO POMBALINO E A EDUCAÇÃO.....	15
1.2.5 - A CHEGADA DA FAMÍLIA REAL AO BRASILEIRA....	17
1.2.6 - A REPÚBLICA E A EDUCAÇÃO.....	20
1.2.7 - A DITADURA MILITAR.....	22
1.2.8 . SITUAÇÃO ATUAL DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....	24

1.2.9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
2 – TEORIAS EDUCACIONAIS E PEDAGOGOS MAIS DIFUNDIDOS NO BRASIL.....	27
2.1 - MARIA MONTESSORI E A SUA VISÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL.....	27
2.2 - LEV VYGOTSKY E A SUA VISÃO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	32
2.3 - JEAN PIAGET E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.....	39
3 – METODOLOGIA.....	45
3.1 – PROBLEMÁTICA, PERGUNTA DE PARTIDA, OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO,	45
3.2-DESENHO DA INVESTIGAÇÃO.....	45
3.3-TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS.....	46
3.4 – POPULAÇÃO DO ESTUDO PERFIL DAS ENTREVISTADAS....	47
3.5-TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS.....	49
4 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	50
4.1 – ASPECTOS DA RELAÇÃO DE PARENTALIDADE.....	50

RELACIONAMENTO.....	50
A REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES DA VIDA PRÁTICA.....	51
CONEXÃO ENTRE PAIS E FILHOS.....	55
APLICAÇÃO DE PRÉMIOS E CASTIGOS.....	57
INTERAÇÃO SOCIAL DAS CRIANÇAS.....	60
INCENTIVO À CRIATIVIDADE DAS CRIANÇAS.....	61
IMPORTÂNCIA DA VIDA ESCOLAR.....	62
4.2 PRINCÍPIOS ORIENTADORES NA RELAÇÃO PARENTAL.....	64
A PRESENÇA É O MELHOR PRESENTE.	64
RESPONSABILIDADE DAS CRIANÇAS.....	65
AUTONOMIA	66
RESPEITO DOS ADULTOS PELA CRIANÇA.....	68
SER EXEMPLO.....	69
CONCLUSÃO.....	71
BIBLIOGRAFIA.....	74
ANEXOS.....	78

ANEXO I – GUIÃO DA ENTREVISTA.....	78
ANEXO II – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO	80
ANEXO III – ENTREVISTAS.....	85
ENTREVISTA 1.....	85
ENTREVISTA 2.....	88
ENTREVISTA 3.....	90
ENTREVISTA 4.....	92
ENTREVISTA 5.....	95
ENTREVISTA 6.....	100

INTRODUÇÃO

Os profissionais de diversas áreas estudam durante anos ininterruptos para se tornarem aptos a exercer a profissão. Um engenheiro qualifica-se para construção de estradas ou construção de prédios e casas. Um médico especializa-se para cuidar de pessoas. Para a criação dos filhos, no entanto, não há exigência de qualificação. Entretanto há uma enorme cobrança da sociedade, no que diz respeito à educação dos filhos , especialmente às mães.

Durante milhares de anos pais aprenderam a criar os seus filhos com avós, tios e vizinhos em circunstâncias relativamente estáveis, juntavam-se ao redor da fogueira para partilhar suas experiências, conhecimento que eram passado de geração para geração.

Com a migração das famílias para as grandes cidades, a sabedoria e o apoio de parentes e amigos perderam-se, comprometendo os recursos da arte de criar filhos. A partir daí a criação dos filhos tornou-se uma constante batalha de tempo parcial, terceirizada a parentes, babás ou escolas. Mas ao mesmo tempo a formação das famílias é mais elevada e o seu conhecimento sobre o desenvolvimento da criança tem sido aprofundado ao mesmo tempo que ficam mais sérias as exigências de cumprimento dos direitos das crianças.

Neste trabalho vamos identificar alguns procedimentos parentais e relacioná-los com teorias e métodos educacionais para percebermos se há convergência ainda que intuitiva entre ambos. Isto leva-nos a refletir sobre a necessidade de formação na área do desenvolvimento da criança por parte de quem educa:

...é necessário que o adulto se “prepare” para sua missão de educar.

Enganar-se-ia o professor (adulto) que imaginasse poder preparar-se para sua missão de educar apenas por meios de alguns conhecimentos e estudos. Acima de tudo, exigem-se determinadas disposições de ordem moral.

I. O ponto essencial da questão depende de como se deve observar a criança e do fato de não se poder limitar a um exame exterior, como se fosse o caso de um conhecimento teórico a respeito da maneira de instruir e educar as crianças.

II. “Insistimos em afirmar que o professor (adulto) deve preparar-se interiormente, estudando-se a a si mesmo, a fim de conseguir suprimir

os próprios defeitos ..., que constituem um obstáculo as suas realizações com as crianças.

... O adulto preocupa-se excessivamente com as “tendências das crianças”, com a maneira de “corrigir os erros das crianças”, ..., quando deveria começar por estudar os próprios defeitos, as suas más tendências”.

“Para se chegar a ser educador não é necessário pretender “ser perfeito, sem fraquezas”.

... Se desejamos educar, devemos ser educados. (Montessori, 1989, p. 165)

A presente pesquisa estabeleceu como pergunta de partida: Existe convergência nas relações parentais com os princípios defendidos nas teorias e métodos educativos?

Estabelece-se o seguinte objetivo geral: interpretar as relações parentais desenvolvidas no contexto familiar à luz das teorias educacionais. E como objetivos específicos:

- identificar procedimentos usados nas relações parentais;
- interpretar as percepções dos pais sobre esses procedimentos;
- relacionar os procedimentos e percepções com os princípios apresentados nas teorias e métodos educativos.

O trabalho está dividido em 2 partes: parte teórica e parte empírica. A parte teórica é composta por 2 capítulos. No primeiro capítulo analisamos a temática da evolução educativa da criança, contextualizando a história da criança a partir da idade média e a história da infância no Brasil a partir do 1530 até aos nossos dias.

No segundo capítulo foram abordadas as biografias e pensamentos dos educadores mais relevantes no Brasil que são: Montessori, Piaget e Vygotsky,

A segunda parte do trabalho, corresponde ao estudo empírico. É apresentada a metodologia de investigação (capítulo 3) e a apresentação, a análise e discussão dos resultados obtidos na pesquisa (capítulo 4). Foi realizada uma pesquisa de natureza exploratória, assente no paradigma qualitativo. Foram aplicadas 6 entrevistas semiestruturadas às mães para conhecer como funcionam as relações parentais no contexto familiar e de seguida enquadrámos esses procedimentos em teorias educacionais. Finalmente apresentamos a conclusão, a bibliografia e anexos.

Parte Teórica

Capítulo 1.

EVOLUÇÃO DA PERSPETIVA EDUCACIONAL SOBRE A CRIANÇA

1.1- NASCIMENTO DA IDEIA DE CRIANÇA

Atualmente é normal pensar-se no sentimento materno, com a ideia de amor incondicional que as mães têm de ter pelos seus filhos. Tanto a ideia de amor materno, quanto de sentimento de infância, nem sempre foi inerente ao ser humano, mas sim, foram construídas ao longo dos séculos, pois sempre tivemos crianças, mas nem sempre tivemos infância.

A infância tal como é considerada hoje nem sempre existiu. Hoje nós temos um grande avanço em relação à educação da criança, no que diz respeito à família e também à escola. Segundo Ariés (1978) a criança durante muito tempo era vista como um “adulto em miniatura”, não existia sentimento de infância, adultos e crianças eram tratados como iguais, até mesmo em relação aos seus trajes as crianças vestiam-se como um adulto. Neste período a infância era vista como uma fase de transição para a vida adulta, logo ultrapassado, um período sem valor e portanto não era registado de maneira realista. Por isso as crianças eram representadas como adultos em miniatura e muitas vezes de mãos dadas com representações da morte, fazendo alusão à alta mortalidade infantil.

“Ninguém pensava em conservar o retrato de uma criança que tivesse sobrevivido e se tornado adulta ou que tivesse morrido pequena. No primeiro caso, a infância era apenas uma fase sem importância, que não fazia sentido fixar na lembrança; no segundo o da criança morta, não se considerava que essa coisinha desaparecida tão cedo fosse digna de lembrança. (ARIES, Philippe, 1978. p.56)

Por volta dos 6 ou 7 anos, “os filhotes”, logo que conseguiam executar tudo sozinhos e já não precisavam de cuidados básicos, passavam a conviver definitivamente com os adultos e juntavam-se em força de trabalho, festas, bailes, conversas e brincadeiras, sem nenhuma restrição. Preocupavam-se muito mais com a conservação dos bens e das tradições dentro da família:

A infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos (Aries, 1978, p. 10)

A passagem pela família era rápida e insignificante, geralmente a partir dos 7 anos as crianças iam viver com outra família para serem educadas. Eram entregues muitas vezes a famílias desconhecidas ou vizinhos para ajudarem em tarefas domésticas ou para aprenderem algum ofício.

A transmissão de valores e dos conhecimentos, e de modo mais geral, a socialização da criança, não eram portanto nem asseguradas nem controladas pela família. A criança se afastava logo de seus pais, e pode-se dizer que durante séculos a educação foi garantida pela aprendizagem, graças à convivência da criança ou do jovem com os adultos. A criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las". (Aries 1978. p. 10)

Os brinquedos utilizados pelas crianças antes dos 7 anos, eram os mais variados. Brincavam com bonecas (meninos e meninas), cavalinhos de pau por exemplo. Logo que alcançavam os 7 anos, já se misturavam com os adultos, jogavam jogos de azar, começavam aprender cavalaria, a atirar e a caçar, algumas atividades que seriam utilizadas na sua vida adulta. Como essas crianças se misturavam o tempo todo com os adultos, participavam de todas as suas conversas e brincadeiras. Eram tratadas com liberdades grosseiras e brincadeiras indecentes. Não existia censura, não havia barreiras morais. Os adultos não desaprovavam, pelo contrário, achavam perfeitamente natural, pois não acreditavam na inocência das crianças.

Uma das leis não escritas de nossa moral contemporânea, a mais imperiosa e a mais respeitadas de todas, exige que diante das crianças os adultos se abstenham de qualquer alusão, sobretudo jocosa, a assuntos sexuais. Esse sentimento era totalmente estranho à antiga sociedade. (Aries, 1978. p. 125)

Neste período não existia o sentimento de infância, até porque muitas não chegavam a desmamar, o que parecia acontecer tardiamente (morriam antes dos 7 anos). A taxa de mortalidade era muito alta, devido às péssimas condições de saúde e higiene da população em geral e muitas eram vítimas de exploração, maus tratos e abandono. O que é retratado na história de João e Maria (Irmãos Grimm 2017), quando os seus pais os abandonam na floresta porque não há comida suficiente. De mesmo modo, as crianças eram sacrificadas e não os pais que podiam ter outros filhos.

Aries (1978) diz que no período frágil da criança, quando esta ainda precisava de cuidados básicos era "apaparicada". As pessoas divertiam-se com ela como um animalzinho, no entanto se ela morresse, o que era muito comum, pois poucas chegavam aos 7 anos, não faziam muito caso, pois logo vinha outra para a substituir. A criança era tida, então, como descartável:

Não devemos nos surpreender diante dessa insensibilidade, pois ela era absolutamente

natural nas condições demográficas da época. Por outro lado devemos nos surpreender sim com a precocidade dos sentimento da infância, enquanto condições demográficas continuavam a lhe ser ainda tão pouco favoráveis (Aries, 1978. p. 58).

Embora as condições demográficas não tenham mudado muito entre os séculos XIII e o XVII e a mortalidade infantil se tenha mantido num nível muito elevado, uma nova sensibilidade atribuiu a esses seres frágeis e ameaçados, uma particularidade que antes ninguém se importava em reconhecer: foi como se a consciência comum só então descobrisse que a alma da criança também era imortal. É certo que essa importância dada à personalidade da criança se ligava a uma cristianização mais profunda dos costumes:

Esse interesse pela criança precedeu em mais de um século a mudança das condições demográficas, que podemos datar aproximadamente da descoberta de Jenner. Correspondências como a do General Martange mostram que algumas famílias então fizeram questão de vacinar as suas crianças. Essa precaução contra varíola traduzia um estado de espírito que deve ter favorecido também outras práticas de higiene, provocando uma redução da mortalidade cada vez mais difundido. (Aries. 1978 p. 61).

A partir do século XVI surge entre religiosos e educadores uma preocupação sobre o respeito pela infância, trazendo uma lenta e gradual nova postura face às crianças. Muito do que era feito perante os mais jovens passou a não ser mais aceite por religiosos e educadores. Há aqui um tímido início da percepção de que a criança é frágil e também pura, comparando-a com os anjos. Nesse momento a educação passa a ser vista como uma obrigação humana mais importante. Começa então uma campanha de abertura de pequenas escolas, colégios e casas particulares para crianças de modo a isola-las e submetê-las à vigilância do adulto, desenvolvendo-se uma doutrina rigorosa de moralidade e mudança de hábitos. Percebe-se então uma evolução do sentimento de infância que vai do século XV ao século XVII, com a criação de escolas e colégios. Era o início dos tempos modernos. Defendia-se que se devia isolar as crianças no seu período de formação moral e intelectual, a fim de adestrá-las, impondo-lhes uma disciplina autoritária e separando-as do mundo dos adultos. No entanto, não havia separação etária dos alunos, misturavam-se todas as idades meninos e homens, de seis a vinte anos ou mais. Em principio, só havia preocupação com a separação referente ao grau de conhecimento e não à idade.

Nessa doutrina a criança era sempre vigiada e não devia ser mimada. Era disciplinada, incentivada a ler bons livros, evitar canções populares, comédias, espetáculos, para isso devia ter pouco contato com o mundo adulto para que pudesse ser preparada para ele.

Quanto ao pudor, os colégios jesuítas introduziram precauções inabituais, especificadas em regulamentos, com respeito à administração dos castigos corporais. Especificava-se que não era preciso tirar a calça das vítimas, “qualquer que fosse a condição ou idade do mesmo”; devia-

se descobrir apenas a pele necessária para a aplicação da pena, e não mais:

No Regulamento para as crianças de Port-Royal de Jacqueline Pascal,(século. XXX)lê-se: É preciso vigiar as crianças com cuidado, e jamais deixá-las sozinhas em nenhum lugar, estejam elas sãs ou doentes”. Mas “é preciso que essa vigilância contínua seja feita com doçura e uma certa confiança, que faça a criança pensar que é amada, e que os adultos só estão ao seu lado pelo prazer de sua companhia. Isso faz com que elas amem essa vigilância, em lugar de temê-la (Aries, 1978. p. 141 e 142).

Os moralistas queriam isolar as crianças para preservá-la das brincadeiras e dos gestos que então passaram a ser considerados indecentes:

A 1º comunhão tornou-se,progressivamente, a grande festa religiosa da infância. Só seria admitido quem estivesse preparado, tendo um comportamento sério.A cerimônia da primeira comunhão tornou-se a manifestação mais visível dos sentimentos da infância entre o século XVII e o fim do século XIX. (Aries, 1978. p. 155).

1.2 - HISTÓRIA DA INFÂNCIA NO BRASIL

1.2.1-NOS PRIMEIROS ANOS DA COLÔNIA

O povoamento do Brasil só começou a partir de 1530. Para o povoamento da nova colônia portuguesa vinham da terra lusitana, no século XVI muitos homens, poucas mulheres e algumas crianças. As crianças subiam a bordo das embarcações somente na condição de grumetes ou pajens, órfãs do Rei enviadas ao Brasil para se casarem com os súbditos da Coroa, (o que indica que não era vontade da realeza que estes se casassem com índias ou escravas) ou como passageiros embarcados em companhia dos pais ou de algum parente. A situação dessas crianças a bordo das embarcações vindas de Portugal eram muito difíceis : no quadro de uma falta de sentimento de infância, essas crianças eram violentadas com atos de sodomia que eram tolerados até pela inquisição. Grumetes e pajens eram obrigados a aceitar abusos sexuais de marujos rudes e violentos. Crianças mesmo acompanhadas dos pais, eram violadas por pedófilos. (Del Priore, 2010, s.p)¹.

Na eminência de naufrágios, frequentes entre os séculos XVI e XVII, no meio da confusão e desespero do momento, pais esqueciam os seus filhos no navio, enquanto tentavam

¹Livro no forma kindle da Amazon não é marcado por páginas, mas por posição e porcentagem. Posição: 253 de 8.928 – 3%

salvar as suas próprias vidas. A criança era um ser descartável. Preferia-se o adulto em detrimento da criança, pois era alta a taxa de mortalidade infantil entre os portugueses e outros povos da Europa, o que fazia com que, a criança fosse considerada pouco mais que os animais e que portanto a sua força de trabalho deveria ser aproveitada ao máximo enquanto durasse a sua curta vida.

Crianças judias eram sequestradas, arrancadas à força aos pais para servirem a bordo das embarcações portuguesas. Eram jogadas nos navios à revelia dos seus pais. Os judeus tinham recursos, portanto não tinham necessidade de vender a mão de obra dos seus filhos, mas o rapto era um meio de manter o controle do crescimento da população judaica em Portugal e obter mão de obra gratuita. A pobreza nas cidades portuguesas era a principal causa do alistamento voluntário das crianças na marinha, pelos próprios pais (Del Priore, 2010,s.p)².

Os grumetes não passavam quando muito de adolescentes, mas realizavam a bordo todas as tarefas que um adulto executaria. No entanto, recebiam de salário menos da metade de um marujo e sofriam maus tratos, entre eles a violência sexual - “Relatos de viajantes estrangeiros que passaram por Portugal no século XVIII, dão conta de que a pedofilia homoerótica era muito comum, permitindo supor que nas embarcações, ambiente onde, até mesmo os religiosos costumavam tolerar atos dignos de condenação à fogueira, tal prática era extremamente corriqueira” (Del Priore, 2010, s.p)³. Outra dificuldade era a fome: “Como se não bastasse o fato da ração ser extremamente restrita, a sua qualidade era sempre péssima: o biscoito era bolorento e fétido, todo roído pelas baratas”. (Del Priore, 2010, s.p)⁴ Também a exposição ao sol e à chuva, o que ocasionava muitas doenças e conseqüentemente a morte. Era comum encarregar os pequenos grumetes dos “trabalhos” mais “pesados” e perigosos. Eram alojados a céu aberto, alimentando-se de ratos, estuprados por marinheiros adultos, castigados com chibatadas. Grumetes, crianças entre oito e catorze anos, enfrentavam um difícil cotidiano. Poucos sobreviviam, alguns aprendiam uma profissão e poucos tinham oportunidade de ascensão social.

Havia ainda um pequeno número de crianças que prestavam serviços como pajens, a serviço dos oficiais, com tarefas mais leves, cuidando de serviços relacionados com o conforto dos oficiais, como por exemplo arrumar-lhes os camarotes e as camas. Além disto, os pajens acabavam exercendo junto aos grumetes a função de verdadeiros “mandaretas” ou pequenos tiranos. Os pajens eram raramente castigados com severidade. Mas apesar de “regalias” em relação aos grumetes, isso não impedia de que corressem os mesmos riscos de estupro, não pelos marujos, mas pelos oficiais.

² Posição: 300 de 8.928 – 4% e Posição: 441 de 8.928 – 5%

³ Posição: 324 de 8.928 – 4%

⁴ Posição: 374 de 8.928 – 5%

Dada a falta de mulheres brancas nas possessões portuguesas, a coroa procurou reunir meninas pobres e virgens nos orfanatos de Lisboa e Porto, a fim de envia-las sobretudo para a Índia para se casarem com homens de destaque nas possessões portuguesas. “Eram estranhamente consideradas órfãs até mesmo as meninas que tinham apenas o pai falecido... Assim, podemos supor que existiu uma espécie de sequestro de meninas pobres, principalmente menores de 16 anos, em Portugal”. (Aries, 1978. p. 30). A presença dessas meninas virgens causava um grande alvoroço a bordo, tendo em vista que o estupro de meninas pobres, maiores de 14 anos dificilmente era punido, dado que na tradição medieval só se puniam estupros se as vítimas tivessem de 12 a 14 anos. Muitas dessas meninas não chegavam ao seus destinos, tendo em vista que acabavam por passar pelas mesmas privações alimentares dos tripulantes.

Quanto às crianças que iam a bordo das embarcações como passageiros, junto de pais ou familiares, se pertencessem a uma classe baixa, ficavam igualmente sujeitas a alimentação precária, a estupros praticados pelos marinheiros ou soldados. Além disso, pela falta de experiência na navegação, as crianças eram mais suscetíveis de caírem ao mar, ou mesmo de serem jogadas.

Percebe-se com tudo isso que não existia ainda, no século XVI, nenhum sentimento de infância, visto que as crianças eram consideradas pouco mais que animais. Meninos tratados como homens, utilizados como força de trabalho enquanto durasse as suas vidas tão curtas. Não tinham qualquer direito de proteção em relação à violência que sofriam por parte dos adultos. Nas viagens marítimas a infância desaparecia e ,antes de chegar ao Brasil, a criança tornava-se um adulto pequeno, devido ao trauma que sofria na viagem.

1.2.2 - PAPEL DOS JESUÍTAS NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

Segundo Del Priore (2010)⁵ em 1549 chegam ao Brasil quatro padres e dois irmãos da Companhia de Jesus, conhecidos como Jesuítas (ordem Jesuítica – ordem religiosa vinculada à igreja católica – fundada na cidade de Paris por Inácio de Loyola), liderados pelo padre Manuel da Nóbrega, no governo do primeiro governador-geral do Brasil Tomé de Sousa. Tinham como missão evangelizar impedindo o avanço do protestantismo. A Companhia foi fundada como ordem essencialmente missionária para difundir o catolicismo nas terras colonizadas por Portugal e nesse momento de colonização do Brasil a Companhia inicia o seu apostolado para conquistar novos fieis que seriam, entre outros, os indígenas, povo nativo do Brasil. Os jesuítas vieram para o Brasil com a missão de levar os nativos para a fé cristã através da catequese em locais organizados, conhecidos como missões ou reduções. Nesses locais eram criadas escolas, e os

⁵ Posição: 1075 de 8.928 – 13%

nativos recebiam toda doutrina católica, habituavam-se ao modo de vida europeu, aprendendo a língua e os costumes portugueses e deveriam abrir mão de sua cultura, das suas crenças, garantindo assim a sua “salvação”. A catequização dos indígenas acabou por modificar os seus modos de vida, desorganizando as suas sociedades:

Além da conversão do “gentio” de um modo geral, o ensino das crianças, fora uma das primeiras e principais preocupações dos padres da Companhia de Jesus desde o início da sua missão na América portuguesa. Preocupação que, aliás estava expressa no Regimento do governador Tomé de Sousa, no qual o rei dom João III determinava que “aos meninos porque neles imprimirá melhor a doutrina, trabalhareis por dar ordem como se façam cristãos (Del Priore, 2010, s.p)⁶

Mas catequizar os nativos não era uma missão fácil. Houve uma dificuldade em relação aos adultos nativos, pois estes tinham alguma resistência, eram mais arredios, tendo em vista que já tinham enraizado as suas crenças, cultura e vícios e tinham grande dificuldade no uso do idioma português:

Se no início da missão jesuítica no Brasil fora marcado por um relativo otimismo quanto aos rumos da conversão dos gentio – o famoso “papel blanco”, no qual não havia mais que escrever com prazer - , rapidamente, os padres foram percebendo a dificuldade de evangelização dos nativos. (Del Priore, 2010, s.p)⁷

Na nova estratégia missionária, as crianças indígenas eram tidas como portadoras de um duplo potencial: primeiro, elas não estavam ainda totalmente “contaminadas” pelos elementos culturais qualificados como pecados pelos jesuítas e, segundo, poderiam, após a incorporação da doutrina cristã, combater os costumes culturais praticados pelos pais. (Ferreira Jr, 2010. p. 20)

O Padre Nóbrega ponderava que seria mais fácil e mais rápido obter a conversão dos nativos pelo medo do que pelo amor, “em razão dos seus “abomináveis” costumes e de estarem afastados da fé cristã. Com isso os padres resolveram ensinar os filhos dos nativos, para que eles depois ensinassem os seus pais. Houve maior investimento nas crianças que eram consideradas como “papel blanco” , a cera virgem, em que tanto “se desejava escrever, e inscrever-se”, fortalecendo a ideia de que as crianças constituiriam uma “nova cristandade”. Sendo jovens de bons costumes, “bem doutrinados”, sabendo falar, ler e escrever em português, logo adiante substituiriam os seus pais :

Vendo os padres que a gente crescida estava tão arraigada em seus pecados, tão

⁶Posição: 1086 de 8.928 – 13%

⁷Posição: 1127 de 8.928 – 13%

obstinada no mal, tão cevada em comer carne humana, que a isto chamavam verdadeiro manjar, e vendo quão pouco se podia fazer com eles por estarem todos cheios de mulheres, encarniçados em guerras, e entregues a seus vícios, que é uma das coisas que mais perturba a razão e tira de seu sentido, resolveram ensinar a seus filhos as coisas de sua salvação para que eles depois ensinassem a seus pais, para o qual estavam mais dispostos, por carecer dos vícios dos pais, e assim indo pelas aldeias os juntavam para lhes ensinar a doutrina cristã, e desta maneira foi o Nosso Senhor abrindo os olhos a muitos, não só pequenos, mas também dos grandes, para que lhe aficinassem à nossa santa fé e os costumes dos cristãos, e assim, alguns, depois de bem instruídos, deixando os ritos gentílicos, foram batizados”. Carta do padre Nóbrega a Dom João III, em setembro de 1551.(Del Priore, 2010, s.p)⁸

Para o ensino da língua portuguesa foram criadas as escolas de *be-a- bá* para o ensino das primeiras letras e das operações matemáticas fundamentais como instrumento básico para o ensino da catequese e conseqüentemente foram criados os colégios para o ensino das elites.

Em 1570, a Companhia de Jesus já contava com cinco casas de pequenas letras (Porto Seguro, Ilhéus, São Vicente, Espírito Santo e São Paulo de Piratininga) e três colégios (Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco).

Os padres jesuítas utilizavam cantos, instrumentos, disciplinas e procissões para aplicação do ensino às crianças indígenas, nas escolas de primeiras letras. As metodologias variavam de acordo com o local e as circunstâncias onde estavam inseridos. Na aldeia de São Paulo na Bahia uma das principais aldeias daquela época, pela manhã iam pescar para o sustento da família (única atividade para se manterem nesse local), à tarde voltavam para escola para o aprendizado da doutrina e bons costumes, e também para o aprendizado de ler, escrever e contar, que durava de três a quatro horas. Caso fugissem da escola eram disciplinados no tronco e pelourinho. Apesar do castigo físico ser normal, a recomendação do Santo Inácio, em 1553, era que houvesse correção “conveniente”, mas não devia ser aplicada, pessoalmente, pela mão dos pertencentes a Companhia de Jesus, que a tarefa fosse delegada a alguém de fora da Companhia. Já no aprendizado da doutrina, utilizava-se, principalmente o método de memorização, com perguntas e respostas sobre os assuntos previstos, como por exemplo: A criação do mundo, a queda de Adão e Eva, a encarnação e a paixão de Cristo (ao todo nove capítulos).

Em Del Priore(2010)⁹, há relato de que ensinava-se a cantar e tocar instrumentos aos nativos como uma forma de aprender a doutrina e os bons costumes. Esta prática foi intensificada com a chegada dos Meninos Órfãos de Lisboa porque segundo o Padre Manuel da Nóbrega estes

⁸Posição: 1139 de 8.928 – 13%

⁹Posição: 1224 de 8.928 – 14% e Posição: 1230 de 8.928 – 14%

meninos de Portugal atraíam as crianças nativas com seus cantares, aprenderiam rapidamente a língua dos nativos, tornando-se importantes no trabalho de conversão:

O ensino da música e do canto, era de fato, fundamental, até porque não só era um momento de introdução de valores cristãos, mas também de transformação dos costumes, pois os meninos índios das aldeias eram também ensinados a fazer as “suas danças à português com tamborins e violas, com muita graça, como se fossem portugueses”, como escrevia Anchieta em 1582. (Del Priore, 2010, s.p)¹⁰

Os meninos indígenas participavam nas festas religiosas, cantando em procissões realizadas nas festas de padroeiro, jubileus, batismos, vitórias militares e também festas para pedir socorro em razão de epidemias e secas. A participação e a disciplina dos meninos indígenas na vida religiosa comovia os padres. Essa participação trouxe transformação na vida dos indígenas, pois muitos deles aprendiam ofícios com os portugueses e até se casavam e ganhavam as suas vidas do mesmo modo que os cristãos. Mas a aposta nem sempre deu bons resultados: muitos meninos quando cresciam voltavam aos costumes indígenas, longe dos religiosos, esqueciam o que haviam aprendido com os padres. Outros fatores acentuavam a dificuldade. Por exemplo a escravidão: “Em abril de 1556, o então irmão Blasquez relatava a preocupação dos Jesuítas que, em razão dos “tirânicos desejos” dos moradores portugueses, viam os índios irem “fazer o ninho a outra parte, levando-nos os filhos já doutrinados, onde não temos esperança de os ver””. (Del Priore, 2010, s.p)¹¹ Também alguns nativos que até 18 ou 20 anos davam bons exemplos, começavam a beber e tornavam-se rudes e ruins. Segundo os religiosos os meninos nativos e órfãos, chegando aos anos da puberdade corrompiam-se, entregando-se às bebedeiras e luxúrias.

Anchieta era sem dúvida, um dos mais severos críticos dos antigos alunos dos padres, que abandonavam os ensinamentos cristãos (Del Priore, 2010, s.p)¹² o entanto Manuel da Nóbrega, entre outros, matizavam esta perspectiva, alegando que, por mais que muitos voltassem aos antigos costumes de seguir o caminho da carne e andar nus, pelo menos não comiam mais carnes humanas e podiam noutra momento receber a graça da salvação.

Repensava-se a conversão do índio, e acreditava-se que este só se converteria se fosse sujeitos a alguma autoridade, a um rígido sistema disciplinar, com uma vigilância constante e castigos corporais. Os jesuítas também catequizaram crianças mestiças e portuguesas. Para isso foram criadas escolas de primeiras letras, restritas ao processo de alfabetização e ensino de doutrinas e bons costumes e colégios formadores de sacerdotes.

A educação mais elaborada era um privilégio da nobreza e acontecia em pequenos grupos que

¹⁰Posição: 1252 de 8.928 – 15%

¹¹Posição: 1308 de 8.928 – 15%

¹²Posição: 1326 de 8.928 – 15%

pertenciam a classes privilegiadas, que buscariam, mais tarde a entrada nas universidades portuguesas.

1.2.3 – FINALMENTE A IDEIA DE CRIANÇA!

Eram altíssimas as taxas de mortalidade infantil, devido a várias razões, entre elas a falta de saneamento e a falta de hospitais.

Até ao final do século XVIII as palavras *meúdos*, *ingênuos* eram usadas para designar as crianças até 7 ou 8 anos de idade. *Ingênuo* porque se acreditava que a criança, até o momento em que ela recebia a primeira comunhão não fazia nenhuma diferença entre o bem e o mal.

A partir da idade de 7 ou 8 anos, se a criança pertencesse à “elite” tinha acesso à educação, tempo livre para brincar, lar harmonioso, etc. Se fosse escrava ou filha de agricultores pobres, tão logo ficasse de pé, estava condenada a participar do trabalho, como forma de sobrevivência.

Segundo Del Priore (2011)¹³ a criança brasileira foi amada na sua primeira infância, como se comprova nos testamentos e inventários de mães que tinham infinitas preocupações com seus filhos.

O parto era vigiado por Nossa Senhora do Ó ou do Bom parto, preparado pelas comadres ou “aparadeiras”, entre preces murmuradas baixinho para afugentar qualquer perigo que trouxesse risco a vida do bebê. Para amenizar a dor do parto a mãe tomava cachaça e caldo de galinha com canela. Cobria-se o ventre com relíquias e cordões coloridos, pois acreditava-se serem capazes de assegurar um parto tranquilo. Ainda para combater a dor do parto, mastigava-se cebola ou amarrava-se na coxa direita fígado cru de galinha recém abatida.

Quanto ao recém-nascido existiam diversos “rituais” para defendê-lo de doenças, de mau olhar, de bruxas e etc. “Armam-se com os antídotos da igreja ... relíquias, orações, etc. Que essas são mais seguras que outras para afugentar os bruxos”. Não satisfeito, o médico insistia para que se pendurasse à cama da criança, “cabeça ou língua de cobras e sangue e fel da mesma posto pelas paredes da casa em que dormirem os meninos” (Del Priore, 2010, s.p)¹⁴ Ao nascer a criança era banhada em líquidos espirituosos, como vinho ou cachaça. Para proteger a moleira, passava-se um cataplasma feito da mistura de um ovo com vinho, ou era preso por um lençinho à

¹³Vídeo do You tube

¹⁴Posição: 1824 de 8.928 – 21%

cabecinha do bebê. Já a mãe indígena banhava-se no rio. Os bebês eram muitas vezes alimentados com as mesmas comidas dos adultos, pois acreditava-se que com isso, fortificaria a criança, evitando o risco de perdê-la nos primeiros meses, o que era muito comum. Quando a mãe não tinha leite suficiente para amamentar o bebe ou mesmo não o queria amamentar, no caso de famílias ricas, contratava-se uma ama de leite. Era aplicado o ditado popular: Mordeu! Comeu! Dava-se papa de tapioca, farinha seca com açúcar no café, leite com jerimum, feijão cozido com farinha ou escaldado de carne no almoço, empurrado a dedo na boquinha do bebe. Alguns alimentos eram antes mastigados pelas mães.

A técnica de pré-digestão de alimentos embebidos na saliva dos adultos significava muito mais um cuidado, do que falta de higiene... Contudo, os jovens intestinos ainda preguiçosos e os diminutos estômagos despreparados para receber tantos alimentos grosseiros ou viscosos incentivavam a gastroenterite a cobrar alta percentagem de pequenas vidas no primeiro ano. (Del Priore, 2010, s.p)¹⁵

Existiam muitos rituais para afastamento das bruxas, pois considerava-se que tinham poder de atrofiar os recém-nascidos por malefícios, pensava-se que estas chupavam o sangue das crianças e com isso podiam trazer muitas doenças.

Del Priore (2010)¹⁶ relata que os lusos recém-chegados tinham horror a banho e ao ar livre e que portanto agasalhavam demasiadamente as crianças e não os expunham ao sol. Era diferente com as mães indígenas, as quais banhavam os seus filhos com frequência e viviam livre de agasalhos. “Mais tarde em 1834, o padre Gama explicava que as mulheres portuguesas teriam a principio criado muito poucos filhos pelo elevado índice de mortalidade infantil. Mas que “as filhas destas mulheres, acomodando-se ao clima e rejeitando o peso dos vestidos e o abafar a cabeça dos filhinhos, banhando-os em água morna, não se queixaram mais de que o clima fosse o destruidor das vias dos recém-nascidos”. (Del Priore, 2010, s.p)¹⁷

Del Priore (2010)¹⁸ relata que as doenças eram combatidas com remédios de pouquíssimas eficácia. “A erisipela, por exemplo, era tratada com óleos santos e uma oração em verso”.

A mortalidade infantil é um tema que preocupou e inquietou muitos médicos e higienistas até o século XIX. Numa sessão da Academia de Medicina em 18 de junho de 1846, José Maria Teixeira, chegou às mesmas conclusões que apareciam nos manuais de medicina do século XVIII: havia uma alimentação inadequada, vestuário impróprio, aleitamento feitos por amas de

¹⁵Posição: 1791 de 8.928 – 21% e Posição: 1796 de 8.928 – 21%

¹⁶Posição: 1838 de 8.928 – 21%

¹⁷Posição: 1838 de 8.928 – 21%

¹⁸Posição: 1841 de 8.928 – 21% e Posição: 1847 de 8.928 – 21%

leite, o que acarretava transmissão de muitas doenças, falta de tratamento médico, vermes, "umidades das casas", entre outros, que estão presentes até ao dia de hoje.

As crianças que morriam batizadas, tornavam-se "anjinhos", honrando a Deus no céu. Já os que morriam sem batismo, partiam para o "limbo": uma caverna escura por cima do purgatório. Os cortejos fúnebres dos anjinhos, eram iluminados por velas, no qual participavam filas de pessoas: "*Escravinhos e indigentes utilizavam, apenas, um tabuleiro recoberto por uma toalha de renda enquanto as mães pobres preferiam alugar flores artificiais e coroas para cumprir o dever de enterrar condignamente. Já os pagãos eram enterrados nas biqueiras das casas ou nas encruzilhadas, de onde acreditava-se, rogavam batismo*". (Del Priore, 2010, s.p¹⁹)

Del Priore (2010)²⁰ relata que as crianças sobreviventes sempre necessitavam de muitos cuidados. Essas crianças eram mimadas com músicas enquanto eram embalados em redes de dormir, no caso de indígenas, e também em xales enrolados nas costas das mães de origem africana, ou em raros bercinhos de madeira. Dizem que a música de melodia simples, que favorecia a monotonia foi trazida pelos portugueses. Mas os nossos indígenas tinham também um cântico de extrema doçura, conhecido também como cantiga do macuru, sendo o macuru o berço indígena. Já as mães negras, amas de leite, contavam lendas, aos pequenos tinhosos e chorões.

A cultura africana fecundou o imaginário infantil com assombrações como o mão de cabelo, o quibungo, o xibamba, criaturas, que, segundo o Gilberto Freyre, rondavam casas grandes e senzalas aterrorizando os meninos malcriados. (Del Priore, 2010, s.p)²¹

Além dos cuidados materiais com as crianças, tinha-se também o cuidado espiritual, no qual se recomendava às mães e amas que ensinassem às crianças os santíssimos nome de Jesus e Maria e sobre o inferno, lugar para o qual "irão às crianças que fazem obras más". para além do batismo, que era uma exigência, e a igreja dava no máximo oito dias de tolerância para a cerimônia, pois "era certo que os meninos inocentes que morriam logo depois do batismo sem terem o uso da razão iam direto para o céu sem passar pelo purgatório".(Del Priore, 2010, s.p)²²

O autor relata ainda o relacionamento afetivo entre pais e filhos, sendo considerado excessivo.

O carinho dos pais pelos filhos, enquanto pequenos, chega a não ter limites, e é principalmente o pai que se ocupa com eles, quando tem um minuto livre. Amando os até a fraqueza e, até certa idade, atura as suas más criações... (Del Priore, 2010, s.p)²³

¹⁹Posição: 1875 de 8.928 – 22%

²⁰Posição: 1879 de 8.928 – 22%

²¹Posição: 1875 de 8.928 – 22%

²²Posição: 1901 de 8.928 – 22%

²³Posição: 1919 de 8.928 – 22%

Entretanto, ficava a cargo da mãe contar estórias, acalentá-los, entre outros “mimos”. Del Priore fala do amor materno registado em testamentos, no qual estas tinham inúmeras preocupações com o destino dos seus filhos, no momento da morte.

A ama negra, como lembra Gilberto Freyre, deu também sua contribuição para enternecer as relações entre o mundo adulto e o infantil. Criou uma linguagem na qual se reduplicavam as sílabas tônicas dando as palavras pronunciadas um especial encanto: dodói, cacá, pipi, bumbum, tentem, dindinho, bimbinha.(Del Priore, 2010, s.p)²⁴

Alguns temiam que com todos esses “mimos” e carinhos exagerados “estragassem” a criança, pois para alguns moralistas setecentistas, a boa educação implicava castigos físicos e as tradicionais palmadas. José de Anchieta, num de seus sermões, admoestou que “a muita fartura e boa vida é causa de se perder”. O castigo era comum no dia a dia da colônia. Trazido pelos jesuítas, como uma forma de amor, o castigo físico, causou espanto aos índios, que nunca antes tinham batido nas suas crianças. A violência física era entendida como “disciplina” e uma forma de amor. Muitas vezes essa violência atingia às mães, a qual acarretava o rompimento com as suas famílias e muitas vezes viam-se obrigadas a esmolarem com os seus filhos. A violência física, muitas vezes era cometida, por motivos fúteis, como por exemplo um pai que desferiu chicotadas numa criança pequena porque esta comia terra. “Entre tapas e beijos” havia uma “mistura” de mimos e beliscões.

1.2.4 – O PERÍODO POMBALINO E A EDUCAÇÃO

Com o Tratado de Methwen (1703), firmado com a Inglaterra, com o país já inserido no capitalismo industrial, o processo de industrialização em Portugal é sufocado. Seu mercado interno foi inundado pelas manufaturas inglesas, enquanto a Inglaterra se comprometia a comprar os vinhos fabricados em Portugal. Canaliza-se, assim, para a Inglaterra, o capital português, diante da desvantagem dos preços dos produtos agrícolas em relação aos manufaturados. Desta maneira, enquanto uma metrópole entrava em decadência (Portugal) outra estava em ascensão (Inglaterra) (Ribeiro, 2000, p. 29 citado por Seco)

No contexto das ideias iluministas (o que se deixa guiar pelas luzes da razão) que circulavam pela Europa, houve uma série de reformas implantadas no império português, o que culminou com mudanças na história da educação de Portugal e consequentemente nas suas

²⁴Posição: 1930 de 8.928 – 22%

colônias, inclusive no Brasil. Em 1759, sob o governo do primeiro ministro do rei D. João I, Marques de Pombal, que durou de 1750 a 1777. Uma das medidas determinadas foi a expulsão dos Jesuítas de Portugal e de seus domínios, sob o Alvará Régio de 1759, que extinguiu “todas as escolas reguladas pelo método dos Jesuítas”; fechando os 24 colégios que eram mantidos pela Companhia de Jesus” (Leite, 1950, p. 60 citado por Ferreira, 2010. p. 27). O Marquês de Pombal acreditava que o “ atraso lusitano em relação à modernidade gerada pelo mundo burguês era causado pela ação jesuítica na gestão dos negócios do Estado português”. (Ferreira, 2010. p. 29).

Com isso foram instauradas reformas chamadas de reformas Pombalinas. A reforma na educação tinha o objetivo de substituir o ensino dos padres jesuítas, vigentes há 210 anos, para dar fim às interferências religiosas, adotando uma política de laicização para reforçar o padroado, dado que “no Brasil, a Companhia de Jesus que já havia amealhado, desde 1549, um diversificado e opulento patrimônio em propriedades produtivas, de cana-de-açúcar e gado em mais de 350 fazendas, e não produtivas, como alugueis de imóveis, em aliança com a nobreza lusitana, possuíam mais poderes para tomar decisões políticas que o próprio rei”. (Ferreira, 2010, p. 28)

“A companhia de Jesus era, na prática, um poder paralelo dentro do próprio governo imperial português” (Ferreira, 2010, p 28).

Assim sendo, Pombal, partia do principio que a expulsão dos jesuítas traria um enfraquecimento na nobreza e conseqüentemente um fortalecimento do poder absoluto e, que a confiscação do patrimônio da Companhia de Jesus ajudaria a sanar as finanças, de “gastos suntuosos feitos pela coroa, com construções de igrejas, conventos, palácios e com a manutenção de uma estrutura burocrática parasitária que não parava de crescer (Ferreira, 2010. p. 28).

Com a expulsão dos jesuítas e o encerramento dos colégios, houve um desmoronamento da sólida estrutura educacional construída pelos jesuítas, o então único sistema educacional brasileiro.

A organicidade da educação jesuítica foi consagrada quando Pombal os expulsou levando o ensino brasileiro ao caos, através de suas famosas ‘aulas régias’, a despeito da existência de escolas fundadas por outras ordens religiosas, como os Beneditinos, os Franciscanos e os Carmelitas” (Niskier, 2001, p. 34 como citado em SECO, Ana Paula)

Com as reformas pombalinas, o ensino passa a ser da responsabilidade da coroa portuguesa. Então foi criado o imposto literário para o pagamento dos professores civis e Pombal instituiu as aulas régias em 1759.

Apesar de mudar a estrutura do sistema educacional brasileiro, o conteúdo das disciplinas continuava o mesmo, “mantendo desconectado do processo histórico em curso em outros países europeus” (Ferreira, 2010, p. 30), onde já se seguiam as transformações baseadas no ensino iluminista.

Como não havia professores para substituir os padres da Companhia de Jesus, pois houve uma rutura sem planeamento, arregimentaram-se os clérigos de outras ordens, que se chamavam padres mestres, e indivíduos que haviam sido educados por jesuítas, o que reforçou a continuidade dos conteúdos anteriormente trabalhados, mantendo as disciplinas que eram ministradas nos colégios da Companhia de Jesus. As aulas régias propostas em 1759, só passaram a funcionar efetivamente no Brasil depois de 1772, quando foi instituído pela coroa portuguesa o subsídio literário. Portanto, durante o interregno de 13 anos (1759-1772) as reformas pombalinas produziram, por falta de recursos financeiros, uma espécie de” vazio educacional” na colónias. (Ferreira, 2010. p.32). Pedagogicamente, as aulas régias não representaram nenhum tipo de avanço no campo educacional, muito pelo contrário, podemos observar atraso e desorganização para o estabelecimento de um novo sistema.

Percebe-se que no Brasil colonial, com uma sociedade agrária e escravocrata, as questões educacionais não eram prioridade. A educação pública para todos não era vista como importante, pois grande parte da população era formada por escravos vindos do continente africano. Estes não recebiam instrução e eram adestrados para o trabalho a partir dos sete anos, por meio do exercício diário de trabalhos repetitivos, no uso exclusivo de força física.

Neste cenário, a educação continua contemplando apenas uma pequena elite agrária e escravocrata, que não tinha qualquer interesse em ser instruída para o mundo do trabalho, pois desfrutava do ócio proporcionado pelo trabalho escravo, e pretendia uma instrução ilustrativa para a manutenção do poder político.

1.2.5 - A CHEGADA DA FAMÍLIA REAL AO BRASIL

Com D. João VI e a rainha Carlota Joaquina, vieram a família destes e, também nobres, juízes, padres, funcionários públicos, militares, aproximadamente 15000 pessoas, transferindo-se para o Rio de Janeiro toda a estrutura governamental de Lisboa como banco, arquivos, biblioteca. A primeira decisão de D. João VI foi a abertura dos portos brasileiros às nações amigas de Portugal. O que significou para além de uma abertura comercial, também a permissão dada aos brasileiros de tomar conhecimento do que acontecia no mundo. A partir daí, a comercialização que antes era feita nos portos de Portugal passa ser feita nos portos do Brasil, pondo fim ao monopólio de comercialização somente com Portugal. Os comerciantes brasileiros podiam comercializar com todas as embarcações de nações amigas de Portugal, principalmente inglesas, que eram os grandes parceiros de Portugal no momento. Outra medida extremamente importante, foi dar fim a uma lei que proibia manufaturas no Brasil, criando também, incentivos fiscais, para

que essas manufaturas se instalassem no Brasil. Devido à falta de estruturas no Rio de Janeiro, onde estava instalada a família real, e às necessidades da corte portuguesa, houve um grande investimento na cidade: a abertura do Banco do Brasil, Casa da Moeda, Museus, Jardim Botânico, Teatro Real, Biblioteca Real, Imprensa Real, Ministérios, tribunais e várias outras realizações como instalação de faculdades de medicina, pois até então não era permitido a construção de universidades no Brasil. Isso, conseqüentemente, acarretou mudanças no cotidiano da cidade, na sua paisagem urbana e criou vida cultural. A presença da corte real portuguesa ocasionou transformações profundas que levaram o Brasil ao processo de independência.

Com a independência em 1822, o Brasil permanece com uma economia agrária e escravocrata, portanto ainda não era de interesse dos governantes, de um império elitista, estimular uma educação para todos. Em 1824 a primeira Constituição Brasileira prevê a instrução primária e gratuita a todos os cidadãos, mas segundo os historiadores, há uma distância do dispositivo legal à realidade, pois a prioridade estava em criar universidades para dar continuidade ao governo do império, com criações de Academias Militares e Academias de Medicina e de Direito. Pela Lei de 1827 na tentativa de suprir a falta de professores e implementar o ensino massivo de crianças com brevidade e custos baixos, institui-se o ensino mútuo que consistia num ensino feito por um aluno treinado, que ensinava um grupo de dez alunos, sobre a rígida vigilância de um inspetor. O aluno monitor era o único mediador entre os demais alunos e o professor que se mantinha na cúpula. O método, também denominado lancasteriano, possibilitava a permanência de até 500 alunos numa mesma sala de aula. “Para isso funcionar com tal quantidade de alunos, as salas de aula concebidas pela pedagogia lancasteriana eram organizadas em princípios disciplinares rígidos, que se assemelhavam tanto com a disciplina militar quanto com aquela derivada das fábricas engendradas pela Revolução Industrial”. (Ferreira, 2010, p.43). Segundo Ferreira (2010) diminuía-se o castigo físico, dado que havia uma busca constante de gratificações por parte dos alunos monitores, mas havia ainda a manifestação do “sadismo pedagógico” por parte dos professores com os monitores e conseqüentemente dos monitores com os alunos.

Dez anos depois da Constituição de 1824, a responsabilidade da instalação e da administração das escolas elementares, foi passada do poder central para as assembleias legislativas provinciais com a revogação do Inciso XXXII do Artigo 179 da Constituição de 1824. No entanto, a lei educacional aprovada para o município Neutro, a sede do poder monárquico, serviu de paradigma para o conjunto das províncias. “Como nem todas as províncias tinham condições de financiar a implantação de escolas elementares, pois sofriam estagnação econômica, muitas demoraram por anos para implantar a primeira escola pública. Com isso manteve-se uma educação excludente e elitista, contemplando somente os filhos da aristocracia agrária” (Ferreira, 2010, p. 40). Dito de outra maneira: a amplíssima massa do povo brasileiro, incluindo os

escravos *desafricanizados*, ficou excluída durante a vigência do Império, mesmo porque os escravos não eram considerados cidadãos pela primeira Constituição do Brasil.

O currículo nas escolas provinciais constava de aprendizados de “ler e escrever e noções gerais de gramática da língua portuguesa; as quatro operações de aritmética sobre números inteiros, frações ordinárias, decimais, proporções e noções mais gerais de geometria prática” (Ferreira, 2010 p. 40). Contudo, para as escolas destinadas às meninas, a Lei de 1827, excluía as noções de geometria e incluía educação doméstica. “Em outras palavras, as relações agrárias de produção sempre engendraram, historicamente, organizações societárias baseadas no predomínio dos homens sobre as mulheres, que assim ficavam relegadas ao cotidiano familiar, responsáveis exclusivamente pela reprodução e educação dos filhos. (Ferreira, 2010, p. 42)

A formação dos futuros dirigentes do país continuava sendo da responsabilidade do poder central e para tal foram criados dois cursos de ensino jurídico, formado por uma “aristocracia agrária de católicos fervorosos, contrários às transformações socioeconômicas geradas pela revolução industrial...E mais, por causa dos ensinamentos assentados no jus naturalismo teológico (doutrina moral, jurídica e política católica), eles transformavam-se em governantes que concebiam o futuro apenas como uma eterna repetição do presente, ou seja, pensavam o Brasil como sendo uma sociedade “eternamente” agrária, agrícola e escravocrata”. (Ferreira, 2010, p. 38)

o quadro que se segue ilustra o quanto a educação, no período imperial, era destinada a uma minoria.

Situação da educação primária em 1867

População brasileira	População em idade escolar	Matrículas nas escolas primárias
Mais de 8 milhões	Cerca de 1,2 milhões	107 mil

Fonte: Ferreira, 2010, p. 44, adaptado de Bittencourt (1953)

1.2.6 - A REPÚBLICA E A EDUCAÇÃO

Com a proclamação da República em 1889 e o fim da Monarquia, há uma tentativa de oferecer uma educação elementar para além do saber ler e escrever. Foi o período, conhecido como República velha, momento de várias fases e reformas. O poder antes centralizado no imperador, foi dividido entre presidente e governadores estaduais, que também ficaram responsáveis pela Educação Básica. Num período marcado pelo desenvolvimento na indústria com força de trabalho sem ser escrava, pela forte imigração europeia e urbanização, a educação é repensada para as grandes camadas populares, os trabalhadores.

Em 1882 foram criados os grupos escolares – Instituições que ofereciam as quatro séries da educação primária, instituídos primeiramente em São Paulo e progressivamente nos demais Estados até 1930.

“Esses grupos escolares eram públicos e regidos pelo princípio da laicidade consagrado no texto da Constituição de 1891” (Ferreira, 2010, p. 56).

No entanto, segundo relata Ferreira (2010), os grupos escolares continuaram a ser instituições elitizadas, instalados em centros urbanos e com isso os filhos dos ex-escravos, os brancos pobres e filhos dos imigrantes europeus ficaram excluídos; tanto porque estavam longe dos centros urbanos ou porque tinham de trabalhar com seus pais nas lavouras.

Nesse contexto há a implementação de várias escolas de formações de professores.

Nesse período prevalecia o método de ensino-aprendizagem assente na memorização do conhecimento, apesar de o então reformador da educação Caetano de Campos defender o método intuitivo, no qual a aprendizagem partia de observações diretas para o estímulo do raciocínio, tipo de ensino disseminado na Europa pelos seguidores de Pestalozzi.

No início do século XX grande parte dos imigrantes europeus abandonaram as fazendas de café e deslocaram-se para as grandes cidades para formarem a maior parte do operariado brasileiro que vai reivindicar escolas para os seus filhos. Com isso, a partir da década de 1920, várias unidades da federação promoveram reformas educacionais, no sentido de universalizar a escola pública.

Os reformadores liberais acreditavam que a expansão da educação seria o motor para o progresso nacional, e a transformação da população “ignorante” herdada do período imperial.

No contexto de reformas, cria-se a Associação Brasileira de Educação (ABE) em 1924, uma sociedade civil que contava com a adesão da elite intelectual, que promoviam conferências

e debates ideológicos entre liberais e a igreja católica, os quais lutavam por uma educação laica ou pelo ensino religioso respectivamente.”Em síntese: a aliança que se estabeleceu entre as duas forças conservadoras de então, latifundiários e a igreja católica, acabaria por selar o fim do princípio de laicidade consagrados na Constituição de 1981, isto é, das escolas públicas sem o ensino religioso” (Ferreira, 2010, p. 60).

Com a revolução de 1930 e o fim do governo dos coronéis do “café com leite”, Getúlio Vargas assume provisoriamente o governo e herda um completo abandono da educação para as classes populares. Nesse cenário o governo cria o Ministério da Educação, com Francisco Campos como titular e decreta o fim da laicidade nas escolas públicas. Essa medida causa um conflito entre os que defendiam e os que atacavam o caráter laico da escola pública. “Defendendo a escola de Estado, pública e laica, encontrava-se uma plêiade de intelectuais liberais partidários do movimento denominado “Escola Nova” originado nos EUA, cuja liderança maior era o filósofo John Dewey (1859 – 1952). Entre eles, destacavam-se: Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Roquete Pinto, Afrânio Peixoto e Paschoal Lemme” (Ferreira, 2010, p. 63).

Mesmo após as reformas trazidas pela revolução de 1930, prevalecia a educação humanística, que pela primeira vez, dava acesso aos cursos superiores para os que concluíam o ensino secundário, com o objetivo de formar, preferencialmente os dirigentes políticos em detrimento do ensino profissional, e com isso, tornava a educação brasileira ainda mais elitizada.

O movimento da “escola nova” reivindicava em 1932, “ a escola oficial, única, em que todas as crianças, de 7 a 15 anos, todas ao menos que, nessa idade, sejam confiadas pelos pais à escola pública, tenham, uma educação comum, igual para todos” (Azevedo et al., 1960b, p.115 citado por Ferreira, 2010, p.79). No entanto a escola reivindicada pelo manifesto só foi concretizada 70 anos depois. “Ainda assim, essa instituição pública de ensino fundamental, destinada aos filhos das classes populares, até agora não foi capaz de assegurar uma educação no mesmo nível daquela que está assegurada aos filhos das elites econômicas e políticas que governam o Brasil secularmente” (Ferreira, 2010, p. 79).

Havia um quantitativo insuficiente de escolas públicas para a população da época e os conteúdos pedagógicos ofertados, estavam distante da realidade socioeconômica das crianças matriculadas nas escolas públicas. Era um ensino elitista. “Em 1961 Paulo Freire, publicava o artigo “Escola primária no Brasil” no qual afirmava: “De uma primeira aproximação que dela (escola primária) tenhamos, resulta a constatação de sua ineficiência quantitativa e de sua dolorosa inadequação faseológica” (Freire, 1961, p..20 citado por Ferreira, 2010, p. 90).

O educador pernambucano afirmava ainda que:

A inadequação de nossa escola primária consiste na sua verbosidade, no

exagero de memorização, na sonoridade das palavras, com que, fugindo à realidade em que se situa, se superpõe a ela. [...] é uma escola que não infunde esperança. Além da reprovação em massa [...] a milhares de meninos cedo antecipados em homens [...] se dão leituras em que se fala de viagens à “fazenda do tio Mário, onde vamos passar as férias”, viajando de trem e de barco e em cujo percurso “mamãe e papai conversam, Ângela e Cármen lêem revistas infantis. E eu estou na janela gozando a viagem (Freire, 1961, p.21-24 citado por Ferreira, 2010, p. 90).

Num contexto de transformações econômicas que sai de uma sociedade agrária para uma sociedade urbano-industrial, e num período que proibia o direito de voto aos brasileiros analfabetos, Paulo Freire desenvolve a sua “Pedagogia do oprimido” que defendia a erradicação do analfabetismo. Freire afirmava que o homem analfabeto permanecia preso na sociedade agrária, no qual este manifestava uma consciência ingênua em relação ao mundo em sua volta. “Assim, consciência crítica e sociedade democrática constituiriam-se nas duas condições fundamentais para que o homem fosse sujeito de sua própria história [...] Nesse sentido, compreende-se o caráter político do seu método de alfabetização, tal como poderíamos ler na obra Educação como prática de liberdade ” (Ferreira, 2010, p. 92).

O movimento de educação popular desencadeado por Freire, apoiado pela União Nacional dos Estudantes (UNE) e pelos sindicatos dos trabalhadores, reivindicava reformas de base (agrária, universitária e controle sobre as remessas de lucros das multinacionais). No entanto, Paulo Freire foi muito perseguido e pelo Golpe militar em 1964 teve que se exilar.

1.2.7 - A DITADURA MILITAR

A ditadura militar foi instaurada no Brasil com objetivo de interromper o processo populista das reformas societárias que se desenvolveram desde 1930. O caráter tecnocrático do regime militar em relação à educação tinha um único intuito de acelerar os processos de modernização do capitalismo brasileiro. Com isso foram implantadas, de forma autoritária, as seguintes reformas: em 1968 a reforma universitária com a ampliação das matrículas, especialmente nas modalidades profissionais, conhecidas como “operação produtividade”, e em 1971 implanta-se, a reforma do sistema nacional de 1º e 2º graus de ensino, com objetivo de criar uma ligação orgânica entre o aumento da eficácia produtiva de trabalho e a modernização das

relações capitalistas de produção. Todo o processo foi um esforço para viabilizar o slogan “Brasil Grande Potência”. No entanto, os ideais tecnicistas da ditadura militar, transformaram-se em fracassos porque a formação para mão de obra integrada ao sistema produtivo se configurou em altos índices de analfabetismo e desemprego.

Assim esses altos índices de analfabetismo contrastavam com o discurso tecnocrático da época sobre a eficiência do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), criado pela ditadura militar em 1967 para se contrapor ao movimento de alfabetização organizado por Paulo Freire no período anterior ao golpe de Estado de 1964, ou seja, três anos depois da sua instituição, o MOBRAL revelava-se um fracasso como política educacional de erradicação do analfabetismo (Ferreira, 2010, p. 92).

Apesar do aumento quantitativo da educação obrigatória de 8 anos que ocorreu após 1971, as medidas pedagógicas tomadas não proporcionavam qualidade de ensino aos alunos da escola pública . Um dos principais fatores para ineficiência educacional era a formação e remuneração dos professores.

A crise no sistema de ensino superior que se estabelecia pelo desfasamento dos currículos do corpo docente, pela precariedade das infraestruturas, pela estrutura autoritária do sistema de ensino superior, pelo elitismo existente e seu agravamento pelas vagas “excedentes” (candidatos aprovados no vestibular que não eram chamados para efetivarem matrículas por falta de vagas), faz com que os estudantes passem a reivindicar seus direitos. Os estudantes influenciados pelas organizações de esquerda, passam a se mobilizar na luta armada contra a ditadura militar.

A partir das eleições parlamentares de 1978 o cenário começa a mudar, quando o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) sai vitorioso sobre o Partido do regime militar (ARENA), no momento em que a sociedade civil se movimentava no intuito de derrubar a ditadura. No ano seguinte começa a reconstrução da União Nacional dos Estudantes (UNE) que havia sido fechada pelo regime em 1968 e os professores de primeiro e segundo graus fazem a grande greve.

Mas é com as eleições diretas para governador em 1982 que se tornou possível estabelecer planos estaduais de educação menos técnicos, que ficaram famosos como, por exemplo, os CIEPs de Leonel Brizola no Rio de Janeiro e a eleição para diretores no Paraná e em Mato Grosso do Sul. Muitos destes planos sofreram críticas de setores conservadores.

Os projetos educacionais do fim da ditadura seguiram duas tendências pedagógicas: a corrente mais difundida fixada nos pensamentos de Paulo Freire e Jean Piaget, baseada no ativismo do aluno e no construtivismo genético e a corrente baseada no marxismo principalmente apoiada no pensamento de Antonio Gramsci (1881-1937). Mas nenhum destes projetos

sobreviveu às pressões dos setores internacionais neoliberais.

A partir dos anos 1990, com a queda da União Soviética e as novas regras económicas e políticas mundiais, ditadas por entidades controladas pelos países capitalistas mais ricos, enquadrados em organizações como FMI, BIRD OCDE e outros, os países da periferia do sistema Capitalista como o Brasil, perdem autonomia e passam a receber “pacotes educacionais” condicionados pela dependência financeira que o país mantém com o capital internacional. “A partir dos anos 1990, as políticas nacionais que vigoraram no Brasil foram impostas de fora para dentro”. (Ferreira, 2010, p. 107)

1.2.8-SITUAÇÃO ATUAL DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

“Durante a ditadura (1964 – 1985) o Brasil, de uma sociedade agrícola e rural, transformou-se numa sociedade urbano-industrial. (...) Em 1980, a população brasileira já era composta por mais de 100 milhões de habitantes, dos quais mais de 70% habitavam os centros urbanos” (Ferreira, 2010, p. 104) Com isso aconteceram vários movimentos afim de democratizar a escola pública e a partir daí houve um aumento, de forma lenta e gradual, alterando o quadro de ofertas de escolas para todos. No entanto, a partir dos anos 1990, ocorreu subtração de autonomia do país. Ferreira(2010, p. 107 e 108) relata:

No novo contexto, as agências multilaterais controladas pelos países capitalistas mais ricos, como o Fundo Monetário (FMI), o Banco Mundial (BIRD), a organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e outras passaram a ditar as novas regras econômicas e políticas do mundo.

Por conseguinte, todos os empréstimos financeiros feitos pelos países latino-americanos ficavam condicionados às imposições determinadas pelo “Consenso de Washington”(...) A reforma do Estado brasileiro, principalmente em função das privatizações e do ajuste fiscal, prejudicou as políticas públicas, em particular a educação, pois permitiu o crescimento do setor privado, principalmente no âmbito do ensino superior, enquanto na escola pública o ensino ficou ainda mais ineficiente.

Ferreira (210) diz que o Brasil chega ao final do século XX sem resolver o grande problema da escola pública, dado que em 2000, entre os mais de 30 milhões de alunos

matriculados no ensino obrigatório, 3 milhões tiveram reprovações e os restantes 27 milhões beneficiaram de um processo educacional pobre(não alcançaram um mínimo “obrigatório” de conhecimento nas disciplinas de português e matemática). “Agora, porém, a exclusão das classes populares já não se realizava pela ausência da escola, (...) , a escola de Estado não garante a aprendizagem efetiva dos conhecimentos essenciais exigidos pelas sociedades contemporâneas”. (Ferreira, 2010, p. 109)

O Brasil chega ao final do século XX, com o problema de oferta de escola pública obrigatória para crianças de 7 a 14 anos sanado (Brasil, 2010d, citado por Ferreira, 2010, p. 113), ou seja, resolveu o problema quantitativo em relação a oferta de vagas, mas ainda era preciso resolver o problema da qualidade do ensino, visto que a escola pública brasileira chegou ao final do século XX sem conseguir “transmitir aos alunos os saberes fundamentais que possibilitam aos cidadãos enfrentarem os desafios criados pelo mundo contemporâneo e com isso o Brasil continua persistindo com traços de elitismo e de exclusão.

No século XXI, o Brasil continua demonstrando um trabalho ineficaz nas políticas públicas na área educacional , o que pode ser comprovado nos índices de avaliação:

a) a média brasileira no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)¹⁷ está abaixo de quatro numa escala de um a dez; b) 55% das crianças da 4ª série não possuem o domínio da leitura; c) em 2004, a taxa de reprovação no ensino fundamental era de 13%; d) hoje, um estudante que termine o ensino médio sabe quase o mesmo que um aluno da 8ª série sabia em 1995; e) a média de gasto por aluno brasileiro no ensino fundamental é de US\$ 500 (quinhentos dólares) por ano; entre os países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a média é de US\$ 4.800 (DOSSIÊ ESTADO, 2007). Diante desses números, é de se indagar: que qualidade tem a democracia brasileira? (Bittar, 2012, p. 166)

O Brasil ainda está muito distante dos países desenvolvidos no investimento em relação à criança e também não há um investimento suficiente no ensino por isso os pais de classe média e alta, conscientes da importância da educação para o desenvolvimento pleno do indivíduo, não hesitam em matricular os seus filhos em escolas particulares e afirmam que investir em educação é uma prioridade (De Filizola, 2018).

1.2.9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito ao ensino, parte da educação que é garantida pelo Estado, houve muitas disputas travadas no campo político e muitas reformas que resultaram numa lenta, e muitas vezes ineficaz estrutura educacional, que pode ser observada nas estatísticas de avaliações, no qual o Brasil está na “lanterna”, no que diz respeito aos conhecimentos básicos ofertados pela educação pública, o que deixa claro, mais uma vez, que a educação pública no Brasil, apesar de suprir a necessidade de oferta quantitativa, reproduz um ensino sem qualidade, com professores despreparados e mal remunerados, que precisam trabalhar “dobrado” para garantir um salário mínimo satisfatório.

Há discursos como: a criança tem direito a ... No entanto para algumas crianças a realidade é bem diferente, como relata Del Priore (2010)²⁵ O mundo que a criança deveria ser ou ter é diferente daquele onde ela vive, ou no mais das vezes, sobrevive. Muitas crianças, ainda hoje, não têm os seus direitos resguardados, sofrem ainda a barbárie materializada em números quanto ao do trabalho infantil, muitas necessitam de deixar a escola bem cedo, para ajudar no sustento da família, como era feito há séculos atrás; há exploração sexual, consumo e tráfico de drogas e ainda a violência que é sofrida na sua própria casa, muitas vezes por pais que criam os filhos ao acaso, reproduzindo a criação que tiveram ou abrindo mão totalmente dela. De forma que os pais, muitas vezes saem do autoritarismo para o permissivismo.

Desse modo é necessária uma análise específica do que dizem os pensadores da educação infantil, quando se trata da subjetividade do desenvolvimento da criança, para que se estabeleça a harmonia familiar.

²⁵Posição: 78 de 8.928 – 1%

Capítulo 2.

TEORIAS EDUCACIONAIS E PEDAGOGOS MAIS DIFUNDIDOS NO BRASIL

Como apresentamos no primeiro capítulo durante muito tempo a criança era vista como um adulto em miniatura, considerada descartável, sofria com todo tipo de violência, era submetida a uma educação extremamente rígida, com castigos físicos considerados comuns. Houve uma evolução, no que diz respeito ao olhar para a criança, antes, num período de alta mortalidade infantil. Com isso, havia uma preocupação com a criança, no início com princípios educativos para a higiene, introduzida nos lares e nas escolas, para então combater a mortalidade infantil. A partir de então, iniciou-se um movimento social a favor da infância, sob a influência de muitos educadores e reformadores revolucionários, com a contribuição dos seus pensamentos e métodos que levando a criança em consideração trouxeram grande mudanças: na educação familiar e na sociedade; na urbanização, com a construção de áreas de recreação em praças e jardins; na publicação de livros infantis, na fabricação de móveis em tamanhos adequados, entre outros aspectos. Três teóricos que revolucionaram a forma de olhar para a criança e que se tornaram bastante difundidos no Brasil e no mundo são Maria Montessori, Jean Piaget e Lev Vygotsky.

2.1 - MARIA MONTESSORI E A SUA VISÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com Agostinho da Silva (1939) Maria Montessori nasceu na Itália em 1870 e deu início à sua formação acadêmica na Faculdade de Medicina, numa época em que esse era um “trabalho para homens, visto que as mulheres deviam se dedicar ao lar”.

Montessori especializou-se no internato da clínica de psiquiatria, onde crianças eram internadas juntas a adultos. O seu interesse pelas crianças consideradas *anormais* levou-a ao conhecimento dos trabalhos de Itard e Séguin que era muito conhecido pelas suas ideias relacionadas ao tratamento de anormais e insistia em uma observação

cuidadosa do aluno. (Silva, 1939)

Em 1898, num Congresso em Turim, defendeu a Montessori a tese de que os deficientes e anormais precisavam muito mais de um bom método pedagógico do que de medicina (...)mas assegurava-se que as esperanças de qualquer desenvolvimento estavam no mestre (...)e que portanto era necessário que se criasse à volta do aluno um ambiente que o ajudasse (Silva, 1939 pp. 11-20).

Montessori coloca em prática o material de Seguin e cria o seu próprio material, obtendo ótimos resultados, no qual as crianças *anormais* que educara, quando submetidos a exame nas escolas públicas, obtiveram notas tão boas como as dos alunos ditos normais. Junto com esse triunfo, nasce uma preocupação com as crianças ditas normais. Para Montessori a explicação era de que as escolas estavam mal organizadas, a de que os métodos eram péssimos.

Com isso Montessori volta a ser estudante e frequenta aulas de psicologia e pedagogia. Depois disso assume a primeira Casa dei Bambini, colocando em prática as suas teorias com crianças ditas normais, obtendo, então, resultados excelentes e a partir daí seu método foi expandido para vários países.

Maria Montessori teve um novo olhar sobre a criança, numa época em que a sociedade via a criança como um ser descartável, quando educar uma criança se dava de forma rígida e violenta e rompe com a ideia de que a criança é um adulto em miniatura. Criou não apenas um método de ensino, mas tinha total respeito pelas crianças, defendendo um olhar para o seu processo de desenvolvimento, para suas condições de aprendizagem, inicialmente com crianças deficientes mentais, rejeitadas pela sociedade, no sentido de que não se tinha nenhuma esperança no aprendizado das mesmas, superando todas as expectativas, com ótimos resultados, provados nos exames oficiais, com notas tão altas quanto as das crianças das escolas regulares. A partir daí Montessori trabalha para expandir essa forma de educação para todas as crianças com uma teoria fundamentada na observação direta de cada criança individualmente, método resultante de suas experiências realizadas nos asilos infantis ou nas primeiras classes elementares.

Montessori relata que adquiriu confiança no método de Seguin após a aplicação do mesmo com excelentes resultados.

O homem que durante trinta anos, estudara as crianças anormais, concluía que

o método fisiológico (isto é, um método baseado sobre um estudo individual do discípulo), cujos processos educativos analisavam os fenômenos fisiológicos e psíquicos, devia ser também criado para crianças normais, trazendo a regeneração da humanidade inteira (Montessori, 1965, p. 35).

Montessori considera que é extremamente importante um ambiente favorável, com liberdade para a criança se manifestar naturalmente.

“Mande construir mesinhas de formas variadas, que não balançassem, e tão leves que duas crianças de quatro anos pudessem facilmente transportá-las; cadeirinhas, de palhas ou de madeira, igualmente bem leves e bonitas, e que fossem uma reprodução, em miniatura, das cadeiras de adultos, mas proporcionadas às crianças. (...)” (Montessori, 1965, p. 42).

Montessori manda construir móveis em miniatura, que reproduzem os utilizados pelos adultos, como os de casa: poltronas, mesinhas que não balançassem, nunca carteiras, como nas escolas atuais. Móveis leves que possibilitassem às crianças a troca de lugar, intencionalmente para que estas aprendessem a deslocá-los com o cuidado devido. Os móveis, as pias com altura acessível às crianças. “Ao longo das paredes, bem baixas, lousas e quadros sobre a vida em família, os animais, as flores, ou ainda quadros históricos ou sacros” (Montessori, 1965, p. 43).

Diferente do método tradicional, onde a criança fica aprisionada na sua carteira, podendo retirar-se somente para ir ao banheiro, quando autorizado pela professora, a criança tinha liberdade de locomover-se pela sala, acessando o que quisesse de forma independente, pois tudo estava ao seu alcance. Para muitos partidários da escola tradicional o método Montessori não podia manter a disciplina, visto que a criança tinha total liberdade de movimentos. Mas para Montessori manter-se parado não era sinônimo de disciplina. “A disciplina deve, também ela ser ativa. Não é um disciplinado o indivíduo que se conserva artificialmente silencioso e imóvel como um parálítico. Indivíduos assim são aniquilados, não disciplinados” (Montessori, 1965, p. 45).

“Uma classe em que todas as crianças tivessem uma atividade útil, inteligente e consciente, sem manifestar nenhuma indelicadeza, parecer-me-ia uma classe bem disciplinada” (Montessori, 1965, p. 50).

Desta forma “a mestra” deveria estar preparada, com técnicas especiais para

introduzir a criança numa via de disciplina que a preparasse não somente para a sala de aula, mas também para o convívio social, tendo o cuidado para que a sua segurança fosse garantida. Com isso o mestre deveria reprimir a criança quando os seus atos ofendessem ou prejudicassem o próximo ou o ambiente, inculcando na criança o respeito pelo outro, tendo como limite da sua liberdade o interesse coletivo:

Para isso, urge evitar com rigor a inibição dos movimentos espontâneos e a imposição de atos pela vontade de outrem, a menos que se trate de ações inúteis ou nocivas, precisamente porque estas devem ser sufocadas, destruídas”. (Montessori, 1965, p 46).

Para Montessori para que a criança se desenvolvesse teria de ter um ambiente apropriado, organizado, trazendo autonomia para tomar decisões, onde cada decisão terá uma consequência, no qual esta poderá identificar, analisar para uma próxima tomada de decisão. Portanto a autonomia é um conceito fundamental em Montessori.

Em primeiro lugar, pense-se em criar um ambiente adequado, onde a criança possa agir tendo em vista uma série de interessantes objetivos, canalizando, assim, dentro de ordem, sua irreprimível atividade, para o próprio aperfeiçoamento (Montessori, 1965, p 58).

Um ambiente alegre, organizado, que era mobilado proporcionalmente à criança, com objetos dispostos livremente, objetos para atingir objetivos como: quadros para dar laços, abotoar, fazer nós, etc; lavabos para as mãos; panos para limpar o pavimento, vassouras e espanadores para tirar o pó, escovas para limpar os sapatos, entre outros objetos que convidam a realizar um verdadeiro trabalho, para uma finalidade real e fácil de atingir; tarefas como auxiliar na colocação e retirada da mesa à hora das refeições, colocar os utensílios em seu respectivo lugar, são trabalhos cujas dificuldades são graduadas e que exigem um desenvolvimento gradual do caráter; é necessário ter paciência ao executá-los e assumir uma responsabilidade para poder levá-los a bom termo.

Todos esses exercícios são “exercícios de vida prática”, em que as crianças são incumbidas das tarefas, e as realizam com ardor e dignidade (Montessori, 1965, p. 59).

“Quando servimos as crianças, cometemos um ato servil para com elas: isto é

tão nefasto quanto querer sufocar algum de seus movimentos espontâneos úteis”
(Montessori, 1965, p. 53).

Para Montessori servir uma criança quando esta já tem condições de fazê-lo é um ato perigoso, no qual poderá trazer graves repercussões no futuro, além de consequências imediatas, “Inoculando, assim, na criança, o pecado da preguiça”.

Portanto no método Montessori o primeiro ponto é um ambiente organizado, porque segundo Montessori a aprendizagem pressupõe a organização. Quando a criança organiza um bloco ou um outro material, isso leva o seu pensamento a se organizar na conclusão desse trabalho, levando a criança a perceber e organizar estruturas que estão desorganizadas ou em desenvolvimento. O segundo ponto é a utilização de materiais e de utensílios da vida prática, materiais do cotidiano, materiais de alfabetização e materiais de desenvolvimento lógico-matemático, materiais de livre acesso, para que as crianças possam explorá-los. O terceiro ponto são as diferentes idades dos agrupamentos em sala de aula, porque leva-se em conta que o contexto social educa, ensina, transforma, o contexto social torna-se determinante na qualidade do aprendizado. O quarto ponto é o adulto devidamente preparado para uma educação em liberdade, um adulto que acompanha a ação da criança, falando o mínimo possível, conduzindo o processo e orientando sem determinar nem o que fazer, nem quando fazer nem como fazer; disponibilizando o material necessário para o desenvolvimento da criança. O quinto ponto é o material multi-sensorial: materiais da vida prática, materiais da vida cotidiana, materiais de linguagem, materiais de desenvolvimento intelectual, que são disponíveis para manipulação.

Montessori preparou, a partir de uma metodologia científica, um ambiente para que as crianças explorassem todas as suas capacidades e emoções, através das situações mais simples da vida no cotidiano, com o objetivo de desenvolver a autonomia, aprimorar e desenvolver a coordenação motora, desenvolver a atenção e concentração, possibilitar a liberdade de ação, valorizar-se como pessoa, valorizar o ambiente e as coisas, relacionar-se com os outros. A vida prática também nos sugere democracia, pois segundo Maria Montessori seria um erro absoluto anular as experimentações das crianças sob o pretexto de que não seriam capazes. Dessa forma o adulto preparado dispõe de possibilidades para que todos possam participar e executar tarefas, valorizando as suas conquistas, contribuindo para o desenvolvimento e auto-confiança. A metodologia

proporciona às crianças todas as condições para o desenvolvimento pleno de suas capacidades intelectuais, sociais e espirituais:

O bom ou o mal do homem na idade madura está estritamente ligado à vida infantil na qual teve origem. Sobre ela recairão todos os nossos erros, que repercutirão nela de maneira indelével. Morremos, mas nossos filhos sofrerão as consequências do mal que lhe terá deformado para sempre o espírito. O ciclo é contínuo e não pode ser interrompido. Tocar na criança significa tocar no ponto mais sensível de um todo que tem raízes no passado mais remoto e se dirige para o infinito do futuro. Tocar na criança significa tocar no ponto mais delicado e vital, onde tudo se pode decidir e renovar, onde tudo redundará na vida, onde estão trancados os segredos da alma, porque ali se elabora a educação do homem (Montessori, 1989, p. 10).

Por isso para Montessori trabalhar conscientemente em favor da criança, com a intenção de salvá-la equivaleria a conquistar o segredo da humanidade e para tal era necessário trabalhar o adulto, que se por um lado ama a criança, por outro lado por causa de sua cegueira, da sua insensibilidade em relação aos filhos, despreza-os inconscientemente, provocando um “sofrimento secreto que é um espelho de nossos erros e uma advertência quanto a nossa conduta” (Montessori, 1989, p 10).

2.2 -LEV VYGOTSKY E A SUA VISÃO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Difícilmente será possível falar sobre como o indivíduo se desenvolve a partir da mais tenra idade sem falarmos de Lev Vygotsky, pois a sua vasta coleção de estudos ainda que num período de vida curto, deixou bases para a formulação da teoria do desenvolvimento humano conhecida como socio construtivismo ou socio interacionismo e que funciona como base para a maioria das pesquisas relacionadas com a educação e o desenvolvimento da criança.

Oriundo de família de origem judaica, Lev Semenovich Vygotsky nasceu a 17 de novembro de 1896, em Orsha na BieloRussia. A sua família era economicamente estável e seus pais tinham uma boa base intelectual, pois o seu pai, uma pessoa muito culta, trabalhava em um banco e numa companhia de seguros e a sua mãe apesar de se dedicar

a vida doméstica era professora de formação. Vygotsky viveu boa parte de sua vida numa região da Bielorrússia chamada Gomel, com os seus pais e os seus sete irmãos.

Estudou em casa até os 15 anos de idade, através de tutores particulares. Sempre se mostrou muito dedicado aos seus estudos, principalmente os relacionados com literatura e artes em geral. Frequentava a biblioteca que tinha em casa e a biblioteca pública, estudava sozinho e com seus amigos. A sua estrutura familiar e a possibilidade de acesso que tinha a diversos livros de todo mundo, potencializado pelo conhecimento que tinha das línguas alemã, hebraico, latim, francês e inglês, provavelmente impulsionaram-no a procurar conhecimento de vários países, ainda que só houvesse viajado ao exterior uma única vez.

Completo o curso secundário, com destaque, aos 17 anos num colégio particular em Gomel, o que não lhe proporcionou uma vaga na universidade, pois devido à perseguição aos judeus, que ocorria na época, teve enormes dificuldades para ingressar no ensino superior. Mas apesar disso estudou Direito e Literatura na Universidade de Moscou e concomitantemente fez História e Filosofia na Universidade Popular de Shanyavskii e anos mais tarde, devido ao seu interesse pelo desenvolvimento psicológico humano e, particularmente, as *anormalidades* físicas e mentais cursou a faculdade de medicina em Moscou e depois em Kharkov.

Extremamente eclético no seu percurso acadêmico e profissional, transitou por diversas áreas do conhecimento, desde artes, literatura, linguística, antropologia, cultura, ciências sociais, psicologia, filosofia e medicina.

Vygotsky começa a sua carreira aos 21 anos e nos quatro primeiros trabalhou em Gomel, escrevendo críticas literárias, lecionando e proferindo palestras, publicando o seu primeiro artigo pedagógico sobre métodos de ensino da literatura nas escolas secundárias. As suas atividades nesta época resultaram na direção de uma seção de teatro no departamento de educação, na fundação de uma editora, uma revista literária e um laboratório de psicologia.

Ao ter contato com crianças com defeito congênito, seu interesse pelo desenvolvimento de crianças com este tipo de problema lhe levou a se debruçar sobre estudos com reabilitação de crianças deficientes e compreensão dos processos mentais.

A década final da sua vida foi marcada por uma grande quantidade de estudos

sobre o desenvolvimento humano e pelo casamento aos 28 anos com Roza Smekhova, com que teve duas filhas, vindo a falecer em 11 de junho de 1934, vítima de tuberculose, doença que o acometia fazia 14 anos.

No decorrer de sua carreira profissional contou com a participação de pesquisadores como Alexander Romanovich Luria (1902 – 1977) e Alexei Nikolaievich Leontov(1904 – 1979).As suas pesquisas procuravam aplicar métodos e princípios do materialismo dialético, para a compreensão do aspeto intelectual humano, na tentativa de explicar as funções psicológicas superiores.

No mesmo período em que se associou ao laboratório de psicologia do instituto de Educação Comunista, criou o Instituto de Estudos da deficiência com o objetivo de estudar o desenvolvimento de crianças consideradas *anormais*.

Partindo da necessidade de estudar o comportamento humano enquanto fenômeno histórico e socialmente determinado, Vygotsky e os seus seguidores dedicavam-se principalmente à construção de estudos piloto que pudessem atestar a ideia de que o pensamento adulto é culturalmente mediado, sendo que a linguagem é o meio principal desta mediação. (Rego, 1995)

Para elaborar os seus estudos, Vygotsky teve influência de pesquisadores de diversas áreas, como os russos A.A. Potebnya e Alexander Von Humboldt em linguística e V. A. Wagner na comparação entre o comportamento animal e humano. O pensamento marxista também serviu de base científica no que diz respeito às concepções sobre a sociedade, trabalho humano, uso dos instrumentos e interação dialética entre o homem e a natureza.

As obras de Vygotsky foram proibidas pelo regime estalinista de 1936 à 1956, ou seja, após a sua morte e, por isso foi ignorado por muito tempo no Ocidente, sendo publicado no Brasil apenas em 1984 quando foi lançada a obra *A Formação Social da Mente* pela editora Martins Fontes.

As concepções de Vygotsky sobre o desenvolvimento humano levam em consideração a relação dialógica existente entre o homem e sua cultura, o homem constrói a sua realidade ao mesmo tempo que é construído por ela.

A concepção teórica de homem e de mundo em Vygotsky, para Silva e Davis (2004): O homem é um ser social, pois se constitui nas e pelas relações sociais

que estabelece com a natureza e com outros homens, sendo então produto e produtor destas relações num processo histórico. Para atingir o estágio de humanização em que hoje se encontra, foi necessário que o homem dominasse a natureza para a produção de bens voltados para o próprio sustento. Domínio esse que só foi possível quando passou a conhecer as leis fundamentais que regiam a natureza. Tem-se então que o conhecimento é construído a partir das necessidades de um dado momento histórico, “no qual o homem passa a produzir seus modos de sobrevivência por meio do trabalho e do uso de instrumentos, desenvolvendo ainda a comunicação (linguagem) (p. 641). Constrói, portanto, uma nova realidade, agora sócio-histórica, permeada pela cultura e pelo conhecimento(Quadros, 2017, p 140).

Vygotsky para entender as origens das características psicológicas tipicamente humanas, estudou o comportamento e psiquismo dos animais de modo a identificar as diferenças e semelhanças com os seres humanos. Este tipo de comparação tornou-se uma constante nos seus estudos, assim como o estudo dos processos mentais de diferentes culturas e o estudo do desenvolvimento infantil que fez com que fosse possível considerar os seus trabalhos no campo da psicologia genética, já que se preocupou com o estudo da gênese, formação e evolução dos processos psíquicos superiores do ser humano.

Ao comparar o comportamento humano e o animal, identificou basicamente três características no comportamento do animal que o diferencia do psiquismo humano, são eles:

- Todo comportamento animal conserva a sua ligação com os motivos biológicos;
- O comportamento humano não é forçosamente determinado por estímulos imediatamente perceptíveis ou pela experiência passada;
- o animal tem o comportamento limitado pela hereditariedade da sua espécie, não transmite experiência.

No processo de desenvolvimento das funções superiores humanas, Vygotsky prioriza o processo de mediação, que caracteriza a relação do homem com o mundo, distinguindo dois elementos básicos responsáveis por essa mediação que são: o instrumento, que tem a função de regular as ações sobre o objeto e o signo, que regula as

ações sobre o psiquismo da pessoa. Ou seja, com o instrumento o homem modifica o mundo material e com os signos modifica o seu universo psicológico.

Ao utilizar os instrumentos o homem possibilita mais opções para intervir no meio externo, ou seja, quando um homem cria um instrumento, este não se restringe àquela única tarefa, pode ser aperfeiçoado para cumprir mais funções.

Os chamados signos ou “instrumentos psicológicos”, ajudam o homem nas suas ações internas, até mesmo a preverem ações que ainda não foram utilizadas e resolver problemas.

Neste processo de relação entre o mundo interno e externo do homem a linguagem ocupa lugar de destaque nas pesquisas de Vygotsky, pois a partir dela o homem passa a ser capaz de lidar com objetos do mundo exterior mesmo quando eles estão ausentes, preservar, transmitir e assimilar informações e experiências acumuladas pela humanidade ao longo da história.

A partir dos objetos, signos e linguagem a criança relaciona-se com os membros de seu grupo cultural mais experientes e incorpora ativamente as formas de comportamento já consolidadas na experiência humana, ou seja, a criança absorve o contexto cultural que é constantemente modificado pelas relações sociais.

Na perspectiva vygotskyana é impossível o homem desenvolver-se sem o auxílio dos membros de sua comunidade, vale lembrar o caso de duas crianças que foram encontradas na Índia vivendo no meio de lobos e não criaram traços do comportamento humano. “Quando isolado, privado do contato com outros seres, entregue apenas a suas próprias condições e a favor dos recursos da natureza, o homem é fraco e insuficiente.”(Rego, 1995, p 58)

As etapas do desenvolvimento humano são bastante complexas devido ao entrelaçamento de processos elementares biológicos e às funções psicológicas superiores de origem sociocultural. E a aprendizagem da linguagem pelo ser humano, para Vygotsky, tem papel fundamental neste desenvolvimento como um instrumento que liga o psicológico ao material:

Ao aprender a usar a linguagem para planejar uma ação futura, a criança consegue ir além das experiências imediatas. Esta “visão do futuro” (ausente nos animais) permite que as crianças realizem operações psicológicas bem mais

complexas (passa a poder prever, comparar, deduzir etc.) (Rego, 1995, p 66).

Na visão de Vygotsky, a linguagem escrita surge como um salto na perspectiva humana, pois agora o tempo não é mais um obstáculo para a propagação de um conhecimento adquirido. O indivíduo passa a ter à sua disposição toda a bagagem de conhecimento de seus antepassados.

Algumas pesquisas demonstram que este processo (escrita) ativa uma fase de desenvolvimento dos processos psicointelectuais inteiramente nova e muito complexa, e que o aparecimento destes processos origina uma mudança radical das características gerais, psicointelectuais da criança” (...) (Vygotsky, 1988, p. 116). O domínio desse sistema complexo de signos fornece novos instrumentos de pensamento (na medida em que aumenta a capacidade de memória, registro de informações etc.), propicia diferentes formas de organizar a ação e permite um outro tipo de acesso ao patrimônio da cultura humana (que se encontra registrado nos livros e outros portadores de textos). Enfim, promove modos diferentes e ainda mais abstratos de se relacionar com as pessoas e com os conhecimentos (Rego,1995, p. 68).

Sendo assim, o aprendizado da linguagem escrita envolve a elaboração de todo um sistema de representação simbólica da realidade. É por isso que ele identifica uma espécie de continuidade entre as diversas atividades simbólicas: os gestos, o desenho e o brincar. Em outras palavras, estas atividades contribuem para o desenvolvimento da representação simbólica (onde signos representam significado), e, conseqüentemente, para o processo de aquisição da linguagem escrita. (Rego,1995 p. 69)

Ao estudar o desenvolvimento intelectual da criança, Vygotsky identifica dois níveis relativos ao aprendizado, o nível de desenvolvimento real que se compreende por aquilo que a criança já assimilou, e que realmente aprendeu e domina e o nível de desenvolvimento potencial formado por aquilo que a criança é capaz de fazer mediante a ajuda de outra pessoa, ou seja, aquilo que a criança já tem instrumentos para a elaboração, mas ainda não organizou o conhecimento, necessitando do auxílio externo.

É a partir destes dois aspetos que Vygotsky propõe uma das suas teorias mais importantes- a zona de desenvolvimento proximal, que consiste na distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial.

A distância entre aquilo que ela (a criança) é capaz de fazer de forma autónoma (nível de desenvolvimento real) e aquilo que ela realiza em colaboração com os outros elementos de seu grupo social (nível de desenvolvimento potencial) caracteriza aquilo que Vigotsky chamou de “zona de desenvolvimento potencial ou proximal “. Neste sentido, o desenvolvimento da criança é visto de forma prospectiva pois a “zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentes em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de “frutos” do desenvolvimento” (Vygotsky, 1984, p. 97). Deste modo, pode-se afirmar que o conhecimento adequado do desenvolvimento individual envolve a consideração tanto do nível de desenvolvimento real quanto do potencial (Rego, 1995, p.73).

Vygotsky interessa-se bastante pelo papel desempenhado pelo ensino escolar, pois para ele a escola sistematiza conceitos que não podem ser alcançados de forma direta na vida cotidiana:

E para explicar o papel da escola no processo de desenvolvimento do indivíduo, Vygotsky faz uma importante distinção entre os conhecimentos construídos na experiência pessoal concreta e cotidiana das crianças, que ele chamou conceitos cotidianos ou espontâneos e aqueles elaborados na sala de aula, adquiridos por meio do ensino sistemático, que chamou conceitos científicos (Rego, 1995, p. 77).

Para Vygotsky, dentro da ideia de conceitos cotidianos, o brincar assume um papel fundamental no desenvolvimento infantil, pois é onde a criança internaliza processos mais abstratos e desenvolve competências de funções que ainda não exerce. A partir de situações imaginadas ela consegue satisfazer desejos não supridos. Os seus estudos passam a destacar a importância da imitação infantil como um processo construtivo importante para o indivíduo, não a imitação por si só, mas quando ela é gerada com o intuito de promover conhecimento.

Vygotsky divide o desenvolvimento da criança em dois níveis: o nível de

desenvolvimento real, que é o que a criança de fato já aprendeu e consegue realizar sozinha e o nível de desenvolvimento proximal, que é o que a criança potencialmente já sabe fazer, mas necessita do auxílio de um mediador, e a distância entre esses dois níveis Vygotsky chama de zona de desenvolvimento proximal e compara a um botão de flor que está por desabrochar.

De acordo com Vygotsky(2007), a Zona de Desenvolvimento Proximal “é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independentede problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes”. (VYGOTSKY, 2007, p. 97).

Refletir sobre as ideias de Lev Vygotsky, faz-nos andar por várias áreas do conhecimento, o que exige um estudo exaustivo e aprofundado sobre os seus mais de 200 artigos publicados, mas nos leva a entender o ser humano em seu aspeto histórico/biológico e psicológico de uma forma mais clarificada, o que nos leva a compreender como a nossa cultura e o ambiente histórico social são importantes para o nosso crescimento.

2.3 - JEAN PIAGET E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Jean Piaget nasceu no dia 9 de agosto de 1896, em Neuchâtel, na Suíça. Foi um renomado psicólogo e filósofo suíço. Piaget passou grande parte de sua carreira interagindo com crianças e estudando o seu processo de raciocínio.

Piaget desde a infância demonstrava interesse por ciências. Aos 11 anos de idade, publicou o seu primeiro artigo científico sobre sua observação de um pardal albino que observara num parque. Por isso foi considerado um menino prodígio, dando início aqui à sua brilhante carreira científica. Recebeu o doutorado em Biologia em 1918, aos 22 anos de idade pela Universidade de Neuchâtel.

Após formar-se, Piaget foi para Zurich, onde trabalhou como psicólogo experimental. Trabalhou como psiquiatra numa clínica. Essas experiências influenciaram-no no seu trabalho. Passou a combinar psicologia experimental, que exige um estudo formal e sistemático, com métodos informais de fazer psicologia: entrevistas,

conversas e análises de pacientes.

Em 1919, Piaget mudou-se para a França, onde foi convidado a trabalhar no laboratório de Alfred Binet, um famoso psicólogo infantil que desenvolveu testes de inteligência, padronizados para criança. Piaget notou que crianças francesas da mesma faixa etária cometiam erros semelhantes nesses testes e concluiu que o pensamento lógico se desenvolve gradualmente. Neste mesmo ano Piaget iniciou os seus estudos experimentais sobre a mente humana e começou a pesquisar também sobre o desenvolvimento das habilidades cognitivas. O seu conhecimento de biologia levou-o a enxergar o desenvolvimento cognitivo de uma criança como sendo uma evolução gradativa.

Piaget revolucionou as concepções de inteligência e de desenvolvimento cognitivo partindo de pesquisas baseadas na observação e em entrevistas que realizou a crianças. Interessou-se fundamentalmente pelas relações que se estabelecem entre o sujeito que conhece e o mundo que se tenta conhecer. Considerou-se um epistemológico genético porque investigou a natureza e a gênese do conhecimento nos seus processos e estágios de desenvolvimento.

Em 1921, Piaget voltou à Suíça e tornou-se diretor de estudos no Instituto J. J Rousseau da Universidade de Genebra. Aí iniciou o maior trabalho de sua vida, ao observar crianças a brincar e registrar meticulosamente as palavras, ações e processos de raciocínio delas.

Em 1923, Piaget casou-se com Valentine Châtenay, com quem teve três filhas: Jaqueline(1925), Lucienne (1927) e Laurent (1931). As suas filhas foram um grande laboratório, pois a partir da observação do desenvolvimento natural delas, desenvolveu as suas pesquisas empíricas.

Enquanto prosseguia com as suas pesquisas e publicações de trabalhos, Piaget lecionou em diversas universidades europeias. Registos revelam que ele foi o único suíço a ser convidado para lecionar na Universidade de Sorbonne (Paris, França), onde permaneceu de 1952 a 1963. Até a data de seu falecimento, Piaget fundou e dirigiu o Centro Internacional para Epistemologia Genética. Ao longo de sua brilhante carreira, Piaget escreveu mais de 75 livros e centenas de trabalhos científicos. Morreu em Genebra, em 17 de setembro de 1980.

Piaget descobriu que as crianças não pensam como os adultos, depois de muitas interações com crianças começa a suspeitar que atrás das declarações aparentemente sem lógica existiam processos de pensamento com uma ordem e uma lógica próprias. Cria então a epistemologia genética (o estudo da origem do conhecimento).

Piaget não era um educador no sentido próprio da palavra, no entanto tem muitas reflexões sobre o valor da educação. Pesquisou problemas que são fundamentais para as crianças aprenderem conhecimentos das disciplinas escolares, mas não só, dado que Piaget se desenvolveu num ambiente educativo, onde trabalhou no Instituto Jean Jacques Rousseau, dedicado inteiramente ao desenvolvimento e aperfeiçoamento de sistemas de educação e de práticas educativas, onde pode difundir as suas teorias, colaborando então com a pedagogia. Piaget mostrou que há diferença no pensamento da criança e no pensamento do adulto e que portanto é preciso prestar atenção a esta diferença e que não deveria ser dado o mesmo tratamento às crianças de diferentes idades. Portanto é preciso conhecer e respeitar cada fase da criança com as suas características específicas de forma a auxiliá-la no processo de educação:

A ideia de considerar o grande epistemólogo e psicólogo suíço educador poderia surpreender à primeira vista: de fato como chamar de “educador” a Jean Piaget, que jamais exerceu essa profissão, que sempre negou considerar-se pedagogo, chegando ao ponto de declarar que “Em matéria de pedagogia, não tenho opinião (Bringuier, 1977, p. 194 citado em Munari, 2010, p. 11).

Contudo não existe um método de Piaget que possa ser aplicado, porém Piaget estava de acordo com os métodos da Escola Nova e defendia que para se ter autonomia era necessário colocar responsabilidades no sujeito. “É necessário estabelecer entre as crianças, sobretudo nos adolescentes, relações sociais, apelar para a sua atividade e para sua responsabilidade”. (Piaget, 1948, p. 36). E também de que a disciplina tem de ser construída progressivamente pelo sujeito, através da cooperação e não por imposição de uma autoridade. Para Piaget o adulto tem de ajudar a criança a sair do egocentrismo, a se colocar no lugar do outro, novamente estimulando a cooperação entre os indivíduos.

Piaget dava grande importância à educação: “somente a educação pode salvar nossas sociedades de uma possível dissolução violenta ou gradual” (Piaget, 1934c, p. 31) “A coerção é o pior dos métodos pedagógicos” (Piaget, 1949d, p. 28). Por conseguinte “no terreno da educação, o exemplo deve desempenhar um papel mais importante do que a coerção” (Piaget, 1948, p.22 citado por Munari, 2010, pg 17).

“O Piaget psicólogo proporcionou ao educador uma série importante de dados experimentais em apoio aos métodos ativos preconizados por Montessori, entre outros (...) (Munari, 2010, p 23).

Há uma proposição sobre a qual todos os psicólogos e todos os educadores estão seguramente de acordo: nenhuma realidade moral é completamente inata. O que é dado pela constituição psicobiológica do indivíduo como tal são as disposições, as tendências afetivas e ativas: a simpatia e o medo – componentes do “respeito” -, as raízes instintivas da sociabilidade da insubordinação, da imitação etc., e, sobretudo, certa capacidade indefinida de afeição, que permitirá a criança amar um ideal, assim como amar a seus pais e atender à sociedade, ao bem de seus semelhantes (Munari, Alberto, 2010, p. 45).

ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Piaget afirma que todas as pessoas passam por quatro estágios de desenvolvimento, que se caracterizam pelas diferentes maneiras do indivíduo interagir com a realidade. São eles: De Palangana (2015)

Sensório-motor (0 a 2 anos): é o estágio onde a criança apresenta, a princípio, unicamente reflexos básicos para garantir a sua sobrevivência, pois não manifesta função simbólica nem pensamento ou afetividade representativa, não consegue manifestar cognitivamente pessoas ou objetos ausentes no ambiente.

Pré-operatório (2 a 7 anos): é o período da manifestação das capacidades simbólicas, onde a criança passa a não depender mais, apenas de suas sensações e movimentos. Com a linguagem a criança usa as palavras para representar os objetos ausentes e comunicar seus pensamentos. No entanto ainda há limitações como o não diferenciar a realidade do imaginário e a de se colocar no lugar do outro.

Operatório-concreto (7 a 11 anos): neste estágio a criança começa apresentar a forma de operações lógicas, mas para isso necessita de material concreto, para realizar essas operações, já está apta a considerar o ponto de vista do outro, sendo que está saindo do egocentrismo.

Operatório-formal (a partir de 12 anos): nesse estágio a criança torna-se capaz de pensar e raciocinar sobre conceitos hipotéticos ou abstratas, também torna-se capaz de entender a linguagem figurada, nesta fase a criança passa a discutir e questionar os valores dos pais e construir os seus próprios

Piaget conclui numa de suas teorias que assim como a inteligência se desenvolve, o juízo moral também se desenvolve. Na época a sociedade pensava na moral como uma interiorização das regras colocadas pelos pais, pelos professores, ou seja colocada de fora.

O desenvolvimento do juízo moral passa por três estados: o estado de anomia que é quando o indivíduo nasce, num ambiente sem leis, pois este desconhece as regras da casa ou da sociedade a princípio, e conforme o indivíduo vai crescendo ele vai tomando posse dessas leis e passa para o estado de heteronomia que é o momento onde as regras externas são impostas por uma figura de autoridade, onde a criança passa obedecer as ordens de um adulto respeitado, por medo de uma punição ou recompensa, o que faz com que a criança entenda que as más ações tem de ser punidas e as boas ações tem de ser premiadas. De Suardi e Becker, 2013 pg 57 “O bem é obedecer à vontade do adulto. O mal é agir pela própria opinião”.

Piaget, (1932/1994, p. 154). Essa moral do dever essencialmente heterônoma é decorrente de relações coercitivas. Contudo, há, na relação da criança com os pais ou cuidadores, uma afeição mútua que a impele a atos de generosidade o sacrifício. (citado por Suardi e Becker, 2013, p. 57).

O estado mais avançado é o estado de autonomia em que a criança adquire juízo de valor a partir da observação com a interação que terá com outros indivíduos, onde poderá fazer análises críticas de forma consciente, de acordo com as crenças já estabelecidas, definindo o certo e o errado com uma visão mais ampla de justiça, para além do que está escrito nas leis ou do que é ditado por figuras de autoridade. Para Piaget, “a autonomia só aparece com a reciprocidade, quando o respeito mútuo é bastante forte, para que o indivíduo experimente interiormente a necessidade de tratar os outros como gostaria de ser tratado”. (Piaget, 1932/1994, p. 155 citado por Suardi e Becker, 2013, p. 59). Para Munari(2010, p 63):

É certo que a disciplina e o sentimento da responsabilidade podem se desenvolver sem nenhuma punição expiatória: Têm sido feitas a esse respeito , as mais precisas experiências: as relações de cooperação bastam para provocar nas crianças um tal respeito à regra que a simples censura e um sentimento de isolamento moral, resultantes do ato cometido, conduzem o faltoso à disciplina comum.

Ou seja, muito mais do que dizer o que a criança deve ou não fazer, as relações, o colocar-se no lugar do outro, conduzirá a criança a uma reflexão de quais são as consequências que os seus atos trarão. Outro ponto é que a criança aprenderá muito mais com as nossas ações (exemplo) do que com nossos discursos, fazendo com que o indivíduo defina o que é certo ou errado com base em princípios éticos já estabelecidos, independente de regras e leis.

Portanto para Piaget(1932/1994, p. 94) a essência de toda a moralidade está no respeito mútuo, quando o indivíduo obedece às regras, tornando-se capaz de vivenciar as leis de reciprocidade:

(...) As leis e as regras são opções que a criança e o adolescente fazem em sua convivência social, pela autodeterminação. Nessa etapa se houver respeito mútuo e cooperação, haverá o desenvolvimento da autonomia moral e intelectual ...a autonomia do ponto de vista intelectual, liberta as crianças das opiniões impostas, em proveito da coerência interna e do controle recíproco. Do ponto de vista moral, substitui as normas de autoridade pela norma inerente à própria consciência (...) (Suardi e Becker, 2013, p. 62).

Em seu trabalho, Piaget identifica os quatro estágios de evolução mental de uma criança. Cada estágio é um período onde o pensamento e o comportamento infantil é caracterizado por uma forma específica de conhecimento e raciocínio. Esses quatro estágios são: sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal.

Em seus estudos sobre crianças, Jean Piaget descobriu que elas não raciocinam como os adultos. Esta descoberta levou Piaget a recomendar aos adultos que adotassem uma abordagem educacional diferente ao lidar com crianças. Ele modificou a teoria pedagógica tradicional que, até então, afirmava que a mente de uma criança é vazia, esperando ser preenchida por conhecimento. Na visão de Piaget, as crianças são as próprias construtoras de ativas do conhecimento, constantemente criando e testando suas teorias sobre o mundo. Ele forneceu uma percepção sobre as crianças que serve como base de muitas linhas educacionais atuais. De fato, suas contribuições para as áreas da Psicologia e Pedagogia são imensuráveis. (Portal da educação, s.d)

3 – METODOLOGIA

3.1 – PROBLEMÁTICA, PERGUNTA DE PARTIDA, OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

Durante muitos anos os pais tinham o apoio dos avós, tios e vizinhos na criação dos filhos e normalmente as famílias tinham muitos filhos. Com o decorrer da revolução industrial as famílias, antes agrícolas, deslocaram-se para as grandes cidades, nas quais não tinham mais o apoio na criação dos filhos. A partir daí surgiram muitos problemas na criação dos filhos, e muitos pais isolaram-se com o pensamento de que “o filho é meu cuidado eu!” Observando o contexto familiar do presente século é possível perceber as dificuldades e receios das famílias em relação aos seus filhos.

Mas nos casos em que houve a melhoria económica das condições de vida das famílias e maior escolaridade dos progenitores as relações de parentesco tem vindo a mudar também fruto da forma como hoje a criança é considerada. Mas essas relações de parentalidade muitas vezes intuitivas vão ao encontro do que é defendido nas teorias e métodos educacionais? as famílias como dissemos anteriormente não tem formação específica para serem educadores, daí a nossa pergunta de partida: Existe convergência nas relações parentais com os princípios defendidos nas teorias e métodos educativos?

Estabelece-se o seguinte objetivo geral: interpretar as relações parentais desenvolvidas no contexto familiar à luz das teorias educacionais. E como objetivos específicos:

- identificar procedimentos usados nas relações parentais;
- interpretar as perceções dos pais sobre esses procedimentos;
- relacionar os procedimentos e perceções com os princípios apresentados nas teorias e métodos educativos.

3.2-DESENHO DA INVESTIGAÇÃO

O presente estudo consiste numa pesquisa de carácter exploratório descritivo e enquadra-se no paradigma qualitativo porque assenta nas perceções e interpretações dos sujeitos sobre o assunto em estudo e os dados foram analisados de forma qualitativa. Segundo Silva e Menezes (2001.p.19)

Na pesquisa qualitativa considera-se que há uma relação dinâmica entre o mundo real

e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados, e o pesquisador é o instrumento chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. Os processos e seu significado são os foco principais de abordagem.

A pesquisa qualitativa busca desenvolver conhecimento a partir de características subjetivas do elemento a ser analisado.

A pesquisa exploratória tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação dos problemas mais precisos ou hipóteses pesquisadas para estudos posteriores.(Gil, 2008. p. 27)

3.3-TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas guião da entrevista encontra-se em anexo, com a participação de seis mães (geralmente são as mães que passam mais tempo com os filhos), com crianças em idade escolar, que residem no Rio de Janeiro.

A pesquisa foi feita através de plataformas de internet, dada a impossibilidade de contatos presenciais, devido a necessidade de distanciamento ocasionado pela pandemia do novo coronavírus.

Foram estabelecidas chamadas de vídeo de 45 minutos pelo aplicativo whatsapp de forma a ser possível observar cada detalhe a respeito do entrevistado. Foi pedido ao entrevistado que estabelecesse o melhor horário para que a entrevista fosse feita e que este se encontre em um local tranquilo, de forma que sua atenção esteja voltada apenas para a entrevista.

Por ser uma pesquisa de caráter qualitativo as perguntas foram abertas de modo que o entrevistado possa desenvolver as suas ideias, receios e dificuldades de modo que possamos entender as subjetividades das suas relações com seus filhos.

3.4 – POPULAÇÃO DO ESTUDO PERFIL DAS ENTREVISTADAS

Foram entrevistadas 6 mães, escolhidas por uma amostra de conveniência, todas mães biológicas, casadas, que moram com os pais das crianças, todas do Rio de Janeiro, com idades compreendidas entre 29 e 47 anos, cujos filhos tem idades compreendidas entre 3 e 12 anos, 5 delas tem um único filho, sendo um deles especial e uma tem dois filhos. Duas crianças são alunas de creche pública, duas são alunas de escola pública e duas são alunas de escola particular; todas as mães têm como formação mínima o ensino secundário, 2 tem formação de nível secundário para professoras de educação infantil e primeiro segmento do ensino fundamental. Só uma exerce a função de professora, outra exerce a função de empreendedora no ramo de moda feminina, uma está em formação superior de pedagogia, mas exerce a função de empreendedora no ramo de festas, uma possui formação superior em pedagogia, mas no momento exerce a função de diretora de escola Montessori, uma que também possui formação de ensino secundário exerce a função de doméstica.

Entrevistado	E1
Idade	29 anos
Estado civil	Casada
Quant. De filhos	1
Idade do filho	3 anos
Estudante de escola	Creche Pública
Formação	Nível secundário - Professora de Educação infantil e 1º seguimento do ensino fundamental
Atuação profissional	Professora de educação infantil

Entrevistado	E2
Idade	37 anos
Estado civil	Casada
Quant. De filhos	1
Idade do filho	8 anos
Estudante de escola	Particular
Formação	Nível secundário - Professora de Educação infantil e 1º seguimento do ensino fundamental
Atuação profissional	Empreendedora – ramo moda feminina

Entrevistado	E3
Idade	42 anos
Estado civil	Casada
Quant. De filhos	1 Especial (síndrome de Down)
Idade do filho	5 anos
Estudante de escola	Creche pública
Formação	Nível Superior em formação – Pedagogia
Atuação profissional	Empreendedora – ramo festas

Entrevistado	E4
Idade	34 anos
Estado civil	Casada
Quant. De filhos	2
Idades do filhos	9 e 11 anos
Estudante de escola	Pública
Formação	Nível secundário -Formação geral
Atuação profissional	Zeladora

Entrevistado	E5
Idade	40 anos
Estado civil	Casada
Quant. De filhos	1
Idade do filho	4 anos
Estudante de escola	Particular
Formação	Nível Superior – Pedagogia – Especialização em Montessori
Atuação profissional	Diretora de escola Montessori

Entrevistado	E6
Idade	47 anos
Estado civil	Casada
Quant. De filhos	1
Idade do filho	12 anos
Estudante de escola	Particular
Formação	Nível Superior – Pedagogia
Atuação profissional	Professora de Ensino Fundamental I

3.5-TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS

A análise das entrevistas foi feita através da técnica de análise de conteúdo, se mostra a melhor forma de codificar a as informações expressas pelo entrevistado.

A análise de conteúdo é uma técnica de análise das comunicações, que irá analisar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador. Na análise do material, busca-se classificá-los em temas ou categorias que auxiliam na compreensão do que está por trás dos discursos. O caminho percorrido pela análise de conteúdo, ao longo dos anos, perpassa diversas fontes de dados, como: notícias de jornais, discursos políticos, cartas, anúncios publicitários, relatórios oficiais, entrevistas, vídeos, filmes, fotografias, revistas, relatos autobiográficos, entre outros. (Silva & Fossá, 2015 p.2)

Dentro da perspectiva da análise de conteúdo , para abordar os assuntos expostos nas entrevistas foram criadas as seguintes categorias de análise:

Tópico 1 - Aspectos da Relação de Parentalidade

- Dificuldades causadas pelo uso do telemóvel
- A realização das atividades da vida prática
- Conexão entre pais e filhos aplicação de prêmios e castigos
- Interação social das crianças
- Incentivo à criatividade das crianças
- Importância da vida escolares

Tópico 2 – Principios orientadores a relação parentalidade

- A presença é o melhor presentes
- Responsabilidade das crianças
- Autonomia
- Respeito dos adultos pela crianças
- Ser exemplo

4 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 – ASPECTOS DA RELAÇÃO DE PARENTALIDADE

O TELEMÓVEL CAUSA DIFICULDADES NO RELACIONAMENTO

Um dos maiores “problemas” de relacionamento entre mães e filhos segundo a maioria das mães entrevistadas, é o tempo que estas ficam “presos” ao telemovel. É o que dizem 5 das 6 mães entrevistadas.

“ Se deixar ela fica o tempo todo (...) Às vezes não tem jeito, eu preciso dar o celular para ela, se não, não consigo fazer nada (E3)

As crianças, no geral, na nossa sociedade, têm contato com os colegas que falam de algum jogo ou personagem de desenho ; jogam com os colegas pela internet, conversam pela internet, estão sempre interagindo pela internet:

“O fato de ser filha única, complica muito essa relação, porque os amigos estão todos online, as brincadeiras também, nos jogos online... Ela sempre foi muito obediente, tranquila. Todos os problemas que eu não tive com ela, eu estou tendo agora com a internet (E6)

“Hoje em dia, eu acho que o problema é o celular (...) Eu tiro o celular, quando ela está com dificuldade de aprendizagem na escola (...) Ela fica uma semaninha sem o celular, para se dedicar aos estudos (E2)

“Com a pandemia, como não está tendo aulas, e ela fica com a avó para eu trabalhar, ela fica maior parte do dia assistindo desenho... (E1)

A entrevistada E5, no entanto, não indica problemas quanto ao tempo dedicado pela criança ao telemovel e afirma ter uma rotina estabelecida:

“Nós temos uma rotina em casa que nós fizemos juntos. Ele tem as tarefas dele, o tempo de brincar, muito tempo de brincar, o tempo de tela (desenho) (E5)

Um dos maiores “problemas” de relacionamento, segundo a maioria das mães entrevistadas, é o tempo de tela dos filhos.

É notório o grande poder que os recursos tecnológicos têm para entreter a criança, sendo muito difícil fugir deles. No entanto, talvez porque tenha uma resposta imediata, percebe-se pela fala de algumas das mães entrevistadas que os telemoveis parecem ser o único meio que têm de entreter os filhos hoje.

No geral, é notório que os pais lutam com o problema que eles mesmos criaram... Por mais que estes tenham informação de que o uso ilimitado desses recursos podem atrapalhar o desenvolvimento natural da criança e ainda podem stressá-la, continuam lançando mão dos mesmos, no caso de muitos para “ver-se livre” da criança e conseguir continuar as suas atividades.

Segundo Montessori é necessário que se tenha um adulto preparado para conduzir o desenvolvimento da criança, tendo o cuidado para que sua integridade seja garantida, interditando à criança atos que ofendem ou prejudicam a si próprio, ao próximo e ao ambiente. Com isso cabe aos pais a obrigação de limitar o tempo de uso do telemovel tendo em vista o conhecimento da ação nociva do uso das mesmas:

... “Para isso, urge evitar com rigor a inibição dos movimentos espontâneos e a imposição de atos pela vontade de outrem, a menos que se trate de ações inúteis ou nocivas, precisamente porque estas devem ser sufocadas ou destruídas”. (Montessori, 1965 ,p 46)

Por isso, o ideal será restringir o uso apresentando outras possibilidades de diversão e ainda fazer com que a criança utilize as tecnologias para produzir conteúdos que sejam do seu interesse ,passando-lhe o protagonismo, para que ela deixe de ser somente recetora de conteúdos e saia da passividade.

A REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES DA VIDA PRÁTICA

Todas as entrevistadas possibilitam aos filhos ajudar em algumas tarefas da vida prática., com algumas restrições temendo a integridade física dos mesmos:

“Eu sempre dou possibilidades de escolha para minha filha. A escolha da roupa que ela vai vestir, um biscoito no supermercado, os temas de aniversário (...) Na cozinha eu só deixo ela secar a louça de plástico, varrer a casa, arrumar a cama dela, por enquanto (...) Sempre que estou fazendo as tarefas ela quer me ajudar, sempre deixo ela ajudar com alguma coisa (E1);

“Desde muito pequenos sempre gostaram de ajudar. Dava para eles a possibilidade de escolherem a própria roupa que podiam usar, no entanto eu tinha muito medo quanto ao uso de faca, garfo, copo de vidro (E4);

A entrevistada E6 percebeu a necessidade da filha de fazer escolhas :

Eu escolhia uma roupa e minha filha ainda com três anos, escolhia outra. Quando ela fez isso pela primeira vez, foi surpreendente. A gente entendeu que tinha de respeitar a escolha dela (...) Desde pequena ajuda na preparação das refeições. Hoje ela faz bolo melhor do que eu (...) De tanto ser chamada para ajudar nas tarefas, hoje ela pergunta: O quê eu posso fazer para te ajudar? (E6)

A entrevistada E2 diz abrir algumas possibilidades de escolha, mas afirma que a filha é muito dependente dela:

“Eu até abro algumas possibilidades de escolha, mas acho que ela ainda é muito dependente de mim. Ela pergunta: Mãe, com que roupa eu vou? Acho que é um erro meu, porque sempre dou a roupa na mão dela(...) Há pouco tempo que eu dou algumas atribuições para ela, mas não mexe com faca, nem com fogo, nem com nada de vidro... Sou uma mãe muito medrosa (E2).

A entrevistada E5, conhecedora do método Montessori, criou um ambiente acessível ao filho:

Ele tem o quarto preparado desde que nasceu, para que ele tenha acesso às roupas e objetos que pode escolher (...) Com dois anos já não queria mais usar sandália, só tênis. Eu perguntei pra ele: Por que você não usa mais sandália, no que ele me respondeu: porque tênis corre mamãe, sandália não (...) Ele é uma criança extremamente aguçada (E5);

Ele tem as tarefas dele disponibilizadas em um quadro de rotinas com o tempo de brincar, muito tempo de brincar! O quadro auxilia na organização da sequência do que ele deve fazer. Mas todos os dias ele precisa fazer pelo menos uma tarefa que seja para o bem comum da casa (...) Desde que começou a andar, sempre foi inserido nessas atividades de casa. Então ele já criou hábito (E5);

“A casa foi bem adaptada para ele. Nós preparámos um espaço na sala para ele ficar. A cama dele era no chão. Todas as coisas que ele precisava pegar, adaptamos para ele como a torre de aprendizado, mesinha e cadeirinha para fazer refeições e atividades (E5).

Pelo contrário a entrevistada E3 não dá possibilidades de escolha à filha, mas diz permitir que ela participe nas tarefas:

“Eu ainda escolho a roupa dela, porque não acho que ela tenha percepção para isso ainda. Ela tá começando agora a me apontar o que quer vestir (E3);

“Ela adora ajudar. Sempre que estou fazendo tarefas , dou a ela alguma atividade que possa fazer, como pendurar roupa, varrer , etc (E3).Afirma que a filha limpou a sujeira quando derramou algo no chão:

“Outro dia ela bateu forte a geladeira e caíram dois ovos no chão e quando cheguei na cozinha, ela estava limpando, sem que eu mandasse. Eu fiquei muito feliz (E3) .

Percebe-se pela fala dos entrevistados que as crianças gostam de ajudar nas tarefas de vida prática e que a maioria dos pais dá alguma liberdade às suas crianças desde pequenas, com alguma limitações, alguns temendo pela integridade física dos mesmos, outros por não conhecerem as capacidades que a sua criança tem em diferentes etapas do desenvolvimento.

Constata-se na fala da entrevistada E3 a falta de confiança nas capacidades da sua criança, pois diz que a criança limpou o chão quando derramou algo que caiu da geladeira e ao mesmo tempo que esta não tem capacidade de escolher a própria roupa.

A opinião dos entrevistados leva-nos a relacionar o comportamento das crianças em ambiente escolar e em casa. Habitualmente fazem as tarefas às crianças nas escolas e muitas até mesmo em casa, mesmo quando já tem capacidade de fazer tarefas sozinhas... Os adultos fazem as tarefas pelas crianças e quando estas derrubam ou quebram alguma coisa, os adultos prontamente vão limpar a sujeira. Não permitem que as crianças colaborem desde cedo, mas quando as crianças se tornam “grandes”, os adultos cobram destes responsabilidade e colaboração. Essas crianças são tratadas como incapazes quando são servidas em copos e pratos de plástico e colher, e na maioria das escolas, as crianças são sempre vistas como “vândalos “e tratadas como tal. Durante as refeições escolares vemos muita algazarra e desvalorização do patrimônio público. As crianças por vezes tratam os adultos como serviçais, quando poderiam estarem servindo-se uns aos outros, cuidando do ambiente, organizando atividades, etc. E aí teríamos um ambiente de formação para a cidadania.

Na opinião de Montessori:“Quando servimos as crianças, cometemos um ato servil para com elas: isto é tão nefasto quanto querer sufocar algum de seus movimentos espontâneos úteis”. (Montessori, 1965, p. 53). Para Montessori fazer as tarefas pela criança quando esta já tem condições de fazê-lo é um ato perigoso, o qual poderá trazer graves consequências no futuro e até no imediato porque ajuda a criar preguiça.

Montessori comprovou os inúmeros ganhos que advêm do desenvolvimento da vida prática: valorização como pessoa, aumento da autoconfiança, promoção da autonomia, desenvolvimento da coordenação motora, desenvolvimento da atenção e concentração, respeito pelo ambiente e pelas coisas, relacionamento com os outros. Portanto realizar atividades da vida pratica contribui para o desenvolvimento das capacidades da criança.

Montessori concluiu que a criança só recorria aos brinquedos quando não tinha algo melhor para fazer; quando atuava na vida prática real, colocando a mesa, picando uma fruta, entre outras atividades, não recorria aos brinquedos.

Podemos transferir este conhecimento para o uso do telemóvel:

“Os primeiros albos da disciplina nascem com o “trabalho”. Quando uma criança toma interesse pelo trabalho, a expressão de seu semblante, a atenção, a constância de seu exercício, comprovam sua aplicação. Esta criança acha-se no caminho da disciplina”. (Montessori, 1965, p.285)

Por isso é necessária a consciencialização do adulto para a necessidade de aprender sobre as etapas de desenvolvimento da criança e para a importância do ambiente em que esta é criada. Deve observar a criança e a partir da demonstração de interesses delas, auxiliá-las, dando-lhes as ferramentas que contribuirão para o seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional.

Das 6 entrevistadas, 5 adaptaram acessibilidade de pias ou lavatório para as crianças.

“Colocamos banquinho para acessibilidade e disponibilizamos objetos, frutas, biscoitos (E1)

“Minhas crianças utilizavam banquinhos para acessibilidade à pia e ao lavatório (E4)

“Depois que minha filha, com dois anos, escalou a pia, passei a disponibilizar banquinhos para acesso. (E3)

“Ele tem o quarto preparado desde que nasceu, para que ele tenha acesso às roupas e objetos que pode escolher (...) “A casa foi bem adaptada para ele. Nós preparamos um espaço na sala para ele ficar. A cama dele era no chão. Todas as coisas que ele precisava pegar, adaptamos para ele com a torre de aprendizado, mesinha e cadeirinha para fazer refeições e atividades (E5)

“Utilizava um banquinho para que ela alcançasse a pia e o lavatório ou onde precisasse. (E6)

“Dava uma caneca com água e a escova de dentes para ela escovar os dentes (E2)

Para que a criança tenha liberdade dentro de casa, é possível observar pela fala dos pais que a

maioria disponibiliza itens para acessibilidade, tendo em vista a importância da criança desenvolver alguma autonomia.

“O primeiro problema da educação é providenciar à criança um ambiente que lhe permita desenvolver as funções que a natureza lhe atribuiu.” (MONTESSORI, 1987, p. 79).

CONEXÃO ENTRE PAIS E FILHOS

Todas as entrevistadas praticam algumas atividades de conexão com filhos:

“Tenho muito diálogo com minha filha, para que ela perceba o quanto me preocupo com ela, o quanto a amo (...) A gente vive uma geração de adultos que não tiveram nada quando crianças, e aí agora que pode, quer dar tudo para os filhos. Respeitar a criança não quer dizer dar tudo o que a gente quer para ela, o que a gente quer dar não é nem o que ela precisa. O que a gente precisa é respeitar a criança, mas precisa saber que respeito é esse. A gente estuda para tudo na vida, mas a gente não estuda para ser pai e mãe (...) Para a criança se sentir amada, não é preciso a encher de presente ou fazer todas as vontades delas, pois dessa forma ela pode se tornar egoísta, maldosa (E6);

“Desde que eles são pequeninos, quando você cuida deles, quando você os ouve com empatia, com respeito, quando ele vê você tratando as pessoas em volta com respeito e empatia, o amor e o respeito vão sendo construídos (E6);

“Por mais que você se altere, você tem de chamar atenção dentro de um limite. Enquanto profissional eu trago isso muito para casa, mas é diferente o tom que você fala com um aluno e o tom que você fala com o filho, devido a intimidade (...) Por mais que você se altere, a criança vai perceber que é para o bem dela (E6);

“Eu gosto de brincar com ela, de ficar muito tempo com ela, conversar com ela. Quando ela acordar dou beijos, dou atenção, digo que a amo (E3);

Nós somos praticamente a mesma pessoa. A gente tá sempre junto. A gente dorme junto, acorda junto, conversa muito, brinca muito. Quando a gente brinca, a gente entra no mundo da criança
“Nós somos praticamente a mesma pessoa. A gente tá sempre junto. A gente dorme junto, acorda junto, conversa muito, brinca muito. Quando a gente brinca, a gente entra no mundo da criança (E1);

“Às vezes a gente se altera, mas devemos evitar o máximo, mas se acontecer a gente tem que se desculpar e dizer por qual motivo se alterou, conversando para ensinar o que é certo e errado (E1);

“As vezes dou uns gritos, mas é para educar (E3);

“Quando aprontam eu coloco de castigo (E4);

As entrevistadas, no geral, demonstram saber a importância da conexão, do vínculo com os filhos e utilizam-se de vários critérios para tal, dando mais ênfase ao tempo juntos com qualidade.

Estas mães entrevistadas mesmo sem saber, instintivamente, praticam algumas atividades de conexão com os seus filhos como brincar, conversar, olhar nos olhos, passear juntos, tocar (carinho), dizer que ama, envolver a criança em atividades do dia-a-dia, ler um livro, estar atento em pequenas coisas, ouvi-los. Mas a partir das falas das entrevistadas percebe-se que fazem atividades instintivas e conectam-se aos filhos gerando emoções positivas, por outro lado em certos momentos de “stress”, muitas vezes sem se aperceber, geram emoções negativas, gritam com a sua criança, humilham-na, a desrespeitam-na, depreciam-na pelo simples fato dela ser uma criança e os pais se sentem no direito de fazê-lo, só porque é o adulto cuidador. Certamente se um adulto cometer o mesmo erro que a sua criança, não será tratado de forma igual...

Estas mães falam muito em educar os filhos, e esquecem-se de algo que é primordial para que se haja interação, colaboração, empatia, respeito, amor. É muito importante que a criança se sinta amada, se sinta querida, se sinta aceita. Que haja afeto. Geralmente o adulto não tem conhecimento das necessidades de uma criança e por vezes dizem: Ela é só uma criança. No entanto, a criança tem necessidades que precisam ser reconhecidas para que haja o estabelecimento de vínculos.

Estas mães pensam que estabelecer conexão é dar conforto, presentes, educação (escolar), mimos e permissividade. Mas a conexão está para além disso: a criança precisa sentir que os pais se preocupam com ela, precisa de se sentir querida, aceita, amada, cuidada. A educação não é possível sem que se estabeleçam vínculos afetivos.

Vigotski (2001) afirma que a emoção é a reação reflexa de certos estímulos que são mediados a partir do meio sociocultural. As emoções influenciam e diversificam o comportamento, portanto, quando as palavras são ditas com sentimentos agem sobre o indivíduo de forma diferente de quando isto não acontece. Se fazemos alguma coisa com alegria as reações emocionais de alegria não significam nada senão que vamos

continuar tentando fazer a mesma coisa. Se fazemos algo com repulsa isso significa que no futuro procuraremos por todos os meios interromper essas ocupações. Por outras palavras, o novo momento que as emoções inserem no comportamento consiste inteiramente na regulação das reações pelo organismo(Emiliano e Tomas,2015, p.139.)

Os relacionamentos são construídos através de conexões. As crianças anseiam por elas que são mais do que um abraço, um beijo, um “eu te amo”. É preciso estar atento ao que as crianças dizem e reservar tempo para as brincadeiras conduzidas por elas.

APLICAÇÃO DE PRÉMIOS E CASTIGOS

Das 6 entrevistadas, quanto ao castigo físico, 2 consideram desrespeitoso , 2 consideram que gera violência, 2 consideram não ser necessário.

“Não uso a vara. Não é respeitoso. Coloco sentadinha para pensar. Depois converso e explico o que está errado (E1)

“Quando ela faz birra para ficar mais tempo no parquinho e eu preciso ir embora, converso com ela, “emgambelo” ela, dando outras coisas que ela também gosta (E1)

“Eu apanhei muito (...) Não acho respeitoso. A gente tem que procurar a melhor forma de lidar com a criança (E3);

“Jamais uso castigo físico. A criança entende que as coisas se resolvem com violência, quando há o castigo físico. Deixo ele viver a consequência natural ou lógica de suas atitudes. É o que vai acontecer naturalmente na vida de cada indivíduo (E5);

“O castigo físico só ensina a criança a resolver as coisas com violência, gera revoltas (...) Aqui em casa a gente conversa muito, estabelecemos regras juntos (E6);

“Não há necessidade de castigo físico. Para disciplinar eu converso, mas se precisar eu tiro o que ela gosta (E2);

“ Não acho necessário o castigo físico. Tiro alguma coisa que eles gostam (E4)

Percebe-se pela fala das mães que todas estão de acordo, que o castigo físico não é a melhor opção, para umas porque dizem ser desrespeitoso, para outras porque entendem que violência gera violência e ainda outras dizem não ser necessário. Para disciplinar a criança já usam outros métodos. Vão portanto ao encontro do que disse Montessori sobre os castigos físicos às crianças e as atitudes iradas dos familiares: “O pecado mortal que nos impede de compreender a criança é a ira”. (Montessori, 1989, p.166)

As entrevistadas afirmam não usar o castigo físico e dizem utilizar outros métodos como forma de repreensão.

Das entrevistadas que não usam o castigo físico, 3 confessam que de vez em quando ao perderem o controle delas próprias soltam uns gritos:

“Aqui eu não uso vara. Coloco sentadinha para a criança pensar. Depois converso com a criança para explicar o que está errado, mas de vez em quando solto uns gritos (E1);

“De vez em quando a gente se altera. Por mais que você se altere, a criança tem de perceber que tem amor ali, que é para o bem dela (E6);

“Nunca uso castigo físico. (...) Quando eu perco o controle, depois eu sempre converso com ele e falo, olha, errei, não é assim que se faz. Fiquei muito irritada por causa disso, mas não é assim que se resolve as coisas, gritando. Peço desculpas. Não é o ideal, mas é importante que ele saiba que a gente também erra e pede desculpas. Na maioria das vezes, o problema nem é da criança, é a gente que já está aborrecida com outras coisas ou cansada e aí a corda arrebenta para o lado do mais fraco. Normalmente eu aviso para ele: Eu estou ficando irritada, e se ele continua eu dou um “esbregue” nele e ele fica assustado, porque não é rotina. Depois eu converso com ele e falo, quando eu avisar que estou irritada, você para. Porque continuar é uma forma de agredir o outro, e isso é um desrespeito. Porque também não dá para você desrespeitar o limite do outro e cobrar equilíbrio dele. Aí alguns dizem: Ele só tem quatro anos (...) Nasceu, já está pronto para ser educado todos os dias (E5).

“De vez em quando solto uns gritos e dou uns tapinhas no bumbum. Falo com autoridade para educar (E3)

Quanto a recompensas, 2 entrevistadas afirmam dar presentes após a realização de atividades escolares com sucesso:

“A obrigação da criança é entregar o boletim com aprovação, pois eles não têm outra responsabilidade, mas sem barganha. Não prometo presente, mas se for aprovada, damos presente como recompensa do seu esforço (E2);

“No final do ano, quando são aprovados, eles ganham presente pelo esforço, mas nada combinado (E4).

Por outro lado 2 afirmam tirar o que a criança gosta, quando estes não estão indo bem na escola ou quando “aprontam”:

“Quando não está indo bem na escola, fica uma semana sem celular (E2)Esta é a mesma mãe que dá presentes após a aprovação escolar.

“Não bato, tiro alguma coisa que eles gostam quando “aprontam” (E4)

A maioria das mães não usa o castigo físico como forma de educar, até porque hoje a lei já não permite, mas confessam que colocam de castigo e até mesmo que dão uns gritos e tapinhas quando a criança as “irritam muito”. Todas as mães entrevistadas dizem não usar a recompensa para conseguir algo do filho, no entanto algumas dizem dar presentes, quando estes são aprovados na escola, como recompensa pelo esforço dos mesmos.

O posicionamento das mães diverge do que dizem Piaget e Montessori. Para estes pedagogos a disciplina tem de ser construída progressivamente pelo sujeito, através da cooperação e não por imposição de uma autoridade. Para Piaget, o adulto tem que ajudar a criança a sair do egocentrismo, a colocar-se no lugar do outro, novamente estimulando a cooperação entre os indivíduos. (Piaget, 1948, p.36)

Segundo Munari Alberto(2010, pg 17) *Piaget dava grande importância à educação e declara: “somente a educação pode salvar nossas sociedades de uma possível dissolução violenta ou gradual” (Piaget, 1934c, p 31). E diz ainda uma regra fundamental de que “A coerção é o pior dos métodos pedagógicos” (Piaget, 1949d, pg 28). Por conseguinte no terreno da educação, o exemplo deve desempenhar um papel mais importante do que a coerção(Piaget, 1948, p.22);*

Montessori afirma que *“embora o uso de castigos esteja desaparecendo rapidamente nas famílias evoluídas e conscientes, ainda não foi abolido por completo, e as palavras rudes, a voz dura e ameaçadora constituem o tratamento mais comum empregado pelo adulto em relação a criança.”* (Montessori, 1989, p. 236).

Prêmios e castigos são formas do adulto restringir o comportamento da criança, e podem assumir a forma de elogios, presentes, privações ou até mesmo castigos físicos e psicológicos. O castigo impõe a vontade do adulto sem levar em consideração a vontade da criança.

INTERAÇÃO SOCIAL DAS CRIANÇAS

Todos os entrevistados estão de acordo quanto à importância da interação social dos seus filhos.

“É importante que haja socialização com outras crianças, para o desenvolvimento da criança. Para ajudar a partilhar, desenvolver vocabulário, comer melhor (E1);

“É muito importante a interação social, até por conta da condição dela de especial. Até para as outras crianças aprenderem a lidar com ela. Para que um aprenda com o outro. Para que um ajude o outro nas suas especificidades (E3);

“As crianças trocam experiências que fazem toda diferença no aprendizado. Um ajuda o outro. Quando estão juntos, as situações vão acontecendo, vão aparecendo numa brincadeira (E6);

“Quando menor, minha filha era uma criança muito distante de todo mundo. Então eu a coloquei na escola com dois anos de idade e depois no inglês, porque eu achava muito necessário que ela tivesse contato com outras pessoas, com outras crianças. Ela era muito “bicho do mato” (E2)

As mães entrevistadas têm a noção da importância da interação social para o desenvolvimento da criança, o que vai ao encontro do que é defendido nas teorias educacionais. Segundo Vigotsky “Na ausência do outro, o homem não se constrói homem” (De Vigotsky, citado por Ferrari,2008)

Segundo Bueno (s.d) para Lev Vigotsky o desenvolvimento intelectual estabelece-se a partir das interações sociais, ou seja, desde o nascimento o indivíduo emite estímulos, que para Vigotsky são funções psicológicas elementares, através das quais os outros indivíduos da comunidade irão satisfazer as suas necessidades, mas com o passar do tempo a interação fará com que esse indivíduo absorva conhecimento de pessoas mais experientes e desenvolva funções psicológicas

superiores, portanto a socialização é a base da aprendizagem.

Segundo Munari (2010) para Piaget o indivíduo não poderá alcançar o estágio mais avançado do juízo moral sem interação social e a autonomia é o estado mais avançado de juízo moral. Existe quando o indivíduo adquire juízos de valor a partir da interação que fará com outros indivíduos e onde poderá fazer análises críticas de forma consciente, de acordo com crenças já estabelecidas.

INCENTIVO À CRIATIVIDADE DA CRIANÇA

Todas as entrevistadas dizem observar a criança afim de perceber as suas manifestações de interesse e a partir daí incentivá-los.

“Eu percebo que ela gosta de se empenhar no inglês desde pequena. Ela ouve muitas músicas em inglês. Matriculamos ela no curso de inglês(E2);

“Observo a criança, dando espaço para ele se expressar e a partir da percepção do seu interesse, apresento possibilidades e alimento o interesse da criança (E5);

“Procuro perceber o que a criança gosta, o que ela quer saber e orientar quanto ao caminho a ser percorrido (E6);

“Observo o que a criança gosta e busco ferramentas para a criança se aperfeiçoar (E3);

“Procuro estar atenta a pequenas coisas e perceber o que eles gostam e dar oportunidades para desenvolvimento (E4);

“Observo a criança e para isso é necessário mais tempo junto, procuro incentivar utilizando métodos lúdicos, por exemplo brincando (E1);

Para auxiliar na aprendizagem e no desenvolvimento do potencial máximo das crianças, quanto a talentos naturais, constata-se pela fala das mães que estas procuram observar as suas crianças e a partir daí procuram proporcionar o acesso às atividades que suas crianças mais gostam.

Para que haja a percepção dos gostos e talentos naturais das crianças é importante que elas tenham a liberdade de se expressar e a partir daí os pais possibilitarem meios de

estímulos de aperfeiçoamento para que seus filhos se desenvolvam plenamente.

“A primeira tarefa da educação é agitar a vida, mas deixando-a livre para se desenvolver”
(Maria Montessori citado por Soldati, 2018)

IMPORTÂNCIA DA VIDA ESCOLAR

Quanto à vida escolar todas as entrevistadas procuram criar nos filhos a consciência da importância da aprendizagem.

3 entrevistadas dizem conversar com os filhos para desenvolver neles a consciência da importância da aprendizagem :

“A gente conversa sobre a importância do aprendizado(E4);

“É importante trazer a consciência da importância do aprendizado(...) Incentivar o estudo com brincadeiras (...) Utilizar métodos lúdicos (E1);

A entrevistada E5 conversa com o seu filho para desenvolver o senso de responsabilidade e diz:

“Um dos critérios é desenvolver o senso de responsabilidade(...) Aprendi com Montessori que a nossa melhor recompensa é interior(...)Tem que fazer porque é para o bem dela (...) A criança vai entender que aquilo é importante para ela (E5).

1 entrevistada diz que deixa claro à criança que a sua única obrigação é trazer resultados positivos da escola:

“Única coisa que a gente deixa claro para ela é que ela não tem outra responsabilidade para se preocupar (...) Eu entendo que é obrigação da criança entregar o boletim aprovado (...) No final do ano, ganha presente pelo esforço da aprovação, mas nada combinado (...) A gente conversa muito (...) Tento estar sempre perto dela, auxiliando (E2)

2 entrevistadas dizem que falam com a criança, dizendo que a aprovação escolar é uma regra a se cumprir ou uma meta:

“(...) Deve se falar com autoridade, para a criança saber que tem que cumprir uma regra, ser aprovado no final do ano letivo (E3);

“Digo para ela que é uma meta a ser alcançada (aprovação escolar) e que é importante que ela aprenda para a vida (E6);

Quanto à vida escolar, pelas respostas das mães pode-se perceber que de diversas formas os pais tentam trazer à consciência dos filhos a importância da aprendizagem (aprovação escolar), uns porque entendem que é obrigação dos filhos terem sucesso na escola ou porque entendem que é uma meta ou regra a ser cumprida. Mas a aprendizagem deve ultrapassar o sucesso na escola.

Segundo Piaget

“Afirmar o direito da pessoa humana à educação é pois assumir uma responsabilidade muito mais pesada que a de assegurar a cada um a possibilidade da leitura da escrita e do cálculo: significa, a rigor, garantir para toda a criança o pleno desenvolvimento de suas funções mentais e a aquisição dos conhecimentos, bem como dos valores morais que correspondam ao exercício destas funções, até a adaptação à vida social atual. [...] (PIAGET, 1998, p. 34 citado por Rizzon, 2010)

As atitudes definem a personalidade do indivíduo, determinando o seu modo de pensar e agir. Muitas das atitudes são derivadas de valores morais ou éticos - princípios que fundamentam a consciência humana - que recebem influência da cultura, e que são adquiridos ao longo da vida ,retirados de processos de relacionamentos interpessoais, da religião, de posições políticas , da legislação etc.

(...) Assim, a memória, a linguagem e o pensamento são produtos de uma estrutura sociocultural. Dessa forma, o contexto cultural é responsável por moldar os comportamentos, as transformações e as evoluções ao longo do desenvolvimento. Para Vygotsky, os mecanismos naturais governam os comportamentos das crianças, no entanto, por volta dos dois anos de idade, a criança participa das relações sociais. Dessa forma, ocorre uma mudança dos mecanismos biológicos, que operam durante um curto espaço de tempo, para substituição das influências sociais. Ele acredita que as características individuais, e até mesmo suas atitudes individuais, estão impregnadas de troca com o coletivo, ou seja, “mesmo o que tomamos por mais individual de um ser humano foi construído a partir de sua relação com o indivíduo”. (RABELLO; PASSOS, 2006, p.2, citado por Ribeiro, Silva e Carneiro, s.d, p. 399))

4.2 PRINCÍPIOS ORIENTADORES NA RELAÇÃO PARENTAL

A PRESENÇA É O MELHOR PRESENTE.

Todas as entrevistadas demonstram consciência de que o estar com o filho é o mais importante:

“Temos que dar tempo de qualidade aos nossos filhos. Desligar as telas, fazer uma pintura, construir um brinquedo, etc. Algo que seja do interesse da criança (...) Por mais que a gente tenha nossa ocupação, temos obrigação como pais de dar um tempo de qualidade aos nossos filhos, para elas não se tornarem consumistas ou escravos digitais (...) A conexão jamais deve ser construída na base de recompensas, presentes. Dando tudo o que a criança quer, podemos criar crianças ostentadoras, que magoam seus colegas, esfregando o que tem na cara dos outros: Eu tenho, você não tem! (E6);

“A gente conversa muito, sempre que posso procuro estar junto dela (E2);

“Não é legal a recompensa, porque aumenta o consumismo (...) Levo no parque, se distrai catando frutas, observando os insetos (...) Eu gosto de brincar com ela, de conversar, dar atenção, carinho. (E3);

“Respeitar uma criança não quer dizer que é dar a ela o que a gente quer, não é nem o que ela precisa (...) A gente tem na rotina, onde tem o tempo da família para fazermos alguma atividade juntos todos os dias (E5);

“Muitos pais só exigem dos filhos, mas não gastam tempo juntos (...) Quando você brinca com a criança, você entra no mundo dela (...) Se você não gasta tempo com a criança, ela se afasta de você (E1);

“Não abro mão de final de semana com eles . Brincar juntos., fazer o que eles gostam. Porque dessa forma eu vou conhecendo seus gostos e o jeito de cada um (E4);

Por mais que algumas das mães entrevistadas deem presentes como recompensa de um esforço obtido pelo filho, também se percebe que conhecem o perigo de dar à criança tudo o que ela quer e que todas valorizam mais estar com a criança, dar-lhe tempo de qualidade, dar-lhe voz . Esta atitude vai ao encontro do defendido por Montessori, (1989, p. 117)

“...quem ama de verdade é a criança, que deseja sentir o adulto ao seu lado e sente prazer em

atrair a atenção dele sobre si: “Veja-me, estamos juntos””.

RESPONSABILIDADE DAS CRIANÇAS

Das 6 entrevistadas, 5 dizem que as atribuições de tarefas, no sentido de cooperação, ajudam a desenvolver o senso de responsabilidade.

“É importante que eles ajudem nas tarefas para adquirirem responsabilidades e que saibam que tudo na vida tem regras (E4);

“Quando a criança participa nas tarefas de casa, ela vai aprendendo sobre responsabilidades (E1);
“A criança que participa das tarefas, se sente útil, responsável. Ela se sente parte da casa (...) A gente vai construindo valores sem perceber (...) vai vendo o trabalho que dá para fazer, vai valorizar o que o outro faz e o que ela faz (E6);

“É importante que a criança colabore, porque ela precisa aprender a viver em sociedade, saber que tem que colaborar com as coisas que pertencem a todos, sem olhar só para o umbigo. Por isso não adianta ensinar a fazer só as coisas dele (...) Precisa entender que o meio a qual eu pertencço é de minha responsabilidade (E5) ;

“Um dos critérios para se desenvolver o senso de responsabilidade é que as nossas consequências e punições são internas. E que toda ação tem consequência. Então a gente tem que entender que a nossa melhor recompensa é interior. Eu ter a satisfação de que “eu consegui”. Então a criança não precisa de recompensa, se a gente não as educar assim (...) Tem que fazer porque é para o bem de todo mundo, porque é para o bem dela. Tem que comer porque é saudável e é bom para o seu desenvolvimento (E5);

“A distribuição de tarefas ajuda a criança ter responsabilidade e organização (...) Se deixar só para a mãe fazer, ela já sabe que é injusto (...) Se eu sujo eu tenho que limpar, se eu “bagunço” eu tenho que arrumar (E2);

A entrevistada E3, (mãe da criança considerada *especial*) fala de participação das tarefas como uma forma lúdica de estímulo:

“Ela participa de tarefas como uma forma lúdica para ajudá-la no estímulo.(E3)

A entrevistada 2 ao mesmo tempo que fala de atribuições de tarefas para ajudar desenvolver o

sentido da responsabilidade também diz que a única responsabilidade da criança é o desempenho escolar positivo, o que sugere contradição de pensamento.

A entrevistada E5 fala em adquirir responsabilidade com o conceito de ação - reação, ou seja, todas as ações geram uma consequência e com isso cada indivíduo deve-se responsabilizar pelas suas ações.

Podemos perceber que as mães entrevistadas educam para a responsabilidade mas não conhecem o significado amplo dessa palavra. Responsabilidade está muito além de um comportamento individual como: cuidar da higiene, tirar boas notas na escola, guardar os brinquedos ou pôr as coisas no lugar. A Responsabilidade tem a ver com o relacionamento com o mundo. É claro que é importante o cuidado com seu corpo, com o ambiente, mas não só. A criança precisa aprender a ser responsável quanto ao consumo consciente, o comprometer-se com o outro e promover um mundo melhor.

Para os teóricos que estudamos a responsabilidade está mais além do que resolver tarefas da vida prática. Piaget afirmava que para se ter autonomia era necessário colocar responsabilidade no sujeito...”É necessário estabelecer entre as crianças, sobretudo nos adolescentes, relações sociais, apelar para sua atividade e sua responsabilidade”. (Piaget, 1949, p. 36)

AUTONOMIA

Todas as seis entrevistadas são conscientes da importância de criar um filho autônomo. 4 das entrevistadas falam de autonomia como independência:

“Procuro ensinar a fazer tudo que eu sei que eles já são capazes de fazer para que eles sejam independentes (E4);

“É importante que ela consiga fazer as coisas sozinha (...) para ser independente (E3);

“Oriento desde pequena para que ela faça o que ela consegue fazer, para que seja independente (E6);

“Vou ensinando a criança a se virar sozinha (...) A criança fica orgulhosa do trabalho que realizou (E1);

A entrevistada 5 fala de autonomia no sentido de fazer escolhas com consciência crítica:

“A gente preparou um espaço na sala para ele ficar. A cama dele era no chão, para que pudesse se locomover sem ter que chorar para alguém pegá-lo. Todas as coisas que ele precisava alcançar e pegar, nós adaptamos, com a torre de aprendizado, cadeirinha e mesinha para refeição. Com 4 anos já toma banho sozinha. Isso traz segurança e autoestima. A criança aprende a questionar com fundamento, não é teimosia pela teimosia (E5);

“A autonomia é fundamental para aprender fazer escolhas desde cedo. Na verdade a gente nasce com essa habilidade e é podado, porque dizem que as crianças não podem. (...) Graças a oportunidade que o meu filho tem desde cedo de fazer escolhas eu consegui entender que ele já tinha competência para entender o que era mais adequado para correr (E5;)

Percebe-se na entrevistada 2 a consciência da importância da autonomia, mas no entanto diz não promover a autonomia da filha.

“Não faço muito para promover a autonomia dela. Eu faço muito por ela. Preciso trabalhar isso em mim (E2)

No geral, segundo as entrevistadas, é possível observar que as mães falam em autonomia, como o ato de poder realizar alguma coisa e gerar independência e por isso permitem que os filhos realizem algumas atividades que consideram capazes.

A entrevistada E5 fala de autonomia como a liberdade com limites para que a criança tenha possibilidade de escolha e aprenda a tomar decisões desde pequena.

Só o ato de realizar as coisas por si só já é extremamente importante, porque aumenta a autoestima da criança e afinal os filhos devem ser criados para atingirem a plenitude das suas capacidades. Os filhos devem ser criados para viverem em sociedade com autonomia. Entretanto precisamos entender que a autonomia vai mais para além do que o ato de conseguir realizar as coisas por si só, escolher uma roupa e vestir-se sozinha, cuidar da sua higiene, calçar sapatos, entre outras atividades, mas também pensar no mundo e em si, pensar no que pode ou não fazer, ou seja pensar na ação que está a realizar. É preciso também saber o motivo pelo qual está realizando a ação. Ou seja, é ter a possibilidade de escolha de forma consciente.

RESPEITO DOS ADULTOS PELA CRIANÇA

Todas as entrevistadas demonstram consciência de que o respeito é um valor a ser passado para o filho.

“Considero falta de respeito se alterar sempre com a criança (..) Mas se acontecer, devemos nos desculpar e dizer para a criança o que está errado (...) Não uso a vara, mas de vez em quando solto uns gritos (...) Quando acontece a surra, a criança entende que o adulto responsável é mau, que está sendo maltratada (...) A criança tem que ser respeitada (E1);

“Eu quero que quando ela for adulta ela saiba respeitar o próximo (...) Eu apanhei muito da minha mãe. Ela era muito nervosa. Não era respeitoso (...) Quando é preciso, eu dou uns gritos (...) A gente briga, brinca, perde um pouco de respeito com a intimidade (E3);

“Eu acredito que a gente se altere com os filhos pelo fato de que eles são crianças (...) Não tratamos um adulto da mesma forma (...) O legal é que a geração deles é diferente da nossa, a gente não tinha essa liberdade de chegar para os pais e falar: O que você falou me deixou magoado por exemplo, com isso nós vamos aprendendo a respeitá-los (E4);

“(..) O quanto é maravilhoso a oportunidade que ele tem de poder se expressar, de dizer o que ele gosta, o que ele não gosta e ser respeitado, o quanto isso traz para ele essa segurança de verbalizar (...) Trate a sua criança como você trataria um adulto fazendo pirraça. Você conversa, grita ou bate? (...) Quando a criança se sente respeitada, ela respeita também (E5)

Pela fala das mães pode-se perceber que um dos valores que os entrevistados querem ver nos seus filhos quando adultos é que estes saibam respeitar o próximo; alguns também afirmam que é preciso respeitar para ser respeitado. São contra a punição como violência física. No entanto, não percebem de que é também uma punição quando gritam, não usando um tom gentil e respeitoso ao falar com as crianças.

Muitos pais por vezes confundem autoridade com autoritarismo, e recorrem gritos, castigos, punição, agressões físicas ou mentais. O grande erro é acharem que com falta de respeito e com violência será possível corrigir a falta de respeito que vêm na criança.

Para Piaget a essência de toda a moralidade está no respeito mútuo, quando o indivíduo obedece às regras, tornando-se capaz de vivenciar as leis de reciprocidade. “As leis e regras são opções que a criança e o adolescente fazem em sua convivência social, pela autodeterminação. Nessa etapa se houver respeito mútuo e cooperação, haverá o desenvolvimento da autonomia moral e intelectual” (...)Suardi e Becker, 2013, p. 62).

SER EXEMPLO

Todos as entrevistadas sabem que a criança aprende pelo exemplo.

“A criança quer fazer tudo o que ela vê o adulto fazer (E6);

“Eu tento passar para ela o que os meus pais me passaram. A gente nunca vai ser cem por cento, mas eles sempre vão se espelhar na gente (E2);

“A criança observa o adulto o tempo todo. Então devemos estar atentos às nossas atitudes porque vai refletir na criança. O adulto fazendo, é um incentivo para a criança fazer também (E1);

“Eu me policio muito porque sei que eles querem fazer o que a gente faz e não o que a gente fala (E4);

“Não adianta pedir respeito e não respeitar (E5);

As entrevistadas estão de acordo que os pais são exemplos para os filhos e que os filhos estão atentos aos seus comportamentos. O que vai ao encontro de Piaget “no terreno da educação, o exemplo deve desempenhar um papel mais importante do que a coerção” (Piaget, 1948, p 22).

Em síntese:

A partir das entrevistas que foram feitas foi possível perceber dentro do universo das mães pesquisadas, como elas se posicionam a respeito das relações de parentalidade que elas estabelecem com seus filhos. Dentro de cada categoria de análise pode ser observado o quanto as mães se aproximavam, mesmo que de forma instintiva, do posicionamento de importantes pensadores da educação.

Quanto aos aspectos de relações de parentalidade, podemos observar que nos itens realização de atividades da vida prática e conexão entre pais e filhos os pais se posicionam em conformidade com as teorias de Montessori, Piaget e Vygotsky. No entanto, deixam transparecer dificuldades nos itens dificuldades causadas pelo uso do telemovel e aplicação de prêmios e castigos.

Nos itens incentivo a criatividade da criança as mães se alinham aos pensamentos de Montessori que diz que a liberdade é essencial para o desenvolvimento; no item importância da vida escolar as mães de certa forma, se alinham ao pensamento de Piaget que diz que afirmar o

direito da pessoa humana à educação é uma responsabilidade mais pesada que a de assegurar o aprendizado da escrita e do cálculo e no item interação social das crianças as mães se alinham ao pensamento de Vygotsky que afirma que na ausência do outro o homem não se constrói homem.

Quanto aos princípios orientadores na relação parental , podemos considerar que no item presença é o melhor presente as mães se posicionam de acordo com as propostas de Montessori que afirma que a criança ama de verdade e sente prazer de estar junto do adulto amado, quanto aos itens responsabilidade das crianças , autonomia, respeito dos adultos pela criança, ser exemplo, as mães se posicionam de acordo com Piaget que afirmava que para se ter autonomia era necessário colocar responsabilidade no sujeito e que a essência de toda a moralidade está no respeito mútuo e ainda que no terreno da educação, o exemplo deve desempenhar um papel mais importante do que a coerção.

Considerando que as mães entrevistadas pertencem à classe média e que possuem formação mínima obrigatória e que portanto tendem a ser mais esclarecidas quanto ao conhecimento sobre o desenvolvimento da criança , neste contexto podemos concluir que os procedimentos mais importantes das relações parentais se enquadram nos pensamentos dos teóricos mais presentes na educação no Brasil, o que nos permite dizer que para estes casos se verifica uma grande evolução do pensamento e da ação sobre a criança.

“...quem ama de verdade é a criança, que deseja sentir o adulto ao seu lado e sente prazer em atrair a atenção dele sobre si: “Veja-me, estamos juntos””.

CONCLUSÃO

No presente estudo foi abordada a evolução da educação das crianças ao longo do tempo e a história da infância no Brasil. Esta percorreu um caminho que se afasta muito da situação ideal, seja nos cuidados com o desenvolvimento familiar seja no desenvolvimento intelectual. Mas chegamos hoje a um estado de direito infantil infinitamente superior ao que tínhamos no período de colonização do país. Percebe-se no decorrer da história do Brasil uma educação autoritária, imposta ora por castigos físicos, o que era considerado normal, ora por recompensas.

A criança adquire o direito ao ensino laico, obrigatório e gratuito, o direito de proteção contra o trabalho infantil e o direito de proteção contra a violência física, ou seja, a criança deixa de ser considerada “descartável” e por vezes chega-se à supervalorização da infância. Contudo nem todas as crianças usufruem dos direitos adquiridos.

Neste trabalho foi feita uma análise específica do que dizem os pensadores da educação infantil, Maria Montessori, Vygotsky e Piaget.

Montessori rompe com a ideia de que a criança é um adulto em miniatura, um ser descartável, numa época em que a educação se dava de forma rígida e violenta, e passa a olhar para a criança com total respeito pelo indivíduo, para compreender o seu processo de desenvolvimento e as suas condições de aprendizagem. Cria não apenas um método de ensino, mas também abre caminho para novo olhar sobre a criança e trabalha para expandir uma forma de educação baseada na observação direta da criança. Para Montessori uma das condições fundamentais para que a criança possa se desenvolver plenamente é a autonomia. Deve ser preparado um ambiente no qual, desde cedo, a criança deve tomar decisões de forma que a criança aprenda a analisar, identificar e decidir.

Piaget não foi um educador, mas estava de acordo com os métodos da Escola Nova. Segundo ele para se ter autonomia, condição fundamental para o desenvolvimento do adulto, é preciso dar responsabilidade ao sujeito, e o adulto deve ajudar a criança a sair do egocentrismo, a se colocar no lugar do outro, através da cooperação e não por coerção. Diz ainda que na educação o exemplo deve exercer um papel mais importante do que a coerção. Piaget trouxe conhecimentos que proporcionaram aos educadores uma série de descobertas que impactaram a pedagogia, resultando em grandes contribuições para a educação. Os estudos de Piaget abordavam o comportamento das crianças, bem como o seu desenvolvimento e a manifestação do conhecimento. As suas pesquisas demonstram que existem diferenças entre o pensamento da criança e do adulto, o que nos leva a crer que é necessário conhecer e respeitar as fases do desenvolvimento infantil para que seja possível auxiliar adequadamente o processo educacional.

Uma das conclusões de Piaget é de que assim como a inteligência se desenvolve, o juízo moral também se desenvolve. Para Piaget a moral passa por três etapas: estado de anomia que é o estado de quando o indivíduo nasce, num ambiente sem leis; estado de heteronomia que é quando o indivíduo vai crescendo e vai tomando posse das regras a princípio no ambiente familiar, por imposição de uma autoridade e finalmente o estado de autonomia que é quando adquire juízo de valor e passa a tomar as suas decisões, a partir da relação que terá com outros indivíduos. Para Piaget a interação é fundamental, pois afirma que autonomia só acontece com a reciprocidade, respeito mútuo, cooperação, quando o indivíduo aprende a se colocar no lugar do outro. Dessa forma a criança aprenderá mais com os nossos exemplos do que com nossos discursos.

Vygotsky diz que o homem não nasce humano e que vai humanizar-se a partir do contato da criança com a cultura. É no contexto social no qual ela está inserida que se desenvolvem as funções psicológicas superiores. E que portanto, há de se ter uma valorização nas interações pessoais, a fim de estabelecer aprendizagem e troca de conhecimento..

Fizemos um estudo empírico para entender se as mães brasileiras praticam nas suas experiências cotidianas princípios de educação alinhados com as noções apresentadas pelos teóricos educacionais de grande influência no Brasil, ou seja, se apesar de não terem conhecimento teórico sobre conceitos de educação manifestam alguns entendimentos que estão em concordância com estas teorias.

A pesquisa foi elaborada com o intuito de responder a seguinte pergunta de partida:

Existe convergência nas relações parentais com os princípios defendidos nas teorias e métodos educativos?

Foram entrevistadas seis mães de forma remota, por meio do aplicativo zoom, devido ao isolamento causado pela COVID-19. Todas as mães moradoras do Rio de Janeiro tem idades compreendidas entre 29 e 47 anos, e os filhos tem idades compreendidas entre 3 e 12 anos. 5 mães tem um único filho, sendo um deles considerado especial e uma tem dois filhos.

A análise das entrevistas foi dividida em dois tópicos:

O primeiro tópico sobre relação de parentalidade :O primeiro deles sobre a percepção quanto ao uso do telemovel e como os seus excessos podem gerar conflitos na relação parental; o segundo analisa a participação dos filhos nas tarefas de vida prática; o terceiro analisa a interação afetiva entre pais e filhos ;o quarto avalia a percepção dos pais quanto a aplicação de prêmios e castigos; o quinto avalia o modo como os pais proporcionam interação social aos seus filhos; o sexto avalia como os pais incentivam à criatividade de seus filhos e o último avalia como os pais conduzem a vida escolar de seus filhos.

O segundo tópico sobre princípios orientadores na relação de parentalidade: O primeiro deles avalia sobre o estar mais presente na vida da criança; o segundo analisa o sentido de responsabilidade atribuída a criança; o terceiro avalia o sentido de autonomia trabalhado com a criança; o quarto avalia a percepção de respeito do adulto pela criança e o quinto analisa a percepção da importância de ser exemplo para a criança.

Chegamos à conclusão no nosso estudo, restrito a seis mães da classe média do Rio de Janeiro que as relações parentais que estabelecem com os seus filhos demonstram comportamentos de senso comum que vão ao encontro dos princípios modernos da educação da criança, embora em alguns aspectos como o do fomento da autonomia, da criatividade, da responsabilidade, do uso da tecnologia, seja importante maior conhecimento para uma melhor intervenção, o que nos leva a recomendar a criação/frequência de escolas parentais.

DIFICULDADES NA ELABORAÇÃO DA TESE

No que diz respeito às dificuldades enfrentadas durante a elaboração do presente estudo é apresentamos a dificuldade na realização das entrevistas e da busca por livros e materiais que servissem de base para o estudo. A pandemia do Corona vírus restringiu drasticamente o acesso às pessoas e a lugares públicos, o que tornou difícil a obtenção de livros físicos, fazendo com que fosse essencial recorrer à utilização de e-books e tornando as entrevistas presenciais inviáveis. Dentro deste cenário, prazos foram alterados para que essas dificuldades causassem o menor impacto possível.

Outra dificuldade esteve na seleção dos entrevistados, pois sendo o Brasil um país extremamente diverso, bairros diferentes têm cidadãos com características sociais e econômicas completamente diversas. O que torna a aplicação da pesquisa bastante específica ao contexto do Rio de Janeiro.

Próximos estudos a partir deste.

Estudos da relação pais e filhos são de grande importância no sentido de gerar conhecimento sobre os contextos familiares, o que nos leva a por a hipótese de novos estudos a partir deste: por exemplo como entender os conflitos familiares no século XXI à luz da pedagogia moderna ou a importância da relação pais e filhos no desenvolvimento da criança.

BIBLIOGRAFIA

Aries, Philippe (1978). *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A.

Bardin, Laureance (1977) *Análise de Conteúdo*. Lisboa. Edições 70

Bozza, Patricia Rosi (1992) , O Método Montessori como meio do desenvolvimeto sensorio-motor em pré-escolares. Curitiba. Trabalho Monográfico. .
<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/57662/PATRICIA%20ROSI%20BOZZA.pdf?sequence=1&isAllowed=y> .Data acesso 01 de julho de 2020

Bittar, Marisa e Bittar, Marluce (2015) *História da Educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade*. Acta Scientiarum. Education, 2012 – periodicos.uem.br. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/17497>. Acesso em 04 de janeiro de 2021.

Del Priore, Mary(org.)(2010). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto

Del Priore, Mary, Vídeo (13 min e 36 seg). A criança no Brasil Colônia. Publicado pelo canal Instituto Advento, 2011. <https://www.youtube.com/watch?v=INSKaEjHYx4>.Data de acesso 01 de julho de 2020

Ferrari, Márcio, 01 de outubro de 2008. Lev Vygotsky, o teórico do ensino como processo social. Nova Escola. Acesso em dez de 2020

Ferreira, Amarílio (2010). *História da Educação Brasileira: da Colônia ao século XX*. São Carlos: EdUFSCAR

Freitas, Marcos Cezar (Org) (2001). *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez Editora

Gil, Antônio Carlos. (2008) Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo. Atlas. 6.ed.

Gomes, L. R e Chakur, C. R de Sá. L. (2005) *Crianças e adolescentes falam sobre a mentira: Contribuições para o contexto escolar*. Universidade Estadual Paulista. Disponível em <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v06/m34562.pdf>. Acesso em dez de 2020.

- Irmãos Grinn (2017) João e Maria. Contos de Fadas Clássicos. Editora Todo o Livro.
- Minatel, Isabela(2019). Crianças sem limites:educação empreendedora na infância. São Paulo. Novo Século
- Montessori,Maria (1989) *A criança*. São Paulo. Editora Circulo do Livro n consta a cidade
- Montessori, Maria. (1950). *Da infância à adolescência. Tradução Tereza Bento*. Queluz de Baixo. Editora Portugáli 1.ed.
- Montessori, Maria (1965). *Pedagogia científica: a descoberta da criança*. São Paulo: Editora Flamboyant.
- Montessori, Maria (1987). *Mente Absorvente – (tradução de Wilma Freitas Ronald de Carvalho)*. Rio de Janeiro: Editora Nórdica,
- Munari, Alberto (2010). *Jean Piaget*. Recife. Editora Massangana. Tradução e organização: Daniele Saheb – Fundação Joaquim Nabuco.
- Nelsen, Jane (2016) *Disciplina Positiva*. São Paulo. Editora Manole. Traduzido por Bernadette Pereira Rodrigues.
- Palangana, Isilda Campamer (2015) *Desenvolvimento e aprendizagem Piaget e Vygotsky*. São Paulo. Summus. 6. ed
- Piaget, Jean (1964) *A formação do símbolo na criança. Imitação, jogo e Sonho Imagem e Representação*. Neuchâtel, Suíça. Copiright. Tracução de Álvaro Cabral e Christiano Monteiro. 3.ed
- Piaget, Jean (1974) *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro. Zahar editores Tradução de Álvaro Cabral.
- Piaget, Jean (1979) *O estruturalismo*.São Paulo – Rio de Janeiro. Eifel Tradução de Moacir Renato de Amorim. 3.ed
- Piaget, Jean (s.d) *O raciocínio da criança*. Rio de Janeiro -São Paulo. Distribuidora Record. Tradução da professora Valerie Runjanek Chaves
- Portal da Educação (n.d) *Jean Piaget: Biografia*.
<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/jean-piaget-biografia/53974>.Data acesso 01 de julho de 2020.
- Quadros, Américo Arnaldo (2017). *Psicologia e desenvolvimento humano*. Petrópolis: Ed Vozes.
- Rego, Tereza Cristina(1995)- *Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação*,

Petrópolis: Ed. Vozes.

Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery. Método Montessoriano: A importância do ambiente e do lúdico na educação infantil. Disponível em <http://re.granbery.edu.br/artigos/NDY2.pdf>. Data acesso: 01 de julho de 2020.

Rizzon, G (2010). *A sala de aula sob o olhar do construtivismo piagetiano*: Perspectivas e implicações. Congresso internacional de filosofia e educação. [https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/Construtivismo Piagetiano.pdf](https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/Construtivismo_Piagetiano.pdf). Acesso 01 de julho de 2020.

Santos, Elisama (2019) *Educação não violenta. Como estimular autoestima, autonomia, autodisciplina e resiliência em você e nas crianças*. Rio de Janeiro – São Paulo. Paz e Terra

Santos, João dos (1988 – 2018) *A casa da praia. O psicanalista na escola*. Edição de Product Solutions Catalysis Ltd. 5. ed em formato eBook kindle, abril de 2018.

Santos, João dos (1982 – 2016) *Ensaio sobre educação. A criança quem é?* Edição de Product Solutions Catalysis Ltd. 5. ed em formato eBook kindle, maio de 2016

Sears, William e Sears Martha (2003) *Crianças bem resolvidas: o que os pais podem fazer para ajudar seus filhos a serem felizes..* Rio de Janeiro. Campus. Tradução de Denise Cabral de Oliveira

Seco, Ana Paula; Amaral, Tânia Conceição(n.d). *Marquês de Pombal e a reforma educacional brasileira*. http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo_pombalino_intro.html. Data acesso 01 de julho de 2020.

Silva, Agostinho da (1906 - 1994). *O Método Montessori*. Inquérito, 1939. Cadernos Culturais.

Silva, Andressa Rhennig e Fossá, Maria Ivete Trevisan. (20165) Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualit@s* revista eletrônica. Disponível em <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113/1403> Acesso em janeiro de 2021

Suardi, Cristiane e Becker, Maria (2013). *Afetividade e Construção do Sentimento de*

Respeito: O ponto de Vista de Cuidadores em Núcleo de Abrigos Residenciais. Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas. Disponível em <file:///C:/Users/Administrador/Downloads/3572-Texto%20do%20artigo-11928-1-10-20140318.pdf>.

Vygotsky. L.(2007) *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Anexo I

GUIÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTA - GUIÃO

Idade

Estado civil

Quant. de filhos

Idade do filho

Estudante de escola pública ou particular

Formação

Atuação profissional

Descreva alguma situação “problema” que você tem com seu filho.

Como você se sentiu? (irritado, frustrado, ameaçado, magoado ou inadequado?)

O que você fez em resposta ao comportamento da criança?

Qual sua opinião sobre o porquê do esse comportamento da criança? (ela quer chamar atenção, tá se vingando ...)

Qual foi a resposta da criança em relação a atitude de resposta ao comportamento da criança?

Quais as sugestões alternativas que você pode tentar da próxima vez que o problema ocorrer?

Você fala com um adulto do mesmo modo que você fala com uma criança? O que é para você falar com respeito com uma criança?

Como é feita a escolha da roupa a ser utilizada pela criança?

Como a criança reage a isso?

A criança participa da elaboração do cardápio das refeições em família? Se sim. De que forma? Se não. Por que?

A criança participa da elaboração das refeições em família?

A criança participa das distribuições de tarefa do lar?

De que forma são estipulados os horários das crianças na casa: horário de dormir, tempo de tela, lição de casa...

Como é feita a disponibilização da manipulação de objetos pela criança?

Para você qual a importância da interação social de sua criança em ambientes diversos?

Como você percebe o estado de maturação da criança para esta adquirir um novo

aprendizado?

Como é praticada a colaboração no ambiente familiar entre os membros da família?

Como vocês pais percebem a diferença entre as diferentes idades (etapas de desenvolvimento) O que mais lhe chama atenção?

O que você faz quando a criança tira uma nota abaixo da média ou uma nota não esperada?

O que você faz para que a sua criança tenha um bom rendimento escolar e seja aprovado ao final do ano escolar?

Qual a sua opinião sobre por qual motivo ela mentiu?

De que forma você ajuda a criança em seus aprendizados para desenvolver o seu potencial máximo (no seu desenvolvimento)?

Em seu contexto familiar os espaços de interação e os indivíduos são selecionados, como, por exemplo, crianças de mesma idade?

Existe uma promoção de contato com a natureza para sua criança? Por que?

Existe uma rotina e organização na vida da criança? Comente.

Como você enxerga a conexão entre você e os seus filhos? Como é feita essa conexão?

Faça o que eu digo não faça o que eu faço. Já teve situações em que sua criança disse, mas você também faz? O que é ser exemplo para a criança.

O que você faz para promover autonomia do seu filho?

O que você acha dos castigos e punição? Dão resultados em longo prazo? Comente.

Você acha que os castigos e punições são respeitosos com as crianças? Comente.

Quais as características você quer ver no seu filho quando este se tornar adulto?

Anexo II

GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

Categoria: Aspectos da relação de parentalidade	
Subcategoria: O telemóvel causa dificuldades no relacionamento	
Entrevistado	Unidade de registro
Entrevistado 1	Com a pandemia, como não está tendo aulas, e ela fica com a avó para eu trabalhar, ela fica maior parte do dia assistindo desenho...
Entrevistado 2	Hoje em dia, eu acho que o problema é o celular (...) Eu tiro o celular, quando ela está com dificuldade de aprendizagem na escola (...) Ela fica uma semaninha sem o celular, para se dedicar aos estudos
Entrevistado 3	Se deixar ela fica o tempo todo (...) Às vezes não tem jeito, eu preciso dar o celular para ela, se não, não consigo fazer nada
Entrevistado 4	Estipulo o tempo de tela, mas tiro de vez em quando “aprontam”
Entrevistado 5	Não indica problemas quanto ao tempo dedicado pela criança ao telemovel e afirma ter uma rotina estabelecida: “Nós temos uma rotina em casa que nós fizemos juntos. Ele tem as tarefas dele, o tempo de brincar, muito tempo de brincar, o tempo de tela
Entrevistado 6	O fato de ser filha única, complica muito essa relação, porque os amigos estão todos online, as brincadeiras também, nos jogos online... Ela sempre foi muito obediente, tranquila. Todos os problemas que eu não tive com ela, eu estou tendo agora com a internet .
Subcategoria: Realização de atividades da vida prática	
Entrevistado 1	Eu sempre dou possibilidades de escolha para minha filha. A escolha da roupa que ela vai vestir, um biscoito no supermercado, os temas de aniversário (...) Na cozinha eu só deixo ela secar a louça de plástico, varrer a casa, arrumar a cama dela, por enquanto (...) Sempre que estou fazendo as tarefas ela quer me ajudar, sempre deixo ela ajudar com alguma coisa.
Entrevistado 2	Eu até abro algumas possibilidades de escolha, mas acho que ela ainda é muito dependente de mim. Ela pergunta: Mãe, com que roupa eu vou? Acho que é um erro meu, porque sempre dou a roupa na mão dela(...) Há pouco tempo que eu dou algumas atribuições para ela, mas não mexe com faca, nem com fogo, nem com nada de vidro... Sou uma mãe muito medrosa
Entrevistado 3	Eu ainda escolho a roupa dela, porque não acho que ela tenha percepção para isso ainda. Ela tá começando agora a me apontar o que quer vestir

Entrevistado 4	Desde muito pequenos sempre gostaram de ajudar. Dava para eles a possibilidade de escolherem a própria roupa que podiam usar, no entanto eu tinha muito medo quanto ao uso de faca, garfo, copo de vidro
Entrevistado 5	Ele tem o quarto preparado desde que nasceu, para que ele tenha acesso às roupas e objetos que pode escolher (...)Ele tem as tarefas dele disponibilizadas em um quadro de rotinas com o tempo de brincar, muito tempo de brincar! O quadro auxilia na organização da sequência do que ele deve fazer. Mas todos os dias ele precisa fazer pelo menos uma tarefa que seja para o bem comum da casa (...)
Entrevistado 6	Eu escolhia uma roupa e minha filha ainda com três anos, escolhia outra. Quando ela fez isso pela primeira vez, foi surpreendente. A gente entendeu que tinha de respeitar a escolha dela (...) Desde pequena ajuda na preparação das refeições. Hoje ela faz bolo melhor do que eu (...) De tanto ser chamada para ajudar nas tarefas,hoje ela pergunta: O quê eu posso fazer para te ajudar?
Subcategoria: Conexão entre pais e filhos	
Entrevistado 1	Nós somos praticamente a mesma pessoa. A gente tá sempre junto. A gente dorme junto, acorda junto, conversa muito, brinca muito. Quando a gente brinca, a gente entra no mundo da criança
Entrevistado 2	A conexão é boa. A ideia é não ter segredos, não mentir. Conversamos muito. Tento estar sempre junto dela.
Entrevistado 3	Eu gosto de brincar com ela, de ficar muito tempo com ela, conversar com ela. Quando ela acorda dou beijos, dou atenção, digo que a amo
Entrevistado 4	A gente conversa muito. Tento estar sempre perto deles. Brincando, fazendo trilhas etc
Entrevistado 5	Para estabelecer conexão é preciso respeitar a criança. Mas é preciso saber que respeito é esse.
Entrevistado 6	Tenho muito diálogo com minha filha, para que ela perceba o quanto me preocupo com ela, o quanto a amo (...) A gente vive uma geração de adultos que não tiveram nada quando crianças, e aí agora que pode, quer dar tudo para os filhos. Respeitar a criança não quer dizer dar tudo o que a gente quer para ela, o que a gente quer dar não é nem o que ela precisa. O que a gente precisa é respeitar a criança, mas precisa saber que respeito é esse. A gente estuda para tudo na vida, mas a gente não estuda para ser pai e mãe (...) para a criança se sentir amada, não é preciso a encher de presente ou fazer todas as vontades delas, pois dessa forma ela pode se tornar egoísta, maldosa
Subcategoria: Aplicação de prêmios e castigos	
Entrevistado 1	Não uso a vara. Não é respeitoso. Coloco sentadinha para pensar. Depois converso e explico o que está errado

Entrevistado 2	Não há necessidade de castigo físico. Para disciplinar eu converso, mas se precisar eu tiro o que ela gosta
Entrevistado 3	Eu apanhei muito (...) Não acho respeitoso. A gente tem que procurar a melhor forma de lidar com a criança
Entrevistado 4	Não acho necessário o castigo físico. Tiro alguma coisa que eles gostam
Entrevistado 5	Jamais uso castigo físico. A criança entende que as coisas se resolvem com violência, quando há o castigo físico. Deixo-o viver a consequência natural ou lógica de suas atitudes. É o que vai acontecer naturalmente na vida de cada indivíduo
Entrevistado 6	O castigo físico só ensina a criança a resolver as coisas com violência, gera revoltas (...) Aqui em casa a gente conversa muito, estabelecemos regras juntos
Subcategoria: Interação social da criança	
Entrevistado 1	É importante que haja socialização com outras crianças, para o desenvolvimento da criança. Para ajudar a partilhar, desenvolver vocabulário, comer melhor
Entrevistado 2	As crianças trocam experiências que fazem toda diferença no aprendizado. Um ajuda o outro. Quando estão juntos, as situações vão acontecendo, vão aparecendo numa brincadeira (E6); “Quando menor, minha filha era uma criança muito distante de todo mundo. Então eu a coloquei na escola com dois anos de idade e depois no inglês, porque eu achava muito necessário que ela tivesse contato com outras pessoas, com outras crianças. Ela era muito “bicho do mato
Entrevistado 3	É muito importante a interação social, até por conta da condição dela de especial. Até para as outras crianças aprenderem a lidar com ela. Para que um aprenda com o outro. Para que um ajude o outro nas suas especificidades
Entrevistado 4	Acredito que seja bom para ambos a interação social, no entanto penso que seja necessário um adulto por perto para orientar.
Entrevistado 5	O ambiente múltiplo é muito mais rico para o aprendizado e desenvolvimento.
Entrevistado 6	A interação é importante desde que tenha um adulto para conduzir.
Subcategoria: Incentivo à criatividade da criança	
Entrevistado 1	Observo a criança e para isso é necessário mais tempo junto, procuro incentivar utilizando métodos lúdicos, por exemplo brincando
Entrevistado 2	Eu percebo que ela gosta de se empenhar no inglês desde pequena. Ela ouve muitas músicas em inglês. Matriculamos ela no curso de inglês
Entrevistado 3	Observo o que a criança gosta e busco ferramentas para a criança se aperfeiçoar
Entrevistado 4	Procuro estar atenta a pequenas coisas e perceber o que eles gostam e dar oportunidades para desenvolvimento
Entrevistado 5	Observo a criança, dando espaço para ele se expressar e a partir da percepção do seu interesse, apresento possibilidades e alimento o interesse da criança

Entrevistado 6	Procuo perceber o que a criança gosta, o que ela quer saber e orientar quanto ao caminho a ser percorrido
Subcategoria: Importância da vida escolar	
Entrevistado 1	É importante trazer a consciência da importância do aprendizado(...) Incentivar o estudo com brincadeiras (...) Utilizar métodos lúdicos
Entrevistado 2	Única coisa que a gente deixa claro para ela é que ela não tem outra responsabilidade para se preocupar (...) Eu entendo que é obrigação da criança entregar o boletim aprovado (...) No final do ano, ganha presente pelo esforço da aprovação, mas nada combinado (...) A gente conversa muito (...) Tento estar sempre perto dela, auxiliando
Entrevistado 3	Deve se falar com autoridade, para a criança saber que tem que cumprir uma regra, ser aprovado no final do ano letivo
Entrevistado 4	A gente conversa sobre a importância do aprendizado
Entrevistado 5	Um dos critérios é desenvolver o senso de responsabilidade(...) Aprendi com Montessori que a nossa melhor recompensa é interior(...)Tem que fazer porque é para o bem dela (...) A criança vai entender que aquilo é importante para ela
Entrevistado 6	“Digo para ela que é uma meta a ser alcançada (aprovação escolar) e que é importante que ela aprenda para a vida
Categoria: Princípios orientadores na relação de parentalidade	
Subcategoria: A presença é o melhor presente	
Entrevistado 1	Muitos pais só exigem dos filhos, mas não gastam tempo juntos (...) Quando você brinca com a criança, você entra no mundo dela (...) Se você não gasta tempo com a criança, ela se afasta de você
Entrevistado 2	A gente conversa muito, sempre que posso procuro estar junto dela
Entrevistado 3	Não é legal a recompensa, porque aumenta o consumismo (...) Levo no parque, se distrai catando frutas, observando os insetos (...) Eu gosto de brincar com ela, de conversar, dar atenção, carinho.
Entrevistado 4	Não abro mão de final de semana com eles . Brincar juntos., fazer o que eles gostam. Porque dessa forma eu vou conhecendo seus gostos e o jeito de cada um
Entrevistado 5	Respeitar uma criança não quer dizer que é dar a ela o que a gente quer, não é nem o que ela precisa (...) A gente tem na rotina, onde tem o tempo da família para fazermos alguma atividade juntos todos os dias
Entrevistado 6	Temos que dar tempo de qualidade aos nossos filhos. Desligar as telas, fazer uma pintura, construir um brinquedo, etc. Algo que seja do interesse da criança, para elas não se tornarem consumistas ou escravos digitais. A conexão jamais deve ser construída na base de recompensas, presentes. Dando tudo o que a criança quer, podemos criar crianças ostentadoras, que magoam seus colegas, esfregando o que tem na cara dos outros: Eu tenho, você não tem!
Subcategoria: Responsabilidade das crianças	
Entrevistado 1	Vou sempre pedindo a criança para ajudar, assim cresce sabendo que numa casa tem responsabilidades. Um ajuda o outro e assim gera um aprendizado de responsabilidade e cooperação.

Entrevistado 2	A distribuição de tarefas ajuda a criança ter responsabilidade e organização (...) Se deixar só para a mãe fazer, ela já sabe que é injusto (...) Se eu sujo eu tenho que limpar, se eu “bagunço” eu tenho que arrumar
Entrevistado 3	Ela participa de tarefas como uma forma lúdica para ajudá-la no estímulo
Entrevistado 4	É importante que eles ajudem nas tarefas para adquirirem responsabilidades e que saibam que tudo na vida tem regras
Entrevistado 5	É importante que a criança colabore, porque ela precisa aprender a viver em sociedade, saber que tem que colaborar com as coisas que pertencem a todos, sem olhar só para o umbigo. Por isso não adianta ensinar a fazer só as coisas dele (...) Precisa entender que o meio a qual eu pertença é de minha responsabilidade
Entrevistado 6	“A criança que participa das tarefas, se sente útil, responsável. Ela se sente parte da casa (...) A gente vai construindo valores sem perceber (...) vai vendo o trabalho que dá para fazer, vai valorizar o que o outro faz e o que ela faz
Subcategoria: Autonomia	
Entrevistado 1	Vou ensinando a criança se virar sozinha. O que a criança pode fazer deixa ela fazer. A criança fica orgulhosa do trabalho que realizou.
Entrevistado 2	Não faço muito para promover a autonomia dela. Eu faço muito por ela. Preciso trabalhar isso em mim
Entrevistado 3	É importante que ela consiga fazer as coisas sozinha (...) para ser independente
Entrevistado 4	Procuro ensinar a fazer tudo que eu sei que eles já são capazes de fazer para que eles sejam independentes
Entrevistado 5	A autonomia é fundamental para aprender fazer escolhas desde cedo. Na verdade a gente nasce com essa habilidade e é podado, porque dizem que as crianças não podem. (...) Graças a oportunidade que o meu filho tem desde cedo de fazer escolhas eu consegui entender que ele já tinha competência para entender o que era mais adequado para correr
Entrevistado 6	Oriento desde pequena para que ela faça o que ela consegue fazer, para que seja independente
Subcategoria: Respeito dos adultos pela criança	
Entrevistado 1	“Considero falta de respeito se alterar sempre com a criança (..) Mas se acontecer, devemos nos desculpar e dizer para a criança o que está errado (...) não uso a vara, mas de vez em quando solto uns gritos (...) Quando acontece a surra, a criança entende que o adulto responsável é mau, que está sendo maltratada (...) A criança tem que ser respeitada
Entrevistado 2	É preciso respeitar para ser respeitado
Entrevistado 3	Eu quero que quando ela for adulta ela saiba respeitar o próximo (...) Eu apanhei muito da minha mãe. Ela era muito nervosa. Não era respeitoso (...) Quando é preciso, eu dou uns gritos (...) A gente briga, brinca, perde um pouco de respeito com a intimidade
Entrevistado 4	Eu acredito que a gente se altere com os filhos pelo fato de que eles são crianças (...) Não tratamos um adulto da mesma forma (...) O legal é que a geração deles é diferente da nossa, a gente não tinha essa liberdade de chegar para os pais e falar: O que você

	falou me deixou magoado por exemplo, com isso nós vamos aprendendo a respeitá-los
Entrevistado 5	O quanto é maravilhoso a oportunidade que ele tem de poder se expressar, de dizer o que ele gosta, o que ele não gosta e ser respeitado, o quanto isso traz para ele essa segurança de verbalizar (...) Trate a sua criança como você trataria um adulto fazendo pirraça. Você conversa, grita ou bate? (...) Quando a criança se sente respeitada, ela respeita também
Entrevistado 6	É preciso saber respeitar para receber o respeito.
Subcategoria: Ser exemplo	
Entrevistado 1	A criança observa o adulto o tempo todo. Então devemos estar atentos às nossas atitudes porque vai refletir na criança. O adulto fazendo, é um incentivo para a criança fazer também
Entrevistado 2	Eu tento passar para ela o que os meus pais me passaram. A gente nunca vai ser cem por cento, mas eles sempre vão se espelhar na gente
Entrevistado 3	A criança tem de entender que tem coisas de adulto e coisas de criança. Mas o exemplo fala sempre mais alto.
Entrevistado 4	Eu me policio muito porque sei que eles querem fazer o que a gente faz e não o que a gente fala
Entrevistado 5	Não adianta pedir respeito e não respeitar (
Entrevistado 6	A criança quer fazer tudo o que ela vê o adulto fazer

Anexo III – Entrevistas

Entrevistado	E1
Idade	29 anos
Estado civil	Casada
Quant. De filhos	1
Idade do filho	3 anos
Estudante de escola	Creche pública
Formação	Nível secundário - Professora de Educação infantil e 1º seguimento do ensino fundamental
Atuação profissional	Professora de educação infantil
Descreva alguma situação “problema” que você tem com seu filho. É aquela do parquinho, quer ficar mais tempo no barquinho e faz birra. Porque a criança sempre acha que ficou pouquíssimo tempo e nós achamos que já ficou demais	
Como você se sentiu? (irritado, frustrado, ameaçado, magoado ou inadequado?) Fico bem tranquila	
O que você fez em resposta ao comportamento da criança? Converso com ela, ingambelo ela	
Qual sua opinião sobre o porquê do esse comportamento da criança? (ela quer chamar atenção, tá se vingando ...)	
Qual foi a resposta da criança em relação a atitude de resposta ao comportamento da criança? A gente se entende muito bem e ela entende.	

<p>Quais as sugestões alternativas que você pode tentar da próxima vez que o problema ocorrer? A gente pode contornar dando outras possibilidades, dando outras coisas que ela também gosta. Exemplo: não pode isso, mas isso pode.</p>
<p>Você fala com um adulto do mesmo modo que você fala com uma criança? O que é para você falar com respeito com uma criança? Acho que a gente tem de tentar não se alterar, mas se acontecer a gente tem de se desculpar e dizer por qual motivo se alterou, ou seja, qual foi a atitude da criança que a levou a alteração. Conversando para criança entender o porquê. Considero falta de respeito se alterar sempre com as crianças, porque elas estão em fase de desenvolvimeto, daí estão aprendendo e nós pais que devemos mostrar para elas o que é certo e o que é errado com paciência.</p>
<p>Como é feita a escolha da roupa a ser utilizada pela criança? Eu sempre dou a possibilidade de escolha para minha filha. A escolha da roupa que vai vestir, quando vou comprar biscoito, os temas de aniversário. Mas com orientação, porque às vezes tá frio e ela não quer colocar casaco, então eu a oriento. Eu acho importante a possibilidade de escolha, pois faz a criança perceber que a vida é feita de escolhas e que cada escolha traz uma consequência. Como a criança reage a isso? A criança se acha importante, porque com a possibilidade de escolha ela se torna independente.</p>
<p>A criança participa da elaboração do cardápio das refeições em família? Se sim. De que forma? Se não. Por que? Na cozinha eu só deixo ela secar a louça de plástico, varrer a casa, arrumar a cama dela, por enquanto. Mas ela gosta de ajudar, está sempre pedindo para ajudar. Eu tô ensinando ela a gostar de ajudar. Com isso a criança cresce sabendo que numa casa tem responsabilidades, um adulto tem responsabilidades. E que um ajuda o outro, um faz pelo outro e assim gera um aprendizado de responsabilidade e cooperação para a vida toda.</p>
<p>A criança participa da elaboração das refeições em família? Sim. No que é seguro.</p>
<p>A criança participa das distribuições de tarefa do lar? Sim. Ajuda pendurar a roupa, varrer a casa.</p>
<p>De que forma são estipulados os horários das crianças na casa: horário de dormir, tempo de tela, lição de casa... Com a pandemia ficou difícil estabelecer rotina, tanto dos pais quanto dos filhos, porue a criança quer ver desenho o tempo todo e há troca de horário no trabalho constantemente. Mas normalmente tem rotina estabelecida.</p>
<p>Como é feita a disponibilização da manipulação de objetos pela criança? É colocado banquinho para acessibilidade e disponibilizado objetos que não traga risco de machucar a criança.</p>
<p>Para você qual a importância da interação social de sua criança em ambientes diversos? É importante para que haja socialização com outras crianças, para o desenvolvimento da criança. Para ajudar a partilha, desenvolver o vocabulário, comer melhor.</p>
<p>Como você percebe o estado de maturação da criança para esta adquirir um novo aprendizado? Observando a criança. Muitas vezes a minha criança quer fazer sozinha, mas algumas coisas eu não deixo porque tenho cuidado para ela não se machucar</p>
<p>Como é praticada a colaboração no ambiente familiar entre os membros da família?</p>

Divisão de tarefas.
O que você faz quando a criança tira uma nota abaixo da média ou uma nota não esperada? Não procede.
O que você faz para que a sua criança tenha um bom rendimento escolar e seja aprovado ao final do ano escolar? Trazer a consciência da importância do aprendizado. Podemos incentivar o estudo com muitas brincadeiras, utilizar métodos de aprendizagem, estar juntos, em família, pois muitos pais exigem muito, mas não gastam tempo junto dos filhos.
De que forma você ajuda a criança em seus aprendizados para desenvolver o seu potencial máximo (no seu desenvolvimento)? É necessário observar a criança, estar mais tempo juntos. Trazer a possibilidade de propiciar a criança o treino da atividade, investir na criança
Em seu contexto familiar os espaços de interação e os indivíduos são selecionados, como, por exemplo, crianças de mesma idade? Eu acho que quanto mais houver interação de diferentes idades, mais acontece o aprendizado, mas para isso é necessário que se tenha um adulto responsável por perto para observar e orientar, porque a criança ainda não tem ainda a total noção do bem e do mal e por isso pode absorver coisas indesejadas. A criança quer aprender e a outra quer passar o que ela sabe e o aprendizado acontece. Idades diferentes ajuda muito no desenvolvimento da criança. O mais velho que já tem algum aprendizado se acha importante quando ensina o outro e vai querendo aprender cada vez mais para ensinar o mais novo, para ajudar o outro, para ser útil. O aprendizado passa a ter significado, e não simplesmente para passar na prova
Existe uma promoção de contato com a natureza para sua criança? Por que? Minha criança brinca muito no quintal, bastante mato, tem contato com os cachorros, busca flores, tem toda liberdade. É importante o contato com a natureza porque a criança aprende muito da observação.
Existe uma rotina e organização na vida da criança? Sim. A partir da necessidade.
Como você enxerga a conexão entre você e os seus filhos? Como é feita essa conexão? Nós somos praticamente a mesma pessoa. A gente tá sempre junto. A gente dorme junto, acorda junto, conversa muito, brinca muito. Se você não brincar com a criança você se afasta dela. Quando você brinca com a criança, você entra no mundo dele. Temos que mostrar para a criança que tem uma criança dentro de você. Brincando, o adulto pode ensinar muito a criança.
Faça o que eu digo não faça o que eu faço. Já teve situações em que sua criança disse, mas você também faz? O que é ser exemplo para a criança. A criança observa o adulto o tempo todo. Então devemos estar atentos as nossas atitudes porque vai refletir na criança. O adulto fazendo é um incentivo para a criança também fazer.
O que você faz para promover autonomia do seu filho? Eu deixo ela sempre me ajudar um pouquinho, porque ela sempre quer ajudar, quer aprender a fazer. Vou ensinando a criança se virar sozinha. Filha tira a roupa, coloca o chinelo e devagar eles vão aprendendo. Ensinar a criança que cada coisa deve ter o seu lugar e ensinar a criança a guardar as coisas no lugar. O que a criança pode fazer, deixa ela fazer. A criança fica orgulhosa do trabalho que ela realizou.
O que você acha dos castigos e punição? Dão resultados em longo prazo? Comente. Aqui eu não uso a vara. Coloco sentadinha para a criança pensar. Depois converso com a criança para explicar o que tá errado, mas de vez em quando solto uns gritos. Acho que a conversa dá resultado, a varada não
Você acha que os castigos e punições são respeitosos com as crianças? Comente.

As crianças entendem que a mãe ou o adulto responsável é mau quando acontece a surra, que está sendo maltratada.

Quais as características você quer ver no seu filho quando este se tornar adulto?
Eu quero que ela saiba respeitar o próximo, tenha responsabilidade, saiba diferenciar o bem e o mal, saiba que a vida é feita de escolhas e que cada escolha gera uma consequência. Quero que ela seja bom.

Entrevistado	E2
Idade	37 anos
Estado civil	Casada
Quant. De filhos	1
Estudante de escola	Particular
Idade do filho	8 anos
Formação	Nível secundário - Professora de Educação infantil e 1º seguimento do ensino fundamental
Atuação profissional	Empreendedora – ramo moda feminina
Descreva alguma situação “problema” que você tem com seu filho. Ela tem muita preguiça de fazer a lição de casa. Agora com a aula online eu tenho que ficar em cima para orientar. Se deixar por ela, não pega.	
Como você se sentiu? (irritado, frustrado, ameaçado, magoado ou inadequado?) Eu acho bem cansativo. Aqui em casa, as atividades dela são poucas, em relação a ajudar dentro de casa. Mas a maior preocupação dela tem que ser com os estudos. Então eu fico muito chateada de ter que sempre ficar lembrando. Época de prova, eu ter que ficar em cima pra ela estudar. É muito cansativo.	
O que você fez em resposta ao comportamento da criança? Além de chamar bastante atenção eu tento iniciar os estudos com ela. Eu tiro o celular, principalmente quando eu vejo que ela tá tendo dificuldade em alguma lição. Ela fica uma semaninha sem o celular para poder se dedicar melhor.	
Qual sua opinião sobre o porquê desse comportamento da criança? (ela quer chamar atenção, tá se vingando ...) Ela tem um período que ela se desenvolve bem, mas tem períodos que eu tenho que ficar em cima. Hoje em dia eu acho que o problema é o celular.	
Qual foi a resposta da criança em relação a atitude de resposta ao comportamento da criança? Não muito positiva.	
Quais as sugestões alternativas que você pode tentar da próxima vez que o problema ocorrer? Talvez tentar alguma coisa mais atrativa.	
Você fala com um adulto do mesmo modo que você fala com uma criança? O que é para você falar com respeito com uma criança? Dependendo da situação, a gente acaba se alterando com a criança.	
Como é feita a escolha da roupa a ser utilizada pela criança? Possibilidades eu até abro, mas eu acho que ela ainda é muito dependente de mim. Ela pergunta: mãe com que roupa que eu vou? Acho que isso é um erro meu. Porque eu sempre vou lá e pego a roupa e dou na mão dela. Como a criança reage a isso?	
A criança participa das distribuições de tarefa do lar? Como é feita a distribuição de tarefas no lar? Há pouco tempo que eu dou algumas atribuições pra ela. Como lavar a louça, organizar o quarto dela. Ajuda, na cozinha, mas não mexe com faca, nem com fogo. Eu ou uma mãe muito medrosa.	

<p>É importante a distribuição de tarefas, porque ajuda ela ter responsabilidades. É uma casa, onde só mora, ela, o pai e eu, e se jogar tudo pra cima de mim pra eu fazer, ela em si já sabe que é injustiça. Já desperta nela a responsabilidade, a organização. Se eu sujo eu tenho que limpar. Se eu bagunço, eu tenho que arrumar.</p>
<p>De que forma são estipulados os horários das crianças na casa: horário de dormir, tempo de tela, lição de casa...</p> <p>A gente não estipula muito essa questão de horário, mas o dia a dia já criou uma rotina. A necessidade foi criando uma rotina.</p>
<p>Como é feita a disponibilização da manipulação de objetos pela criança?</p> <p>Desde pequena, ela via a gente fazer e ela queria fazer igual. Disponibilizava coisas que ela podia mexer, como biscoitos, frutas.</p> <p>Até uns 4 ou 5 anos ela utilizava copos de plástico.</p>
<p>Para você qual a importância da interação social de sua criança em ambientes diversos?</p> <p>Minha filha quando menor era uma criança muito distante de todo mundo. Então eu coloquei ela na escola com dois anos de idade e depois no inglês, porque eu achava muito necessário ela ter contato com outras pessoas, com outras crianças. Ela era muito bicho do mato. Mesmo fim de semana, eu sempre levo ela a lugares para ela ter contato com outras pessoas.</p>
<p>Como você percebe o estado de maturação da criança para esta adquirir um novo aprendizado?</p> <p>É bem complicado, porque a gente como mãe, tá sempre querendo guardar o nosso filho, mesmo na questão da faca, mas eu vi que tinha necessidade dela começar usar, por causa da cobrança dela.</p>
<p>Como é praticada a colaboração no ambiente familiar entre os membros da família?</p> <p>Vai se moldando conforme a necessidade.</p>
<p>O que você faz quando a criança tira uma nota abaixo da média ou uma nota não esperada?</p> <p>Eu sou bem flexível. Quando eu percebo que ela está com dificuldade, eu guardo o celular e coloco pra estudar. Se ela estudou, ela não vai tirar uma nota dois, mas se ela estudou e tirou sete eu acabo incentivando. Eu quero que ela aprenda, que ela se desenvolva, mas sem cobrar notas altas.</p>
<p>O que você faz para que a sua criança tenha um bom rendimento escolar e seja aprovado ao final do ano escolar?</p> <p>Única coisa que a gente deixa claro pra ela é: você não tem outro tipo de responsabilidade pra se preocupar, então sua preocupação tem que ser com seus estudos. Então eu entendo que a obrigação da criança é entregar o boletim aprovado, mas sem barganhas. Eu acho que é uma responsabilidade deles estudarem.</p>
<p>De que forma você ajuda a criança em seus aprendizados para desenvolver o seu potencial máximo (no seu desenvolvimento)?</p> <p>Ela fazia balet no colégio e resolveu que não queria mais e foi para o karate. Então eu acho que ela ainda não descobriu e eu ainda não consegui acompanhar. Uma coisa que eu acho legal nel é que desde pequena eu percebo que ela gosta de se empenhar no inglês. Então eu coloquei ela no inglês.</p>
<p>Em seu contexto familiar os espaços de interação e os indivíduos são selecionados, como, por exemplo, crianças de mesma idade?</p> <p>Eu acho que quando as crianças têm a mesma idade e uma não adquiriu o mesmo aprendizado que as outras, há uma diminuição da criança. Como: Você não sabe isso?</p> <p>Mas se tivessem idades diversas e um acompanhamento específico para cada um, e um adulto responsável para conduzir, não teria problema.</p>
<p>Existe uma promoção de contato com a natureza para sua criança? Por que?</p> <p>Eu estou em falta quanto a isso. É importante para o desenvolvimento da criança.</p>

Existe uma rotina e organização na vida da criança? Você acha isso importante? Por quê? Sim. A rotina é feita a partir dos horários de escola, curso etc
Como você enxerga a conexão entre você e os seus filhos? Como é feita essa conexão? Aqui em casa nós temos uma conexão boa. A ideia é não ter segredos, não mentir, mesmo se fizer alguma coisa de errado, conta. A gente conversa muito. Tento estar sempre perto dela.
Faça o que eu digo não faça o que eu faço. Já teve situações em que sua criança disse, mas você também faz? O que é ser exemplo para a criança. Eu tento passar pra ela o que meus pais me passaram. A gente nunca vai ser 100 por cento, mas eles sempre vão se espelhar na gente.
O que você faz para promover autonomia do seu filho? Ainda não faço não. Eu faço muito por ela. Tenho a noção que isso não é legal, eu preciso trabalhar isso ainda.
O que você acha dos castigos e punição? Dão resultados em longo prazo? Comente. Eu vou na conversa, mas se precisar eu dou umas sacudidaszinha. Eu acho que o que dá resultados de longo prazo é o castigo. Eu tiro o celular como um castigo para ela estudar.
Quais as características você quer ver no seu filho quando este se tornar adulto? Eu quero que ela consiga absorver todos os valores que eu passo pra ela hoje. Honestidade, garra, independente, saber a diferença do bem e mal, ser um cidadão de bem, trabalhador, empenhado em boas causas. Então se a gente cria a criança num bom caminho, o restante é consequência. O importante é que ela siga um bom caminho, que seja feliz, que tenha sonhos.

Entrevistado	E3
Idade	42 anos
Estado civil	Casada
Quant. De filhos	1 Especial (síndrome de Down)
Idade do filho	5 anos
Estudante de escola	Creche pública
Formação	Nível Superior em formação – Pedagogia
Atuação profissional	Empreendedora – ramo festas
Descreva alguma situação “problema” que você tem com seu filho. Está numa fase de mandar língua. E o tempo de celular. Se deixar ela fica o tempo todo.	
Como você se sentiu? (irritado, frustrado, ameaçado, magoado ou inadequado)? Fico muito brava, envergonhada.	
O que você fez em resposta ao comportamento da criança? Para eu não brigar ou bater. Até porque agora tem que ter esse cuidado também. Eu tento chamar atenção dela, ser dura. Eu peço pra fono me ajudar a conversar com ela, porque mãe né. A gente briga, brinca, perde um pouco de respeito com a intimidade. Eu abaixo na altura dela e falo com ela com firmeza, mas, ainda assim, ela continua a fazer e as vezes leva uns tapas, quando estou muito nervosa, eu confesso. Eu tiro o celular, quando ela tem que fazer outras atividades. Porque tem hora pra tudo.	
Qual sua opinião sobre o porquê desse comportamento da criança? (ela quer chamar atenção, tá se vingando ...)	

<p>É um misto de emoção. Eu tento me controlar, até por causa da condição especial dela. Mas eu acho que é mal-criação mesmo.</p>
<p>Qual foi a resposta da criança em relação a atitude de resposta ao comportamento da criança Ela continua a fazer.</p>
<p>Quais as sugestões alternativas que você pode tentar da próxima vez que o problema ocorrer? Pedir ajuda para um profissional. Pesquisar sobre o assunto.</p>
<p>Você fala com um adulto do mesmo modo que você fala com uma criança? Eu falo com autoridade no sentido de educar.</p>
<p>Como é feita a escolha da roupa a ser utilizada pela criança? Eu que ainda escolho as roupas dela, porque não acho que ela tenha percepção para isso ainda. Ela tá começando agora me apontar o que ela quer vestir. Como a criança reage a isso? Fica feliz.</p>
<p>A criança participa das distribuições de tarefa do lar? Como é feita a distribuição de tarefas no lar? Sim. É uma forma lúdica que eu uso para ajudá-la no estímulo. Ela adora ajudar. É importante por conta da condição dela, de interação e também pra vida social, para ser independente. Outro dia ela bateu forte a geladeira e caíram dois ovos no chão e ela limpou, sem eu precisar falar. Eu fiquei muito feliz.</p>
<p>De que forma são estipulados os horários das crianças na casa: horário de dormir, tempo de tela, lição de casa... A rotina é feita a partir das necessidades.</p>
<p>Como é feita a disponibilização da manipulação de objetos pela criança? Utiliza uma cadeirinha para acessibilidade. Com dois anos ela escalou a pia, mostrando que ela queria ter acesso também. Além de perceber isso, eu percebi também a força dela.</p>
<p>Para você qual a importância da interação social de sua criança em ambientes diversos? É muito importante por conta da condição dela. Até para as outras crianças aprenderem a lidar com ela. É importante a interação para se socializar. É preciso a interação para que um aprenda com o outro. Para que um ajude o outro nas suas especificidades.</p>
<p>Como você percebe o estado de maturação da criança para esta adquirir um novo aprendizado? Agora que eu estou descobrindo. Um outro dia eu percebi que ela aprendeu uma frase em inglês, cantando música na internet. Então eu pensei comigo, agora acho que posso puxar um pouco mais dela, nesse sentido. É uma questão de observar e incentivar.</p>
<p>Como é praticada a colaboração no ambiente familiar entre os membros da família? Cada um vai fazendo o que precisa.</p>
<p>O que você faz quando a criança tira uma nota abaixo da média ou uma nota não esperada? Eu procuro ajuda de um profissional, porque eu acho que rende mais, com a mãe a intimidade acho que atrapalha um pouco.</p>

<p>O que você faz para que a sua criança tenha um bom rendimento escolar e seja aprovado ao final do ano escolar?</p> <p>Não é legal a recompensa. Tá comprando a criança. E aumenta o consumismo. Deve se falar com autoridade, para a criança saber que tem que cumprir uma regra.</p>
<p>De que forma você ajuda a criança em seus aprendizados para desenvolver o seu potencial máximo (no seu desenvolvimento)?</p> <p>Observar o que a criança gosta. E dar ferramentas para a criança se aperfeiçoar, como colocar num curso, num clube etc.</p> <p>Ela se pendurava em tudo, dava cambalhota. Eu coloquei ela na ginástica.</p>
<p>Em seu contexto familiar os espaços de interação e os indivíduos são selecionados, como, por exemplo, crianças de mesma idade?</p> <p>É bom para as crianças entenderem o universo das outras. Mas no geral, as crianças maiores não gostam de dar atenção para as menores</p>
<p>Existe uma promoção de contato com a natureza para sua criança? Por que?</p> <p>É importante para resgatar nossa essência. Levo no parque, cata fruta, observa os insetos.</p>
<p>Existe uma rotina e organização na vida da criança? Você acha isso importante? Por quê?</p> <p>Sim. É importante para a criança saber o que tem que fazer a seguir...</p>
<p>Como você enxerga a conexão entre você e os seus filhos? Como é feita essa conexão?</p> <p>Eu gosto de brincar com ela, de ficar muito tempo com ela conversando com ela, acorda dou beijos, dou atenção, digo que amo.</p>
<p>Faça o que eu digo não faça o que eu faço. Já teve situações em que sua criança disse, mas você também faz? O que é ser exemplo para a criança.</p>
<p>O que você faz para promover autonomia do seu filho?</p> <p>Deixo ela fazer o que percebo que ela consegue.</p>
<p>O que você acha dos castigos e punição? Dão resultados em longo prazo? Comente.</p> <p>Fica no cantinho do pensamento, tirar o que a criança gosta é válido. Bater não.</p>
<p>Você acha que os castigos e punições são respeitosos com as crianças? Comente.</p> <p>Eu apanhei muito. Minha mãe era muito nervosa. Não era respeitoso, ela não tinha sabedoria nessa parte. A violência não resolve . A gente tem que procurar a forma de aprender a lhe dar com a criança.</p>
<p>Quais as características você quer ver no seu filho quando este se tornar adulto?</p> <p>Eu quero ver nela o que eu to tentando refletir nela desde agora, para ela ser uma pessoa do bem. Amor ao próximo, respeito ao próximo., tenha empatia. Plantando o bem, vai colher o bem.</p>

Entrevistado	E4
Idade	34 anos
Estado civil	Casada
Quant. De filhos	2
Idades do filhos	9 e 11 anos
Estudante de escola	Pública
Formação	Nível secundário -Formação geral

Atuação profissional	Zeladora
<p>Descreva alguma situação “problema” que você tem com seu filho. Ter que ficar mandando escovar os dentes todos os dias.</p>	
<p>Como você se sentiu? (irritado, frustrado, ameaçado, magoado ou inadequado?) Fico muito chateada, cansada</p>	
<p>O que você fez em resposta ao comportamento da criança? Deixei um recado embaixo do espelho do banheiro</p>	
<p>Qual sua opinião sobre o porquê desse comportamento da criança? (ela quer chamar atenção, tá se vingando ...) Não querer perder tempo de brincar.</p>	
<p>Qual foi a resposta da criança em relação a atitude de resposta ao comportamento da criança. Funcionou. Eles escovavam com mais frequência.</p>	
<p>Quais as sugestões alternativas que você pode tentar da próxima vez que o problema ocorrer? Quadro de rotina</p>	
<p>Você fala com um adulto do mesmo modo que você fala com uma criança? O que é para você falar com respeito com uma criança? Eu acredito que a gente fale mais alto com a criança, pelo fato de que ela é criança. Aprontou demais, quebrou alguma coisa, a gente se altera. Porque o adulto vai retrucar, a criança não. A gente já faz um prejulgamento. Se ela quebrou é porque vive correndo, não presta atenção A medida que eles vão crescendo, a gente vai aprendendo muitas coisas com eles mesmos. Eles vão falando. Se eles estão sentindo alguma coisa, eles falam o que estão sentindo. A medida que eles vão falando, indagando, se colocando, a gente vai aprendendo a ter mais respeito com eles. O legal é que a geração deles é diferente da nossa, a gente não tinha essa liberdade de chegar para o pai ou para a mãe e falar: olha, o que você falou, me deixou magoado etc.</p>	
<p>Como é feita a escolha da roupa a ser utilizada pela criança? Eles escolhem. Desde pequenos, eles tinham acesso as roupas que podiam usar. Como a criança reage a isso? Ficam contentes</p>	
<p>A criança participa das distribuições de tarefa do lar? Como é feita a distribuição de tarefas no lar? Sim. Ajudam bastante. Hoje eles se oferecem para ajudar. Além da distribuição das tarefas. Tem algumas tarefas que eles não gostam de fazer, a gente faz o revezamento. É importante para que eles adquiram responsabilidade e saiba que tudo na vida tem regras.</p>	
<p>De que forma são estipulados os horários das crianças na casa: horário de dormir, tempo de tela, lição de casa... Sim eu estipulo junto com eles os horários.</p>	
<p>Como é feita a disponibilização da manipulação de objetos pela criança? Quando eles eram pequenos eu tinha muito medo que eles se machucassem com faca, garfo, copo de vidro etc Eu vim liberar a pouco tempo. Pra acessar pia e lavatório, utilizavam um banquinho.</p>	

<p>Para você qual a importância da interação social de sua criança em ambientes diversos? A gente sempre proporciona pra eles essa interação social, nas praças, nos parques, na igreja, etc. É importante para que eles se socializem</p>
<p>Como você percebe o estado de maturação da criança para esta adquirir um novo aprendizado? De forma natural. Eles mesmos, passaram esta confiança, quando se interessaram pelo assunto, ou atividade.</p>
<p>O que você faz quando a criança tira uma nota abaixo da média ou uma nota não esperada? A gente procura saber o que aconteceu e tenta ajudar, ficando mais ao lado da criança</p>
<p>O que você faz para que a sua criança tenha um bom rendimento escolar e seja aprovado ao final do ano escolar? A gente conversa sobre a importância do aprendizado. No final do ano eles ganham um presente pelo esforço, mas nada combinado.</p>
<p>De que forma você ajuda a criança em seus aprendizados para desenvolver o seu potencial máximo (no seu desenvolvimento)? Primeiro está atento as pequenas coisas. Descobri que meu filho se interessa muito por inglês porque joga o videogame e com isso ele busca aprender inglês. Ou seja, é um estímulo o jogo já é um estímulo e se puder colocar num curso.</p>
<p>Em seu contexto familiar os espaços de interação e os indivíduos são selecionados, como, por exemplo, crianças de mesma idade? A forma de pensar, o linguajar é totalmente diferente. O que a criança conhece é mais avançado que o que as outras menores conhecem. Acredito que seja bom para ambos, se a criança já tiver maturidade para diferenciar o bem e o mal, caso contrário é necessário um adulto para orientar.</p>
<p>Existe uma promoção de contato com a natureza para sua criança? Por que? Muito. Eu acho que é importante ensinar que é preciso respeitar a natureza, até porque nós precisamos dela e devemos cuidar para que tenhamos hoje e para a nova geração.</p>
<p>Existe uma rotina e organização na vida da criança? Você acha isso importante? Por quê? Sim. É importante para que eles se situem.</p>
<p>Como você enxerga a conexão entre você e os seus filhos? Como é feita essa conexão? Procuro está sempre com eles. Não abro mão de final de semana com eles. Brincar juntos. Fazer o que eles gostam. Porque dessa forma eu vou conhecê-los.</p>
<p>Faça o que eu digo não faça o que eu faço. Já teve situações em que sua criança disse, mas você também faz? O que é ser exemplo para a criança. Eu me polio muito, porque eu sei que eles querem fazer o que a gente faz e não o que a gente fala.</p>
<p>O que você faz para promover autonomia do seu filho? Procuro ensiná-los a fazer tudo que eles são capazes de fazer. Ensino pra que eles sejam independentes.</p>
<p>O que você acha dos castigos e punição? Dão resultados em longo prazo? Comente. Eu coloco de castigo, tiro alguma coisa que ele gosta muito. Agora já não precisa tanto, pelo fato de eles estarem com mais entendimento, não tenho mais tanta necessidade de dar broncas ou castigo.</p>
<p>Você acha que os castigos e punições são respeitosos com as crianças? Comente. O castigo como forma de educar sim. Como tirar o celular por exemplo.</p>
<p>Quais as características você quer ver no seu filho quando este se tornar adulto? Responsáveis, independentes, personalidade, segurança, cidadão de bem.</p>

Entrevistado	E5
Idade	40 anos
Estado civil	Casada
Quant. De filhos	1
Idade do filho	4 anos
Estudante de escola	Particular
Formação	Nível Superior – Pedagogia – Especialização em Montessori
Atuação profissional	Diretora de escola Montessori
<p>Descreva alguma situação “problema” que você tem com seu filho. A dificuldade maior que nós temos com ele é devido a timidez. Ele tem muita resistência de falar com as pessoas e ai tem uma cobrança muito grande, por parte da sociedade para que essa criança fale com os outros. Então isso pra gente é difícil até mesmo com a família. É uma situação bem delicada. Porque as pessoas ficam esperado que a gente cobre da criança. Eu como mãe, entendo que é o perfil dele , ele é extremamente tímido, mas também me sinto pressionada em dar uma satisfação pra sociedade.</p>	
<p>Como você se sentiu? (irritado, frustrado, ameaçado, magoado ou inadequado?) Me sinto pressionada. Tento não dar muito crédito, mas, confesso que tem momentos que a gente acaba entrando nessa pressão sim.</p>	
<p>O que você fez em resposta ao comportamento da criança? Eu comecei a procurar ajuda, não por causa dessa pressão da sociedade, pode ser que indiretamente ou inconscientemente isso esteja atrelado, mas eu comecei procurar ajuda de dois profissionais. Uma de uma médica antroposófica, que acompanhou ele desde pequeno. Eu busquei ajuda de profissional, porque eu percebi que ele estava sofrendo com essa timidez, ele queria muitas vezes falar com as pessoas, mas ele não conseguia e me pede para que eu fale com as pessoas por ele e quando a gente precisava ir para algum lugar , qualquer evento, e não só com desconhecido não, com pessoas conhecidas também ou receber pessoas na minha casa. Ele se trancava no quarto dele, ele se isolava. Ele estava ficando até muito ofegante om a presença das pessoas . Até então quando era só uma timidez e eu não percebia um sofrimento maior nele, eu só conversava com ele. Dizia que ele não precisava dar beijo em ninguém , nem abraçar ninguém, mas que ele podia falar um oi e um tchau e as pessoas já dariam por satisfeitas. Mas eu sinto que as pessoas sempre esperam que eu o faça abraçá-los e beijá-los, mas eu percebo que isso não é uma coisa simples pra ele. Então eu tento respeitar e trabalhar isso nele, pra que ele consiga conviver com isso, para que isso não seja um sofrimento pra ele. Porque ele vai ter de se relacionar com as pessoas, faz parte da vida. Mas eu vou respeitando o tempo dele, o limite dele.</p>	
<p>Qual sua opinião sobre o porquê desse comportamento da criança? (ela quer chamar atenção, tá se vingando ...) Eu entendo que esse é o perfil dele. É da natureza dele. Desde pequeno a gente percebe que ele é caseiro. Ele é muito tranquilo. Ele é na dele. Até mesmo na escola, ele brinca,</p>	

brinca, brinca, chega o momento que não dá mais pra ele, ele se retira . E depois volta. E desde muito cedo, não sei se é por causa do nosso dialogo sempre em casa, ele aprendeu a canalizar as emoções dele de uma maneira muito interessante, quando ele tinha tres anos a gente viu um episodio dele se aborrecer com um amigo e eu estava fazendo gelatina e ele me pediu se podia fazer junto, porque ele tava nervoso com o amigo e se ele me ajudasse ele ia se acalmar. Ele já sabia desviar o foco das suas emoções.

Qual foi a resposta da criança em relação a atitude de resposta ao comportamento da criança

A resposta foi muito positiva. Ele está muito mais solto hoje

Quais as sugestões alternativas que você pode tentar da próxima vez que o problema ocorrer?

Tentar entender de onde vem, o que causa isso. No caso dele é muito genética favorável a isso, mesmo que não seja dos pais. Eu tive uma gravidez de risco e eu fiz o pré-natal com uma médica que eu não confiava . Eu acho que isso trouxe pra ele uma desconfiança. Porque essa timidez é muito maior com adulto.

Tento encontrar ferramentas para auxiliá-lo.

Quando a gente ia se encontrar com parentes mais distantes. Eu conversava com ele e dizia filho nós vamos visitar os seus tios, seus avós. Eles amam muito você. Então quando chegar lá fala oi com todo mundo. Quando for embora dá um tchau pra todo mundo. Depois ele vai se soltando, ficando mais tranquilo naquele ambiente e quando vê tá conversando com as pessoas , agora durante a pandemia ele entrou na zona de conforto e quando a gente voltou a se relacionar com as pessoas eu vi que isso tinha tomado uma proporção muito maior, aí fui procurar ajuda, porque era além do que eu tinha condições de fazer como mãe. Até porque, por mais que a mãe tenha algum tipo de experiência na área de educação , com o filho é sempre muito diferente.

É importante o adulto observar, aceitar e respeitar. Não é fácil, eu tive o meu momento de recusar, rejeitar, não a riança, mas a característica. De querer que ele fosse diferente. Porque por mais que a gente tenha conhecimento, na vez do nosso filho, a gente quer uma criança simpática, que fale com todo mundo. É um processo também pra gente, entender os filhos e respeitar os que eles são.

Por mais que a gente queira exibir os filhos. É preciso respeitar e oferecer ajuda quando o problema é pra eles e não pra gente.

Você fala com um adulto do mesmo modo que você fala com uma criança?

Às vezes a gente perde a paciência e se altera, mas peço desculpas e explico qual atitude da criança eu não gostei ou não está bem.

Como é feita a escolha da roupa a ser utilizada pela criança?

Ele desde que nasceu tem o quarto preparado, para que ele tenha acesso às roupas e objetos que ele pode escolher.

Essa possibilidade é importante, porque a autonomia é fundamental. Aprender fazer escolhas desde cedo. Na verdade a gente nasce com essa habilidade e é podado, porque disseram que as crianças não podem.

Meu filho com 2 anos não queria mais usar sandálias, só tenis. Eu perguntei pra ele por quê que você não usa mais sandália, só tenis. Ele me respondeu: porque tenis corre mamãe, sandália não. Porque a brincadeira preferida dele era correr. Então graças à oportunidade que ele tinha de fazer escolhas eu consegui entender que o meu filho já tinha competência para entender o que era mais adequando para correr.

Ele é uma criança extremamente aguçada, ele é uma criança que ele fala muito bem tudo o que ele sente e o que ele pensa, se expressa com muita clareza.

O quanto é maravilhoso a oportunidade que ele tem de poder se expressar de dizer o que ele gosta, o que ele não gosta e ser respeitado, o quanto isso traz pra ele essa segurança de verbalizar pra gente claramente todas as percepções que ele tem.

Eu vejo que o fato de eu estar educando ele dessa forma, o quanto está trazendo pra mim, autoconhecimento, o quanto eu to me desvencilhando de medos e inseguranças. De olhar pra ele e falar que eu não quero que ele repita, então o que eu tenho de desconstruir em mim o que eu não quero que ele repita.

Eu fui procurar ajuda e comecei a ver todas as coisas que eu trazia da minha infância, porque muito de nós reproduzimos a nossa criação. Se não começar em mim eu não tenho como passar pra ele.

A criança participa da elaboração do cardápio das refeições em família? Se sim. De que forma? Se não. Por que?

Nós temos uma rotina em casa que nós fizemos juntos, eu, ele e o pai. Ele tem as tarefas dele, o tempo de brincar, muito tempo de brincar. Mas todos os dias ele precisa fazer, pelo menos, uma tarefa que seja para o bem comum da casa. Porque ele tem que entender que é um espaço onde todo mundo se ajuda. Desde que ele começou a andar ele sempre foi inserido nessas atividades de casa. Eu ia colocar uma roupa no varal, ele ajudava, tudo que eu sabia que ele podia fazer. Então ele já criou esse hábito. Agora ele já vem e pede para ajudar. Agora ele está interessado de ir para o fogão. Ele já corta, já lava louça. Agora ele quer chegar perto do fogo.

Tem o tempo da gente brincar juntos, tem o tempo da gente fazer atividades da casa.

A criança participa da elaboração das refeições em família? Se sim. De que forma? Se não. Por que?

É importante que a criança colabore, porque ela precisa aprender viver em sociedade, saber que tem que colaborar com as coisas que pertencem a todos, sem olhar só para o umbigo. Por isso não adianta ensinar só fazer as coisas dele, é entender que a gente precisa ser colaborativo. E que o meio a qual eu pertencço é de minha responsabilidade também cuidar.

A criança participa das distribuições de tarefa do lar? Como é feita a distribuição de tarefas no lar?

Sim. Em reunião familiar

De que forma são estipulados os horários das crianças na casa: horário de dormir, tempo de tela, lição de casa...

Nós temos uma rotina em casa que nós fizemos juntos, eu, ele e o pai. Ele tem as tarefas dele, o tempo de brincar, muito tempo de brincar. Mas todos os dias ele precisa fazer, pelo menos, uma tarefa que seja para o bem comum da casa.

Não tem horário estipulado, mas tem uma sequência. Exemplo: acordar, tomar café, etc. Observando o rendimento dele. Por exemplo, não colocava atividades pra ele fazer de manhã. Pra ele era melhor de manhã assistir ao desenho, porque ele precisa de um tempo pra acordar.

Eu fiz a rotina por escrito e fiz um desenho para que ele pudesse entender a sequência, já que ele ainda não ler. Ele mesmo acompanha e diz o que ele tem de fazer.

A rotina não pode ser baseada no que é bom pra mim somente. Porque cada um tem uma demanda e isso precisa ser respeitado.

<p>Como é feita a disponibilização da manipulação de objetos pela criança?</p> <p>A casa foi bem-adaptada pra ele. A gente preparou um espaço na sala pra ele ficar. Não teve berço, nem cercado. A cama dele era no chão. Todas as coisas que ele precisava pegar a gente adaptou pra ele. Na cozinha a gente tinha a torre de aprendizado. Ele tinha uma mesinha e uma cadeirinha para fazer as refeições. As coisas que ele pode escolher pra comer ficam no baixo. Para ter independência, com 4 anos ele já toma banho sozinho. E isso traz segurança para as crianças. A criança aprende a questionar com fundamento, não é teimosia pela teimosia.</p>
<p>Para você qual a importância da interação social de sua criança em ambientes diversos? É importante para o desenvolvimento.</p>
<p>Como você percebe o estado de maturação da criança para esta adquirir um novo aprendizado?</p> <p>Eles mesmos vão nos dando pítas. Vai mudando o interesse. Eu sigo o que ele demonstra interesse.</p> <p>Ele vira e meche me pede uma caixa de fósforo de presente. Ele quer ficar riscando, riscando. Agora ele já domina o fósforo. Ele manuseia a faca desde muito cedo, desde dois anos. Faca, copo de vidro. A gente sempre demonstra pra ele o risco, então se ele conhece o risco, o acidente é praticamente zero. A criança tende a ser mais cauteloso. Se eu não deixo experimentar nunca, ele vai pegar escondido um dia e aí sim vai ter problema.</p>
<p>O que você faz para que a sua criança tenha um bom rendimento escolar e seja aprovado ao final do ano escolar?</p> <p>Um dos critérios pra gente desenvolver o senso de responsabilidade. Isso eu aprendi com Montessori é que as nossas consequências e punições são internas. Então a gente tem de entender que a nossa melhor recompensa é interior. Eu ter a satisfação de que eu consegui. E a criança não precisa da recompensa, se a gente não educá-la dessa forma. Então nós nunca fizemos isso. Tem que fazer porque tem que fazer, porque é par o bem de todo mundo, porque é para o bem dele. Tem que comer coisas saudáveis porque é importante para o desenvolvimento dele.</p> <p>Eu acho que tudo está baseado no tipo de dialogo que a gente tem. A criança entende que aquilo é importante pra ela.</p>
<p>De que forma você ajuda a criança em seus aprendizados para desenvolver o seu potencial máximo (no seu desenvolvimento)?</p> <p>Primeiro conhecer muito bem esse filho. Acho que os pais observam muito pouco as crianças, não dão espaço pra elas se expressarem, pra elas serem. A partir do momento que a gente conhece essa criança a gente vai dando ferramentas pra ela. Podemos apresentar pra eles as possibilidades e alimentar o interesse da criança</p>
<p>Em seu contexto familiar os espaços de interação e os indivíduos são selecionados, como, por exemplo, crianças de mesma idade?</p> <p>As escolas tradicionais form formatadas com essa estrutura seriada, porque ela foi demanda pra atender uma demanda da sociedade pautada na revolução industrial, então a gente tinha que produzir em série que é o que a indústria faz. Então naquela época o objetivo da criança ir a escola era diferente do objetivo de hoje. Então tudo mudou menos a escola. Então elimina as possibilidades. O ambiente múltiplo é muito mais rico. Você reduz a competitividade, porque ali você tem um que sabe muito bem ler e um que sabe muito bem jogar bolinha de gude. Outro sabe muito bem a matemática e o outro corre muito rápido, então a gente ouviu muito na nossa geração que o mundo é competitivo, mas é competitivo porque a gente faz ele ser assim. Agora o fato de eu</p>

<p>também não saber lidar com a diferença eu estou pronto pra ser competitivo? Sou competitivo a custo do quê? E muitas vezes não quer dizer que o fato de eu saber respeitar o outro que eu não saiba participar de um processo seletivo. Muito pelo contrário. Eu aprendo também a lidar com o fracasso. Ok se eu não passei, ele foi melhor do que eu nesse quesito, foi mérito dele. Então eu preciso me preparar melhor da próxima vez. Outro fator que eu acho muito rico é que cada ser se desenvolve em um tempo. Então não quer dizer que todas as crianças de oito anos estejam preparadas para o terceiro ano, não quer dizer que todas as crianças de seis anos estejam prontas para serem alfabetizadas.</p>
<p>Existe uma promoção de contato com a natureza para sua criança? Por que? Além dos benefícios pra saúde, o desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento corporal. Quanto mais eu exploro meu corpo, mais livre está a mente para o aprendizado. Outro benefício é o de pertencimento. Que eu faça parte do todo, que eu não sou superior ao meio. Fazemos parte da natureza.</p>
<p>Existe uma rotina e organização na vida da criança? Você acha isso importante? Por quê? Sim. É importante para que a criança não fique “perdida”.</p>
<p>Como você enxerga a conexão entre você e os seus filhos? Como é feita essa conexão? Respeitar a criança, não quer dizer que é dar a ela o que a gente quer, não é nem o que ela precisa. A gente vive uma geração de adultos que não tiveram quando criança e aí agora eu tenho possibilidade de dar para o meu filho, aí eu dou. É super prazeroso pra gente, mas às vezes a gente dá o que a gente quer e não dá o que ela precisa. A gente precisa dar o respeito, mas a gente precisa entender que respeito é esse. A gente estuda pra tudo na vida, mas a gente não estuda pra ser pai e mãe. O adulto precisava ter uma preparação mínima para ter filhos. Ter o mínimo de conhecimento em desenvolvimento infantil. Trate a sua criança como você trataria um adulto fazendo birra. Você conversa ou bate? Como você agiria? Quando a criança se sente respeitada, ela respeita também.</p>
<p>Faça o que eu digo não faça o que eu faço. Já teve situações em que sua criança disse, mas você também faz? O que é ser exemplo para a criança. Não adianta pedir respeito se você não respeita.</p>
<p>O que você faz para promover autonomia do seu filho? Eu deixo ela sempre me ajudar um pouquinho, porque ela sempre quer ajudar, quer aprender a fazer. Vou ensinando a criança se virar sozinha. Filha tira a roupa, coloca o chinelo e devagar eles vão aprendendo. Ensinar a criança que cada coisa deve ter o seu lugar e ensinar a criança a guardar as coisas no lugar. O que a criança pode fazer, deixa ela fazer. A criança fica orgulhosa do trabalho que ela realizou.</p>
<p>O que você faz quando não sabe mais o que fazer com as atitudes ou escolhas de seus filhos?</p>
<p>O que você acha dos castigos e punição? Dão resultados em longo prazo? Comente. Lá em casa tem consequência, como tudo na vida. Então a gente faz os combinados. Então, todo mundo sofre com o banho, eu também. Então se ele quer minha ajuda, tem que ser na hora que eu posso, se na hora que eu posso, ele não quer vir, ele vai tomar sozinho. É uma escolha dele. Ele precisa entender desde cedo que o outro também tem um limite. Porque se não, eles são o centro da atenção, o mundo é deles né? Se tornam os reis da casa. Aconteceu uma duas vezes que ele escolheu tomar banho sozinho, mas depois ficou chorando me pedindo ajuda, aí eu disse não, msinto muito,</p>

you chose to take a shower alone. If I back out, next time, he will choose to take a shower alone, because he knows I will help. He will cry until he is tired, crying is part of it, I understand that you will be annoyed, so tomorrow you think about making your choice.

He continued choosing to take a shower alone and did not ask for more help.

Do you think that punishments and sanctions are respectful to children? Comment.

No. I understand that a child can think that the way to solve things is with violence. It is like that that the problem is solved?

So when I lose control, after I always talk to him and I say, look, I'm not like that. I got very irritated because of this and this, but it's not like that that it's solved, shouting. I say sorry. It's not ideal, but it's important that he knows that people also make mistakes and say sorry. In most cases the problem is not the child, it's the person who is already annoyed with other things or tired and then the rope breaks on the side of the weaker.

Normally I warn him: I'm getting irritated and if he continues I'll give him a slap and he gets scared, because it's not routine. After I talk to him and I say that when I warn you that I'm irritated, you stop, because continuing is a form of aggression, the other is a disrespect. Because it also doesn't allow you to disrespect the limit of the other and demand balance from him. Ah but they say, he's only four years old ... He was born already ready to be educated, every day.

What characteristics do you want to see in your son when he becomes an adult?

I want him to feel safe, well with himself. That he is ready to deal with the other, with the challenges of society, that he respects the other, that he understands his own limits and the limits of the other, and that he is not so heavy, of the type of living in the shadow of the other. Respect his limits.

When people can be safe and have this self-knowledge, respectful to the other and things flow.

Entrevistado	E6
Idade	47 anos
Estado civil	Casada
Quant. De filhos	1
Idade do filho	12 anos
Estudante de escola	Particular
Formação	Nível Superior – Pedagogia
Atuação profissional	Professora de Ensino Fundamental I
Descreva alguma situação “problema” que você tem com seu filho. O único problema que nós temos é com relação ao tempo de internet. Ela sempre foi muito obediente, muito tranquila, nunca deu trabalho.	
Como você se sentiu? (irritado, frustrado, ameaçado, magoado ou inadequado)? Às vezes impotente, porque a internet vicia, você deixa só um pouquinho e aquele pouquinho se estende. Com a pandemia piorou.	
O que você fez em resposta ao comportamento da criança? A gente tenta controlar, limitando o tempo, conversando sobre os perigos da internet, mas às vezes sai do limite. Até porque, quer assistir filme no computador ou celular, conversar com os amigos pela internet. Tento muito o diálogo, mas prestando muita atenção	

<p>Qual sua opinião sobre o porquê desse comportamento da criança? (ela quer chamar atenção, tá se vingando ...) distração da atualidade.</p>
<p>Qual foi a resposta da criança em relação a atitude de resposta ao comportamento da criança Não responde positivamente, sempre volta para usar a internet. O fato de ser filha única, complica muito essa relação, porque os amigos estão todos online, as brincadeiras também, nos jogos online. Por mais que a gente crie brincadeiras ou jogos, filmes em família, quando acaba ela volta pra internet. Todos os problemas que eu não tive com ela, eu estou tendo agora com a internet.</p>
<p>Quais as sugestões alternativas que você pode tentar da próxima vez que o problema ocorrer? Quando os filhos são muitos pequenos ainda, os pais já dão celulares, tablets para os filhos ficarem quietinhos ... primeiro tablet dela, ela ganhou porque queria ser blogueira. A gente tava sempre juntos, realmente isso se intensificou agora que ficamos isolados. A gente tem que se policiar muito enquanto pais, tem que observar o que eles estão fazendo, temos que orientar, tem que limitar esse tempo, por mais que eles não queiram, por mais que eles façam pirraças. Tem que ter um limite, por mais que os amigos estejam ali. Tem que qualificar esse tempo com as crianças. Vamos fazer uma pintura, vamos fazer uma carta, uma produção textual, dependendo do interesse da criança, estar mais perto da criança. Para não deixar que os eletrônicos tomem conta dessa criança. A internet ao mesmo tempo que ela ajuda muito, ela pode vir a prejudicar muito também se a gente não intervir. Por mais que a gente tenha ocupação, a gente tem obrigação de dar um tempo de qualidade para nossas crianças, pra elas não se tornarem escravos digitais.</p>
<p>Você fala com um adulto do mesmo modo que você fala com uma criança? O que é para você falar com respeito com uma criança? Quando a gente fala com uma criança para chamar atenção, a gente muda o tom. Eu acho que devemos saber falar com uma criança. Por mais que você se altere, você tem que chamar atenção dentro de um limite. Enquanto profissional eu trago isso muito pra casa, mas é diferente o tom que você fala com um filho e o tom que você fala com um aluno, devido a intimidade. Mesmo assim devemos ter respeito. Por mais que você se altere, a criança tem de perceber que tem amor ali, que é para o bem dela.</p>
<p>Como é feita a escolha da roupa a ser utilizada pela criança? Eu escolhia uma roupa e minha filha ainda muito pequena, com três aninhos, escolhia outra. Quando ela fez isso pela primeira vez foi surpreendente. A gente já entendeu que tinha de respeitar a escolha dela. Ela tem liberdade de escolha até hoje. Quando a gente vê que é uma roupa que não cabe para ocasião, a gente conversa. Como a criança reage a isso? Ela ficou muito feliz, acho que ela entendeu que a gente respeitou o espaço dela. É muito importante ouvir a criança, dar voz a ela. A gente só vai dando corda pra elas e quando vê elas vão nos dando respostas muito positivas</p>
<p>A criança participa das distribuições de tarefa do lar? Como é feita a distribuição de tarefas no lar? Desde pequena ajuda na preparação das refeições. Hoje faz bolo melhor que eu. De tanto ela ser chamada para participar destas coisas, hoje ela já pergunta: o quê que eu posso fazer para te ajudar? E ela fala mãe pega no quarto, que eu vou pegar na sala. Porque se eu acabar mais rápido, eu vou ter mais tempo pra estar com ela. É importante dá qualidade para os momentos da criança. Em muitos momentos, quando os pais estão ocupados, ao invés de darem uma distração para o filho com celulares, tablets ou televisão, podem solicitar ajuda nas elaborações das refeições</p>

<p>ou tarefas. Vamos conversar enquanto a gente faz as tarefas? A gente vai construindo valores, sem perceber, vai dando independência a ela. Ela vai saber o que quer fazer, vai ver o trabalho que dá para fazer, vai valorizar o trabalho que o outro faz, o que ela faz...</p> <p>a criança quando participa das tarefas, ela se sente útil, responsável. Ela se sente parte da casa...</p>
<p>De que forma são estipulados os horários das crianças na casa: horário de dormir, tempo de tela, lição de casa...</p> <p>Tem uma rotina estabelecida. Sempre estabelecemos as atividades que devem ser feitas , a partir das necessidades de todos. O tempo livre, as brincadeiras fazem parte das necessidades das crianças.</p>
<p>Como é feita a disponibilização da manipulação de objetos pela criança?</p> <p>Sempre usamos o banquinho, quando ela não alcançava.</p> <p>A criança tem de ter o espaço para se movimentar.</p>
<p>Para você qual a importância da interação social de sua criança em ambientes diversos?</p> <p>É tão importante a interação social, que devido ao isolamento social, minha filha teve que fazer tratamento com psicólogo...</p> <p>essa troca, esse calor humano, faz muita falta...</p> <p>o aprender, o didático, a criança pode até aprender em casa, mas essa troca ali de um com outro, faz toda diferença e faz falta. Falta o calor humano, falta a brincadeira de criança, falta uma troca que via online, não dá pra acontecer.</p> <p>As crianças trocam experiências, que faz toda diferença no aprendizado. Um ajuda o outro. Eles juntos, as situações vão acontecendo , vão aparecendo, numa brincadeira.</p>
<p>Como você percebe o estado de maturação da criança para esta adquirir um novo aprendizado?</p> <p>As próprias crianças nos dão as dicas. Então você entende que eles estão amadurecendo, quando eles estão te pedindo mais.</p> <p>Todo dia você dá banho na criança. Um dia ele te fala, não mamãe, eu vou lavar aqui sozinho...é só perceber os gestos, o comportamento, ouvi-los...</p>
<p>Como é praticada a colaboração no ambiente familiar entre os membros da família?</p> <p>Vai se moldando a partir das necessidades.</p>
<p>O que você faz quando a criança tira uma nota abaixo da média ou uma nota não esperada?</p> <p>Procuro conversar e vê o que aconteceu. Porque não conseguiu alcançar a média. Tentar acalmar a criança e dizer pra ela que isso pode acontecer com todos. Procurar ajudá-la. Se não puder ajudar, procurar alguém que possa e contornar a situação.</p>
<p>O que você faz para que a sua criança tenha um bom rendimento escolar e seja aprovado ao final do ano escolar?</p> <p>Digo pra ela que é uma meta a ser alcançada e que é importante que ela aprenda todos os dias, para a vida, mas sem recompensas ou castigos</p>
<p>De que forma você ajuda a criança em seus aprendizados para desenvolver o seu potencial máximo (no seu desenvolvimento)?</p> <p>Perceber o que a criança gosta, o que ela quer saber e orientar a criança quanto ao caminho que deverá ser percorrido para se alcançar tal objetivo.</p>
<p>Em seu contexto familiar os espaços de interação e os indivíduos são selecionados, como, por exemplo, crianças de mesma idade?</p> <p>Eu sempre tive muito cuidado nesse sentido. Eu procuro conhecer as pessoas que ela está se relacionando. E acho necessário que tenha um adulto para observar e orientar as interações. É importante, até para eles aprenderem a se defender...</p> <p>um jogo de futebol, por exemplo, não vai acontecer, ha menos que os mais velhos aprendam a ter cuidado com o mais novo...</p>
<p>Existe uma promoção de contato com a natureza para sua criança? Por que?</p> <p>É importante, porque as crianças hoje em dia, não sabem mais brincar, correr, subi r numa árvore...</p>

<p>Existe uma rotina e organização na vida da criança? Você acha isso importante? Por quê? A vida da gente tem que ter uma rotina , mas a criança tem que brincar muito, mas também precisa entender que tem que ter ordem, mas criança tem que ter vida de criança...</p>
<p>Como você enxerga a conexão entre você e os seus filhos? Como é feita essa conexão? Muito diálogo, para a criança perceber que você se preocupa com ela , que você a ama.</p> <p>Os pais não podem fazer todas as vontades dos filhos, porque estes se tornam crianças que ostentam, crianças que magoam as outras, crianças maldosas...</p> <p>É um conjunto da obra, desde que eles são pequeninos, quando você cuida, que você ouça a criança, que tenha empatia, é um amor e um respeito que vai sendo construído. O respeito que o seu filho vê que você está tendo com os avós dele, o respeito que ele vê você tendo com as pessoas, independente da idade, tudo vai construindo ali o caráter, a índole da criança.</p> <p>Gritar, impor no grito, você faz a criança te temer, você não faz a criança te respeitar. Criança: Minha mãe tá chegando! (medo)</p> <p>Quando se tem conexão, até quando a criança tá fazendo arte, ela te chama pra ver o que ela está fazendo. Em vez de você sair gritando, esbravejando, segura, respira fundo, conta até três e vai lá.</p> <p>Brincar, dá importância para o que ele gosta. Eles se sentem importante e sabem que se precisar da sua ajuda , atenção, ele vai ter... A criança tem que sentir que ele é importante pra você.</p>
<p>Faça o que eu digo não faça o que eu faço. Já teve situações em que sua criança disse, mas você também faz? O que é ser exemplo para a criança. A criança quer fazer tudo o que ela vê o adulto fazer, mas procuro explicar p ele o que é p adulto e o que é para criança</p>
<p>O que você faz para promover autonomia do seu filho? Vai orientando, desde pequeno, para que ele faça o que ele consegue fazer...</p>
<p>O que você acha dos castigos e punição? Dão resultados em longo prazo? Comente. A punição não traz benefício algum,</p> <p>Eu acredito que a vara é no sentido instruir... A punição gera revolta, sentimento de vingança... a criança aprende a resolver as coisas com violência...</p>
<p>Quais as características você quer ver no seu filho quando este se tornar adulto? Eu quero vê-la realizada, honesta, ponderada, questionadora, saber a diferença do bem e do mal.</p>